

respirar como direito de existir

epistemologia do armário e trajetórias de
vida de mulheres lésbicas



Simone Silveira Moraes

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA

SIMONE SILVEIRA MORAES

**RESPIRAR COMO DIREITO DE EXISTIR:
EPISTEMOLOGIA DO ARMÁRIO E TRAJETÓRIAS DE VIDA DE MULHERES
LÉSBICAS**

Sorocaba

2024

SIMONE SILVEIRA MORAES

**RESPIRAR COMO DIREITO DE EXISTIR:
EPISTEMOLOGIA DO ARMÁRIO E TRAJETÓRIAS DE VIDA DE MULHERES
LÉSBICAS**

Dissertação apresentada para a banca de avaliação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar - *Campus* Sorocaba como parte das exigências para obtenção do título de Mestra em Estudo da Condição Humana. Área de concentração: A Condição Humana na Contemporaneidade. Linha de Pesquisa: Diferenças e Desigualdades no Contemporâneo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Viviane Melo de Mendonça

Sorocaba

2024

Moraes, Simone Silveira

Respirar como direito de existir: epistemologia do armário e trajetórias de vida de mulheres lésbicas / Simone Silveira Moraes -- 2024.

150f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Viviane Melo de Mendonça

Banca Examinadora: Claudia Regina Lahni, Ana Luísa Alves Cordeiro

Bibliografia

1. Mulheres lésbicas. 2. Epistemologia do armário. 3. Respiração. I. Moraes, Simone Silveira. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979|

SIMONE SILVEIRA MORAES

RESPIRAR COMO DIREITO DE EXISTIR:
EPISTEMOLOGIA DO ARMÁRIO E TRAJETÓRIAS DE VIDA DE MULHERES
LÉSBICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana para obtenção do título de Mestre em Estudos da Condição Humana. Sorocaba, 23 de julho de 2024.

Orientadora

Dr.^a Viviane Melo Mendonça

Universidade Federal de São Carlos – *Campus* Sorocaba

Examinadora

Dr.^a Claudia Regina Lahni

Universidade Federal de São Carlos – *Campus* Sorocaba

Examinadora

Dr.^a Ana Luísa Alves Cordeiro

Universidade Federal de Mato Grosso

Dedico esta dissertação às minhas ancestrais, *in memoriam*: bisavó paterna Dolores Rojas, tia-avó paterna Zady Alfieri, avó paterna Jacyra Alfieri e avó materna Elizena Conforti; e a todas as mulheres que respiram esperança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus.

Agradeço aos meus guias por toda a energia, proteção e inspiração recebidas. Agradeço à minha mãe e ao meu pai, portais da vida para minha caminhada de aprendizados.

Agradeço à querida Vivi, minha orientadora, que com sua generosidade, acreditou na minha capacidade de caminhar, readequou seu próprio ritmo em respeito aos meus passos e me reconduziu na travessia, todas as vezes em que me perdi no emaranhamento dos meus pensamentos.

Agradeço às Professoras Claudia e Ana Luisa que aceitaram o convite para compor a banca da minha qualificação, que doaram o que nelas transborda, que é o conhecimento e a capacidade de transmiti-lo.

Agradeço às minhas amigas Juliana e Suelen, ambas por terem me indicado pontos de refazimento durante minha andança, representados pelas constelações familiares e pela Umbanda Sagrada.

Agradeço ao meu filho Gabriel, que mesmo achando uma loucura escrever uma dissertação, me puxou as orelhas quando lhe contei que era a terceira e última vez que eu tentaria entrar neste programa de mestrado. Em suas palavras: “você desiste muito fácil de você” (sic).

Agradeço sobretudo às mulheres lésbicas que aceitaram participar desta pesquisa, confiando a mim, a escuta e o testemunho de suas histórias de vida. Ao falar sobre nossa história, lembramos e podemos ressentir tudo o que nos afetou, portanto, meu mais profundo respeito e gratidão a elas, por terem possibilitado a existência deste trabalho.

Agradeço ao meu companheiro, Ricardo. Respeitou minha decisão, minhas ausências, meus isolamentos, minhas crises e meu próprio tempo. Amar é validar a outra pessoa, reconhecendo a sua alteridade, e isto independe do estar de acordo com suas escolhas.

Por fim, agradeço a mim!

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo analisar as trajetórias de vida de mulheres lésbicas, focando nas experiências de refúgios e saídas do armário no contexto de suas relações com outras mulheres da família e como essas interações podem afetar a saúde mental, especialmente no que diz respeito à ansiedade. Utilizando uma abordagem qualitativa e entrevistas semiestruturadas, foram ouvidas três mulheres que se autoidentificam como lésbicas, residentes no interior do estado de São Paulo, com idades entre 35 e 48 anos. As falas dessas mulheres foram analisadas com base nas práticas discursivas teórico-metodológicas da psicologia social. Os resultados revelaram que as mulheres lésbicas enfrentam níveis elevados de ansiedade devido ao preconceito heteronormativo ainda prevalente na sociedade. Outro aspecto identificado foi que o impacto da classe social e raça nas experiências dessas mulheres, constatado na análise da interseccionalidade de orientação sexual, classe e raça, agrava ainda mais o preconceito e a discriminação vivenciados. A mulher lésbica negra tem em seus enfrentamentos o acúmulo do marcador da cor e a vulnerabilidade financeira afeta ainda mais a mulher lésbica, sobretudo diante da discriminação familiar, quando pode obrigá-la a sair de casa. Assim, a análise das entrevistas identificou que as interações com familiares, sobretudo com as mulheres da família, podem ser tanto fontes de apoio quanto de estresse, influenciando significativamente a saúde mental das entrevistadas, revelando que a aceitação ou rejeição familiar afeta os níveis de ansiedade das mulheres lésbicas. A pesquisa também revelou o papel da religião na vida das entrevistadas e o quanto as formações religiosas podem contribuir para o aumento dos níveis de ansiedade, como também podem se estabelecer como fonte de bem-estar e pertencimento. O estudo revelou que mulheres lésbicas podem enfrentar grande dificuldade de respirar quando saem do armário, pois os olhares das pessoas da família que poderiam acolhê-las, frequentemente deixam de reconhecê-las em sua identidade.

Palavras-chave: lésbicas; negras; saúde mental; armário, respiração

ABSTRACT

The research aimed to analyze the life trajectories of lesbian women, focusing on the experiences of refuges and coming out of the closet in the context of their relationships with other women in the family and how these interactions can affect mental health, especially with regard to anxiety. Using a qualitative approach and semi-structured interviews, three women who self-identify as lesbians, living in the interior of the State of São Paulo, aged between 35 and 48, were interviewed. The speeches of these women were analyzed based on the theoretical-methodological discursive practices of social psychology. The results revealed that lesbian women face high levels of anxiety due to the heteronormative prejudice still prevalent in society. Another aspect identified was that the impact of social class and race on the experiences of these women, found in the analysis of the intersectionality of sexual orientation, class and race, further aggravates the prejudice and discrimination experienced. Black lesbian women face the accumulation of the color marker in their struggles and financial vulnerability affects lesbian women even more, especially in the face of family discrimination, when it can force them to leave home. Thus, the analysis of the interviews identified that interactions with family members, especially with women in the family, can be both sources of support and stress, significantly influencing the mental health of the interviewees, revealing that family acceptance or rejection affects anxiety levels of lesbian women. The research also revealed the role of religion in the lives of the interviewees and how religious backgrounds can contribute to increased levels of anxiety, as well as establishing themselves as a source of well-being and belonging. The study revealed that lesbian women can face great difficulty breathing when they come out of the closet, as the looks of family members who could welcome them often fail to recognize their identity.

Keywords: lesbians; black; mental health; closet, breathing

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Etapas da análise das entrevistas	29
Quadro 2 - Exemplo com a estrutura usada para o mapa de análise das entrevistas....	137

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
memórias da construção de uma pesquisa	10
CAPÍTULO 1	21
apontamentos: produção acadêmica sobre as mulheres lésbicas no Brasil	21
CAPÍTULO 2	32
situando a metodologia da pesquisa.....	25
CAPÍTULO 3	32
Vitória: liberdade, aceitação, preconceito.....	32
3.1 E FOI ASSIM QUE COMEÇOU	33
3.2 LIBERDADE DE SER/ESTAR FORA DO ARMÁRIO	37
3.3 EU NÃO SOU “TODO MUNDO”	47
CAPÍTULO 4	61
Valentina – Religiosidade, Família, Crenças	61
4.1 EU ME IDENTIFICO COMO UMA MULHER LÉSBICA	62
4.2 PONTO CRUZ	66
4.3 RETALHOS DAS SAÍDAS DO ARMÁRIO E O ENCONTRO COM MULHERES DA FAMÍLIA	70
4.4 RESPIRAR FORA DO ARMÁRIO	77
CAPÍTULO 5	81
Veridiana: O armário não oculta a cor de minha pele.....	81
5.1 TECENDO E DESFAZENDO AS MÁSCARAS	84
5.2 DESCOSTURANDO A MÁSCARA: REVELAÇÕES	87
5.3 RESPIRANDO PRESSÕES	94
5.4 ZONAS DE RESPIRO	100
CAPÍTULO 6	102
(des)encontros: Vitória, Valentina, Veridiana	102
6.1 COLCHA DE RETALHOS E A UNIÃO DAS SUAS EMENDAS	109
6.2 PUXANDO O AR: SAÚDE MENTAL DAS MULHERES LÉSBICAS	111
6.3 ZONAS DE RESPIRO: ANCORAGENS	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS	126
APÊNDICE 1 - MAPA DE ANÁLISE	137

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	138
APÊNDICE 3 - FICHA DE ADOÇÃO: RESULTADO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA SOBRE DISSERTAÇÃO E TESES.....	141

1 INTRODUÇÃO

memórias da construção de uma pesquisa

Vivemos um tempo de sufocamento.

Viviane Melo de Mendonça (2020, p. 155)

Tempos de sufocamento. Partindo da leitura da epígrafe escrita por uma pesquisadora lésbica, comecei com uma pergunta: onde podemos encontrar lugares respiráveis para mulheres nos tempos atuais de sufocamento? De modo específico, indaguei-me: por que e como pesquisar as vivências lésbicas dentro e fora do sufocamento do armário? Qual a importância de pesquisar as experiências de saídas do armário nas trajetórias de vida de mulheres lésbicas, com o objetivo de compreender se e como as relações sociais, familiares e de trabalho afetam a sua saúde mental? Por fim, posso eu, uma mulher heterossexual, pesquisar sobre mulheres não heterossexuais? Com essas questões, não sem muitas angústias e inseguranças, mobilizei-me para a pesquisa e para a escrita de uma dissertação que pretende compreender a condição humana das mulheres lésbicas na contemporaneidade.

No início da minha entrada no mestrado, o tema "Respiração" surgiu como um convite à reflexão após conversas com minha orientadora, que tem pesquisado o assunto a partir da perspectiva de Magdalena Górska. Deparei-me com os escritos da autora, todos em inglês, e por um breve instante confesso que me senti não pertencente ao tema. No entanto, ao recorrer às minhas próprias vivências de crises de ansiedade, onde literalmente me faltava o ar, percebi o quão caro me é este tema. A legitimidade da preservação da respiração condiciona a manutenção da vida, e “a respiração precisa ser entendida como um fenômeno material-semiótico e político” (Górska, 2020, p. 9).

No momento em que escrevo estas linhas sobre respiração e sufocamento, percebo-me questionando o que é de fato ser livre para respirar. A começar pela minha respiração, que neste momento está controlada, mas que nem sempre foi assim. Ontem mesmo, notei algumas dificuldades de respirar em meio a certos acontecimentos que me deixaram em estado de ansiedade. Em outro momento, resgatando a última conversa com minha orientadora de mestrado, lembro-me que, ao final da nossa reunião, pude respirar mais aliviada – diferentemente de quando fui entrevistada pela banca de seleção de mestrado, quando só o que sentia era a minha respiração ofegante.

Estas lembranças me fazem pensar sobre o quanto o ato de respirar é complexo, pois o oxigênio vem do externo, é uma substância material do ar que respiro, aquilo que me mantém

viva. Por outro lado, observo que o contexto social e político, ou os sentidos e significados que atribuo ao momento vivido – para além dos aspectos ambientais e fisiológicos – também podem afetar o meu respirar. Ou seja, o modo como respiro é atravessado pelas ocorrências ao meu redor. É nesse sentido que afirmo neste trabalho, com base em Górska (2020), que a respiração é um fenômeno material-semiótico e político.

Do ponto de vista biológico, o pulmão é o último órgão a amadurecer enquanto ainda não nascemos. A mulher tem sua respiração controlada se for submetida a um procedimento cesariano (parto cirúrgico) e é encorajada a respirar profundamente se for um parto natural. No entanto, quando saímos do ventre de nossas mães, seja por qual caminho for, é preciso que nossos pulmões estejam fortes o suficiente para respirarmos este mundo que nos espera – e que nunca nos espera de forma despreziosa, já que muitas de nós carregamos, sem saber, o peso de expectativas, sonhos e esperanças de outras e outros que já respiravam há algum tempo neste mundo. Dito de outro modo, é necessário muito fôlego para corresponder ao questionamento que se faz ao médico: “é menina ou menino?”. Em uma pergunta, desde o nascimento, já somos interpeladas por uma tecnologia de gênero que normatiza nossos corpos (De Lauretis, 2019). Como exemplifica Berenice Bento (2011, p. 550):

Enquanto o aparelho da ecografia passeia pela barriga da mãe, ela espera ansiosa as palavras mágicas que irão desencadear as expectativas. A ansiedade da mãe aumenta quando o aparelho começa a fixar-se ali, na genitália, e só termina quando há o anúncio das palavras mágicas: o sexo da criança. A materialidade do corpo só adquire vida inteligível quando se anuncia o sexo do feto. Toda a eficácia simbólica das palavras proferidas pelo/a médico/a está em seu poder mágico de gerar expectativas que serão materializadas posteriormente em brinquedos, cores, modelos de roupas e projetos para o/a futuro/a filho/a antes mesmo de o corpo vir ao mundo. (Bento, 2011, p. 550)

De acordo com Teresa De Lauretis (2019), dentro de cada cultura existem ideias e percepções compartilhadas sobre o que é considerado masculino e feminino. Essas concepções são vistas como duas categorias que se completam, mas também são mutuamente exclusivas, o que significa que uma pessoa é classificada como sendo do gênero masculino ou feminino. Essas classificações binárias formam o que chamamos de sistema sexo-gênero dentro de uma determinada cultura. Esse sistema é uma espécie de conjunto de símbolos e significados que associam o sexo biológico de uma pessoa a atributos, comportamentos e papéis sociais específicos. Ele funciona como uma estrutura que organiza e atribui significados às identidades de gênero e às expectativas de comportamento que acompanham essas identidades. Esses significados estão enraizados nos valores e nas hierarquias sociais da respectiva cultura, refletindo as visões e crenças hegemônicas.

Os sistemas de sexo-gênero estão estreitamente interligados a fatores políticos e econômicos presentes em cada sociedade. Portanto, o entendimento do gênero vai além do âmbito exclusivamente social e cultural, abrangendo também questões políticas e econômicas (De Lauretis, 2019).

No fluxo desta escrita sobre o sistema sexo-gênero, vem-me um outro pensamento enquanto observo minha respiração e noto que está um pouco mais acelerada, mas de um jeito bom, por me sentir em movimento mesmo estando sentada em frente a um notebook. Suponho a respiração como condição última para adentrarmos neste mundo e, ao mesmo tempo, observo que as condições a que as mulheres são submetidas dentro do sistema sexo-gênero em nossa sociedade podem legitimar ou não a continuidade desta mesma respiração. Em outras palavras, refiro-me, de modo específico, à violência contra as mulheres que persiste em nossa sociedade.

O recente boletim "Elas vivem: dados que não se calam", divulgado pela Rede de Observatórios da Segurança em 6 de março de 2023¹, revelou estatísticas preocupantes. No ano de 2022, foram registrados 2.423 casos de violência contra a mulher, sendo que 495 desses casos resultaram em feminicídios (Rede de Observatórios da Segurança, 2023). Esses números são um lembrete angustiante das graves consequências que a violência de gênero tem para as mulheres. A violência contra a mulher assume diferentes formas, como violência doméstica, agressão sexual, assédio e exploração, e suas ramificações vão muito além dos danos físicos. A violência contra a mulher também causa danos psicológicos e sociais, afetando negativamente a qualidade de vida das mulheres e suas oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional.

Reflito novamente sobre a respiração, enquanto condição vital, e o direito de existir por meio dela. Surgem, então, as seguintes indagações: Quais são as circunstâncias sociais, psicológicas e políticas que comprometem nosso direito de existência? De que maneira essas condições impactam materialmente nosso corpo, manifestando-se em crises de ansiedade relacionadas à respiração? Como a discriminação, o patriarcado, o sexismo e os preconceitos afetam as mulheres de maneira ampla e, de forma mais específica, como afetam materialmente as mulheres lésbicas? Essas questões foram o ponto de partida para a reestruturação do meu projeto de pesquisa.

Partindo das minhas memórias, que foram o chão para meu caminhar até o esboço de um projeto de pesquisa, e com o desejo de produzir algo que me fizesse sentido como mulher

¹ Disponível em: <https://cesecseguranca.com.br/textodownload/elas-vivem-dados-que-nao-se-calam/>. Acesso em: 7 jun. 2024.

e como sobrinha e sobrinha-neta de pessoas que não correspondiam aos padrões da cisheteronormatividade, cheguei ao programa de Mestrado em Estudos da Condição Humana da UFSCar. Era o ano de 2020, quando, em plena pandemia da COVID-19, cursei a disciplina de Ética e Metodologia em Pesquisa como aluna especial, após ser aprovada na primeira fase (prova escrita), mas não ter alcançado êxito nas demais.

Em um primeiro momento, encantei-me com a dinâmica da aula e com tudo o que ouvia dos professores responsáveis pela disciplina, a começar pelo repertório acadêmico que ambos traziam, cujos conhecimentos foram compartilhados em consonância com o respeito às potencialidades de cada estudante. Num segundo momento, tomei fôlego para novamente me inscrever no processo seletivo de 2021, tendo chegado um pouco mais próximo do meu objetivo, até a banca de avaliação do projeto.

Foi na terceira tentativa que, em março de 2022, ingressei como aluna regular, tendo como orientadora a Prof.^a Viviane Melo de Mendonça, cujo nome eu havia indicado quando fiz a inscrição. Embora a princípio me interessasse por compreender mais sobre as mulheres trans e suas experiências de vida, ao ser aprovada para cursar o mestrado, iniciando novas leituras e discussões em grupos de pesquisa, deparei-me com outras possibilidades de investigação que faziam com que eu pensasse incessantemente sobre como meu trabalho poderia vir a contribuir academicamente.

Sem perder os sentidos que haviam me levado até lá, as minhas questões de pesquisa foram transformadas na seguinte pergunta: Como pesquisar mulheres? Lembrei-me de que as mulheres com quem convivi em família foram decisivas para que eu pudesse compor minha subjetividade; eu as carrego em minhas células, que dão movimento aos meus pensamentos, medos e desejos, seja no mar revolto de dor, seja nas águas doces do amor. Então, como compreender a construção da subjetividade e das experiências de mulheres nas relações com outras mulheres? Foi no terceiro encontro de orientação que, em meio a ideias, autoras, teorias e artigos acadêmicos, ouvi um relato de minha orientadora que me fez decidir sobre o que de fato faria sentido pesquisar.

O relato é recorte de uma situação cotidiana, onde uma mulher recorre ao serviço médico e, antes de ser atendida, passa pela recepção para cadastro, com apresentação de documentos pessoais. Até esse momento, nada poderia apontar para qualquer desconforto que não fosse aquele que motivou sua ida até um pronto atendimento, cujo ambiente era adequado para tal, assim como os profissionais que ali se encontravam. No entanto, um detalhe, se é que assim pode ser considerado, poderia alterar sua respiração: um questionamento pela atendente que a levaria a declarar sua orientação sexual. O hospital era evangélico, o momento era de ascensão

de um movimento conservador-religioso que atacava diretamente a população LGBT. Como seria tratada naquele local? Com um corpo vulnerável e fraco pela doença, entrava em estado de alerta para, mais uma vez, estar na defesa de seu direito de existir. Lembranças de atos e palavras lesbofóbicos durante a sua história vinham à sua consciência. A atendente do hospital perguntou: “Você é casada?”. “Sim”, respondeu ela, enquanto sua esposa colocava uma das mãos em seu ombro. Mais do que mera pergunta para completar um cadastro, ali naquele momento a resposta pedia uma escolha baseada não só na verdade, mas na verdade possível, pois a realidade imposta pela heterossexualidade obrigatória poderia justificar o não revelar como forma de autopreservação da integridade física e mental. Indo além, a omissão quanto à não heterossexualidade a preservaria em partes, pois outra parte envolvida, quem a acompanhava, também poderia ser afetada, seja pelo sentimento de inclusão ou exclusão. Era o dilema do armário que imperava.

Nessa experiência cotidiana, onde recorrer ao atendimento de saúde tem como objetivo, em última instância, manter-se respirando (como condição básica para a continuidade da vida), expor ou ocultar a orientação sexual pode significar a saída de um lugar cujo preconceito injustificável justifica a sua existência: o armário. Em outras palavras, com base em Eve Sedgwick (1993), considerando a heterossexualidade como norma, declarar-se lésbica é se deslocar para fora do armário, não sem antes refletir sobre os custos e benefícios incluídos nesse deslocamento, considerando seus potenciais riscos. Sedgwick desenvolveu sua teoria colocando o armário como dispositivo marcador de corpos de pessoas lésbicas e gays e que, mesmo depois do que ocorreu em Stonewall em 1969, permanece como artefato que permeia corpos não normativos. A partir da noção da epistemologia do armário e da respiração foi que meu interesse de pesquisa se constituiu de modo mais delimitado.

Respirar é um ato fisiológico, mas também é afetivo, social e ambiental. Partindo da premissa de que o armário é uma imagem potente que pode contribuir para a compreensão da experiência específica da respiração de mulheres lésbicas, pergunto: como a vivência do armário – ou do sufocamento do armário –, o assumir-se ou não como lésbica, pode afetar corpomaterialmente as mulheres?

A noção de corpomaterialidade utilizada neste trabalho se refere à compreensão do corpo como uma entidade física e material intrinsecamente ligada à nossa experiência e existência no mundo. Dessa forma, reconhece-se a importância do corpo como ponto de partida para a vivência e ação humana. Assim, é possível compreender que natureza e cultura, corpo e sociedade, interno e externo, órgãos e fluidos corporais não são entendidos como separados

(como ocorre na fisiologia, por exemplo, para fins de categorização), mas como mutuamente constitutivos e diferenciados (Górska, 2016).

A compreensão do ser humano extrapola o entendimento de sua fisiologia e se expande para a totalidade da condição humana. Segundo Górska (2021, p. 110), “[...] o engajamento com a respiração a partir de uma perspectiva social e política pode mostrar como a materialidade corporal, os processos e as formas afetivas e físicas de habitar o mundo são questões de justiça social interseccional”. Diante dessa perspectiva, analisar a experiência da respiração, seus afetos e efeitos sociais e políticos da vivência dentro e fora do armário nas trajetórias de vida de mulheres lésbicas, em uma perspectiva interseccional, tornou-se um interesse de pesquisa.

Inspirada por Adrienne Rich (2010) e seu conceito de *continuum* lésbico, permito-me repensar a minha própria história como mulher heterossexual para compreensão dos motivos que me trouxeram para esta pesquisa. Enquanto mulher, trago em mim as marcas herdadas das críticas recebidas desde a minha primeira respiração, por meio de falas que pareciam atribuir a mim a responsabilidade de ser agradável aos olhos dos outros, bem como crescer dócil para me tornar uma boa esposa e mãe. Algumas falas me acompanharam durante as fases do meu desenvolvimento e, para efeitos de contextualização, descrevo três delas entre aspas: “Mulheres são perigosas, não se pode confiar, veja o que Eva fez para Adão”; “Você é uma flor de maracujá”; “Tomara que você se case com um homem que beba e lhe bata todos os dias, para que aprenda a obedecer”. A última frase era pronunciada com base na minha postura questionadora, que aos poucos foi arrefecendo, não sem antes eu ter sido expulsa de casa aos 19 anos de idade, ao contrariar o que era instituído pelo meu pai de forma arbitrária.

A obra de Rich (2010) propõe conceitos fundamentais, como a existência lésbica e o *continuum* lésbico, que possuem um caráter político e representam uma forma de resistência ao patriarcado que oprime e afeta mulheres de todas as orientações sexuais, sejam elas lésbicas, bissexuais, trans ou heterossexuais. Ao abordar a existência lésbica, Rich (2010) destaca a importância de reconhecer a diversidade e a complexidade das experiências das mulheres, independentemente da orientação sexual. Ela sugere que a existência lésbica não se limita apenas à prática sexual ou à identificação como lésbica, mas sim a uma forma de viver e de se relacionar com outras mulheres, baseada na solidariedade, na valorização das vozes femininas e na busca por uma transformação social. Além disso, entendo o conceito de *continuum* lésbico como aquele que introduz a ideia de que as mulheres podem experimentar atração, conexões emocionais e políticas com outras mulheres, independentemente de sua orientação sexual. Esse *continuum* desafia as categorias rígidas e binárias de sexualidade, convidando as mulheres a

explorarem as possibilidades de conexões e alianças entre si, superando as fronteiras impostas pelo patriarcado.

Interseccionando com o patriarcado, o preconceito racial se manifesta de forma intensa. À luz da análise da relação entre raça e gênero de Grada Kilomba (2019), a experiência da mulher negra lésbica ilustra vividamente essa intersecção entre tais opressões. Nesse contexto, a marginalização dessas mulheres é agravada pela constante negação de suas identidades, resultando em uma existência subalternizada e frequentemente invisibilizada.

Ao reconhecer a existência lésbica e o *continuum* lésbico, engajo-me em uma prática política e de pesquisa que desafia as normas e as estruturas de poder patriarcais. Essa perspectiva me permite refletir sobre as formas em que o patriarcado me afeta como mulher heterossexual, levando em consideração as experiências e as opressões compartilhadas pelas mulheres em geral. Conforme justifica Rich (2010):

Optei por usar o termo existência lésbica e continuum lésbico porque o termo lesbianismo tem alcance limitado e clínico. Existência sugere tanto o fato da presença histórica de lésbicas quanto da nossa criação contínua do significado dessa mesma existência. Entendo que o termo continuum lésbico possa incluir um conjunto – ao longo da vida de cada mulher, não simplesmente o fato de que uma mulher tivesse alguma vez tido ou conscientemente tivesse desejado uma experiência sexual genital com outra mulher. Se nós ampliarmos isso a fim de abarcarmos muito mais formas de intensidade primária entre mulheres, inclusive o compartilhamento de uma vida interior mais rica, um vínculo contra a tirania masculina, o dar e receber de apoio prático e político, se nós podemos ouvir isso em associações, como uma resistência ao casamento em um comportamento digamos exaurido, identificado por Mary Dale (significados obsoletos: “intratável”, “obstinada”, “licenciosa”, e “impudica”, “uma mulher relutante de receber cortejos”), nós começaremos a compreender a abrangência da história e da psicologia feminina que permaneceu fora do alcance como consequência de definições mais limitadas, na maioria clínicas, de lesbianismo. (Rich, 2010, p. 35-36)

Dessa forma, ao adotar uma abordagem fundamentada nas noções de existência lésbica e *continuum* lésbico de Rich (2010), o trabalho acadêmico pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual as mulheres possam desafiar as opressões patriarcais e buscar conexões autênticas e solidárias umas com as outras.

Ao mesmo tempo, é indispensável olhar para a saúde mental das mulheres na perspectiva racial, visto que o Brasil é um país que ainda enfrenta significativos problemas de preconceito racial. De acordo com Sueli Carneiro (2005), o racismo estrutural afeta todas as esferas da vida das pessoas negras no Brasil, desde o mercado de trabalho até o acesso à educação e saúde. Assim, o racismo é uma problemática enraizada na sociedade brasileira, perpetuando desigualdades e violências contra a população negra.

A perspectiva de Rich (2010) remete-me à união de mulheres, o que associa ao *continuum* com a tecitura. Essa imagem da tecitura me vem, provavelmente, pelo fato de minha bisavó ter ficado viúva aos quarenta anos de idade em 1940, tendo duas filhas para sustentar e uma máquina de costura para criar, costurando, entre fios e tecidos, possibilidades de sustento e de expansão para mulheres que apenas podiam contar umas com as outras. É uma imagem potente em minha memória, que me conecta às mulheres de minha família e que me insere politicamente no fazer acadêmico.

Respirando encontros e saindo para o mundo na tentativa de teorizar sobre o que acredito ser possível praticar, reconheço que, enquanto mulheres, pertencemos à mesma categoria e, assim, vou me debruçando pelas leituras e entrando em contato com mulheres de fôlego. A começar por bell hooks (2023, p. 63), quando diz: “se mulheres não compartilham opressão comum, o que pode servir então como base para nos juntar”? Esta perspectiva me instiga a questionar se respirar em um mundo marcado pelo preconceito impacta na respiração das mulheres lésbicas, e como eu, enquanto mulher heterossexual, posso estar implicada nesse processo.

Dito de outro modo, acompanho a pergunta de Rich (2010, p. 22): “como e por que a escolha por parte das próprias mulheres de outras mulheres como grandes amigas, suas parceiras e colegas de trabalho, suas amantes, e até sua própria comunidade, tem sido esmagada, invalidada, forçada a se esconder ou recobrir?” Enquanto mulher heterossexual submersa no mar do patriarcado, ondas arrebatam no meu peito a cada tentativa de emergir para respirar, pela impressão de viver em tempos de toxidade, contaminado por uma sociedade que se organiza hierarquicamente com vistas a manter alguns corpos em posições subalternas, devido ao racismo, práticas normativas de gênero e sexismo.

No intervalo entre duas respirações, alinhavo os fios da minha pergunta de pesquisa: Quais as experiências de saídas do armário presentes nas trajetórias de vida de mulheres lésbicas? Tendo como objetivo geral analisar as experiências de refúgios e de saídas do armário das mulheres lésbicas, vou em busca dos fios mais adequados para compor o tecido dos objetivos específicos.

Durante o processo de leitura de autoras feministas, descobri mulheres que têm em suas histórias de vida todo o estofamento necessário para a construção de pensamentos que correspondiam às minhas buscas, como os de hooks (2023, p. 68) que diz: “se a luta para erradicar o machismo e a opressão sexista é e deveria ser o impulso principal do movimento feminista, devemos primeiro aprender a ser solidárias e lutar juntas para nos prepararmos politicamente para este esforço”. Como mulheres, estamos de fato juntas e solidárias ou em disputa umas com as

outras? Este questionamento lançou um fio para que eu costurasse os objetivos específicos: a) analisar a relação entre saúde mental e a experiência vivida de saída do armário nas trajetórias de vidas narradas por mulheres lésbicas; e b) identificar, nas práticas discursivas produzidas por mulheres lésbicas, como são narradas as experiências de refúgio e saída do armário no contexto das suas relações com outras mulheres da família.

Por se tratar de uma pesquisa acadêmica cujos objetivos devem estar coerentes com a ciência, fundamento-me em Donna Haraway (1995, p. 21) quando diz que “a objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto, desse modo podemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver”. Com este pensamento, localizo a fundamentação teórica como condição básica para que uma pesquisa seja reconhecida cientificamente, de modo que, para atender aos objetivos desta dissertação, ela tem sido inicialmente construída em diálogo com Adrienne Rich, bell hooks, Donna Haraway, Eve Sedgwick, Glória Anzaldúa, Grada Kilomba, Magdalena Górska, Monique Wittig, além de intelectuais brasileiras, como Berenice Bento, Neusa Santos Souza, Edith Modesto, Ana Luísa Alves Cordeiro, Viviane Melo de Mendonça, Cláudia Lahni e Daniela Auad, dentre outras. As autoras elencadas para o embasamento teórico foram criteriosamente pensadas, com vistas à contribuição que cada uma delas pode ofertar, a saber: questões relacionadas ao dispositivo do armário, *continuum* lésbico e heterossexualidade como norma, corpos em fronteiras, a localização dos saberes, pesquisas com pessoas LGBT, famílias e respiração.

Nesse sentido, destacamos a relevância de figuras como Eve Sedgwick (2007), cuja obra "A Epistemologia do Armário" oferece uma compreensão fundamental das experiências de saída do armário. Além disso, Adrienne Rich e Monique Wittig desvelam a imposição normativa da heterossexualidade, enquanto Berenice Bento contribui para o entendimento dos corpos considerados abjetos, ou seja, aqueles que estão fora da norma, e como a ansiedade pode afetá-los.

Para uma abordagem feminista decolonial e interseccional, recorreremos às obras de Glória Anzaldúa, Grada Kilomba, Neusa Santos Souza, Djamila Riberiro, Patricia Hill Collins e bell hooks, cujas perspectivas fornecem um olhar indispensável sobre o feminismo a partir do ponto de vista de mulheres não brancas, lésbicas e periféricas. Por sua vez, Donna Haraway respalda a compreensão dos saberes sempre situados em contextos específicos, trazendo para este estudo uma abordagem teórico-metodológica feminista de fazer ciência. Nesta pesquisa, a autora Viviane Melo de Mendonça, Kelen Leite, Daniela Auad e Cláudia Lahni assumem um papel de grande relevância, contribuindo significativamente para os estudos sobre mulheres

lésbicas brasileiras. Por outro lado, a pesquisa também se fundamenta nos trabalhos de Magdalena Górska, cujos estudos se concentram na temática da respiração. Por fim, Edith Modesto se mostra essencial para a compreensão das relações não heteronormativas no âmbito familiar e Ana Luísa Cordeiro esclarece sobre os desafios encontrados pelas mulheres lésbicas negras ao acessar o ensino superior e a pós-graduação.

É importante ressaltar que, embora tenhamos apresentado essas autoras de forma separada para fins metodológicos e didáticos, suas linhas de pensamento serão entrelaçadas ao longo do estudo, formando um *continuum* de saberes. Essa abordagem, inspirada no conceito de *continuum* lésbico proposto por Adrienne Rich, permite que a pesquisadora se insira em um diálogo interdisciplinar.

Diante do exposto, a metodologia adotada nesta pesquisa consistiu em convidar três mulheres autoidentificadas como lésbicas, duas brancas e uma negra, conforme suas autodeclarações, com idades compreendidas entre 35 e 49 anos, e que residem em cidades do interior do estado de São Paulo. O objetivo foi promover uma escuta atenta e sensível às suas experiências, utilizando entrevistas semiestruturadas como método de coleta de dados. A escolha por entrevistas semiestruturadas se justifica pela sua flexibilidade e capacidade de proporcionar um diálogo mais aberto e profundo, permitindo que as participantes expressem suas vivências e significados de forma ampla e detalhada. Essa abordagem qualitativa buscou compreender a multiplicidade de sentidos presentes nas narrativas das participantes, indo além da mera coleta de informações factuais.

A análise das entrevistas foi realizada com base nas perspectivas teóricas das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos, seguindo a abordagem proposta por Mary Jane Spink (2010). Essa abordagem buscou compreender como os discursos produzidos pelas participantes contribuem para a construção de significados e sentidos em torno da sexualidade, identidade e vivências lésbicas.

O presente texto de dissertação foi estruturado da seguinte forma:

No *Capítulo 1*, apresento uma revisão bibliográfica e sistemática dos estudos de mestrado e doutorado sobre as experiências lésbicas no Brasil que exploram essa temática. Esse capítulo pretendeu discutir os dados relevantes e contextualizadores, fornecendo um panorama da produção acadêmica existente sobre o tema da dissertação.

No *Capítulo 2*, descrevo a metodologia adotada neste trabalho, bem como o embasamento teórico-metodológico das práticas discursivas e produção de sentido na Psicologia Social. Nessa seção, foram apresentados os fundamentos teóricos que sustentam a abordagem escolhida, destacando a importância de compreender como os discursos e as práticas

sociais contribuem para a construção de significados e sentidos em torno da identidade e da vivência lésbica. Detalho os procedimentos metodológicos e apresento as mulheres entrevistadas, bem como descrevo como analisei as entrevistas.

No *Capítulo 3*, conduzi uma análise detalhada da primeira entrevista com Vitória. No *Capítulo 4*, analisei em profundidade a segunda entrevista, realizada com Valentina. No *Capítulo 5*, fiz a apreciação da terceira entrevista, realizada com Veridiana. Essas análises foram realizadas para estabelecer conexões entre as experiências das entrevistadas e os estudos de autoras e autores relevantes para o tema. O objetivo era promover uma discussão que permitisse responder às perguntas de pesquisa propostas no início do trabalho, fornecendo reflexões sobre as experiências das mulheres lésbicas.

No *Capítulo 6*, realizei a discussão dos resultados da pesquisa, trazendo considerações sobre as convergências e divergências das vivências das entrevistadas, visando os objetivos assinalados. E, por fim, nas *Considerações Finais*, finalizo a dissertação apresentando uma síntese dos principais resultados, as limitações da pesquisa e contribuições para novos estudos, além de reflexões pessoais.

Inspira, expira, respira, um passo de cada vez.

CAPÍTULO 1

apontamentos: produção acadêmica sobre as mulheres lésbicas no Brasil

Este capítulo apresenta uma revisão de literatura com o objetivo de mapear e analisar as dissertações e teses existentes no Brasil sobre lésbicas. Especificamente, buscou identificar as principais temáticas desenvolvidas. Esta revisão bibliográfica se fez necessária para fundamentar a análise das entrevistas realizadas nesta dissertação, fornecendo um resumo dos achados em nível de mestrado e doutorado relacionados ao tema.

Nos estudos e pesquisas no campo das ciências humanas e sociais aplicadas, as experiências vividas das mulheres lésbicas desempenham um papel significativo ao trazer uma abordagem crítica e, por vezes, subversiva para as questões de gênero e sexualidade. Silva e Araújo (2021) argumentam que, ao abordar a temática das mulheres lésbicas, desafia-se a perspectiva androcêntrica da ciência, que reforça as estruturas patriarcais que muitas vezes silenciam suas vozes e ameaçam suas vidas. Os movimentos de lésbicas e o pensamento lésbico, segundo as autoras, são estratégias que geram conscientização política sobre as injustiças e discriminação que enfrentam por causa de sua orientação sexual.

De acordo com Rich (2010), a mulher lésbica representa uma resistência ao patriarcado e às estruturas de poder opressivas ao rejeitar a dependência em relação aos homens e a submissão ao sistema masculino. A lésbica desafia a heterossexualidade compulsória e as expectativas tradicionais de gênero. Wittig (2022), outra teórica feminista e lésbica, também aborda a identidade lésbica de maneira radical, argumentando que a lésbica é uma ameaça à lógica patriarcal, questionando e desestabilizando a noção de mulher concebida pelo patriarcado, definida em relação aos homens. Wittig defende que a lésbica se constitui como sujeito que se desvincula da opressão masculina e das normas de gênero impostas pela sociedade dominante.

Mendonça e Leite (2021) argumentam que a visibilidade lésbica é um assunto relevante e complexo. O silenciamento das mulheres lésbicas no espaço público é explicado, inicialmente, pela falta de representações positivas de lésbicas "fora do armário" na vida pública, política, artes e mídia. Esse cenário pode ter efeitos prejudiciais na constituição das subjetividades lésbicas, considerando as dinâmicas estruturais de racismo, classismo, sexismo, lesbofobia e patriarcado presentes no contexto brasileiro. Nesse sentido, conforme apontado por Auad e Lahni (2021, p. 2):

Esse lugar da visibilidade consiste, portanto, em afirmar, reafirmar e revalorizar todas as mulheres, naquilo que Adrienne Rich (2019, p. 69) chamou de Continuum Lésbico, e pode arquitetar o que denominamos como uma teoria das mulheres que não se localizam e não são localizadas, ou, pelo menos, não o são da maneira como se espera usual e tradicionalmente. Essa contra-cartografia – na melhor inspiração da canção em que se entoa “você não me pega, você nem chega a me ver” – não nega o território, as origens, as ancestralidades, as geolocalizações, as naturalidades, antes, as ressignifica como elementos politicamente contextualizados em trânsitos, andanças e caminhos de mulheres que, ao existirem em suas espacialidades, promovem justiça epistêmicas e acadêmicas.

Por essa razão, é importante analisar a lesbianidade considerando a relação entre gênero, raça e classe. Reconhecer que as representações ocidentalizadas e heteronormativas da lesbianidade podem funcionar como formas de colonização cultural é crucial, uma vez que as identidades lésbicas em diferentes contextos culturais e históricos são frequentemente apagadas ou ignoradas. Portanto, uma abordagem que leve em conta as categorias de gênero, classe e raça é necessária para entender a complexidade e a diversidade das experiências lésbicas e para desafiar as estruturas opressivas que perpetuam estereótipos e marginalização.

Diante do exposto, é fundamental compreender como os estudos brasileiros estão desenvolvendo, do ponto de vista teórico-metodológico, as discussões sobre a mulher lésbica, suas trajetórias de vida, desafios e lutas. Isso se mostra necessário e contribui para uma análise e discussão contextualizadas sobre as lesbianidades brasileiras. Nesse sentido, realizamos uma revisão bibliográfica das dissertações e teses produzidas no Brasil.

A revisão bibliográfica realizada utilizou da seguinte base de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A BDTD é um portal que reúne e disponibiliza de forma eletrônica as teses e dissertações produzidas em instituições de ensino superior brasileiras. Para a realização da revisão foram utilizados os descritores “Lésbica” (593 referências), “Sapatão” (24 referências) e “Homossexualidade feminina” (46 referências), indicando que o descritor deveria estar em todos os campos. Foram incluídos nessa busca dissertações e teses de todas as pós-graduações do Brasil. Foram excluídos, a partir da leitura do título e resumo, os documentos que estivessem duplicados e que não tratassem exclusivamente de estudos sobre as mulheres lésbicas. O resultado foi de 169 referências encontradas (apêndice 3).

Em seguida, foram lidos os resumos e introdução dos trabalhos, excluindo as dissertações e teses cujo tema não contemplasse o objetivo proposto neste estudo, isto é, sobre o tema das trajetórias vida (histórias de vida, autobiografias ou sobre algum tema específico

vivido) e saídas do armário de mulheres lésbicas, que não estivessem disponíveis no meio digital ou que fossem revisões de literatura. O total de documentos encontrados foi 93.

A análise dos dados dos documentos indicados foi realizada através de uma ficha de anotação, que buscou identificar a autoria, o título, a instituição e a área da pós-graduação onde o estudo foi realizado, o ano, a temática e a modalidade. Como resultado, foram identificadas um total de 18 teses de doutorado e 73 dissertações de mestrado sobre o tema em questão. Em uma análise preliminar, observou-se que a área acadêmica que mais se destacou na pesquisa com mulheres lésbicas foi a Psicologia, representando 29,4% do total, seguida pelas Ciências Sociais (17,8%), Saúde (16,3%), Educação (15,2%), Artes e Linguagem (4,4%) e Sociais Aplicadas (4,4%). Além disso, as pós-graduações da área Multidisciplinar contribuíram com 12,5% do conjunto de trabalhos.

Quanto à distribuição regional das pesquisas, constatou-se que a região Sudeste apresentou o maior número de trabalhos, correspondendo a 47,7% do total, seguida pela região Nordeste com 25%, Sul com 15,2%, Centro-Oeste com 13% e Norte com 1,1%. O período de abrangência das pesquisas vai desde o ano de 2001 até 2023, sendo interessante notar que a maioria (61%) ocorreu entre 2018 e 2023.

Dentre os temas de maior interesse de pesquisa, destacaram-se os estudos sobre as identidades, que representou 16,3% do conjunto, e a vivência da maternidade das mulheres lésbicas, com 15,3%. Também se evidenciou a presença significativa de estudos que abordaram a escuta das trajetórias de vida, memórias e autobiografias, totalizando 14,1%, muitas vezes relacionadas às experiências amorosas, afetivo-sexuais, conjugais e familiares das mulheres lésbicas. A saúde das mulheres lésbicas, tanto de forma geral como focada na saúde sexual, também despertou interesse acadêmico, compreendendo 16,3% das dissertações e teses encontradas.

Questões importantes como a violência lesbofóbica, a vivência do armário e o ativismo e militância lésbica, associados à luta pelos direitos, maior visibilidade e políticas públicas voltadas para as mulheres lésbicas, foram temáticas centrais presentes em 17,4% dos trabalhos analisados. Foi possível observar que o tema da velhice recebeu menos atenção, estando presente em apenas 2,2% das pesquisas; por outro lado, a partir de 2018, houve um aumento significativo nas temáticas relacionadas ao racismo e às vivências específicas das mulheres lésbicas negras, totalizando 7,6% das pesquisas de mestrado e doutorado no Brasil sobre as lesbianidades.

Ressalto, a partir destes resultados, que a saúde mental das mulheres lésbicas não recebeu o mesmo nível de interesse nas dissertações e teses, sendo central em apenas 2,2% dos

trabalhos. Esse dado chama a atenção, considerando o elevado número de dissertações e teses das áreas de Psicologia e da Saúde. Assim, torna-se evidente a necessidade de uma análise mais aprofundada das trajetórias de vida das mulheres lésbicas, especialmente em relação aos efeitos da vivência do armário e da lesbofobia em suas relações sociais, bem como no seu corpo e na saúde mental – resultado que fundamenta a justificativa desta presente pesquisa.

CAPÍTULO 2

situando a metodologia da pesquisa

Para iniciar este capítulo sobre a metodologia, começo com a fala de uma pesquisadora que é referência no campo das pesquisas sociais e que trata sobre concepções de ciências em disputa:

O campo científico, apesar de sua normatividade, é permeado por conflitos e contradições. E para nomear uma das controvérsias que aqui nos interessa, citamos o grande embate sobre cientificidade nas ciências sociais, em comparação com as ciências da natureza. Há aqueles que buscam a uniformidade dos procedimentos para compreender o natural e o social como condição para atribuir o estatuto de “ciência” ao campo social. Há os que reivindicam a total diferença e especificidade do campo humano. (Minayo, 1993, p. 10)

Com as palavras de Maria Cecília Minayo (1993), insiro meu pensamento acadêmico cujo campo é permeado por disputas sobre o que significa fazer ciência, a quem interessa explorar a cientificidade dos fenômenos e, sobretudo, a que se destina o resultado de um fazer científico.

Para introduzir a metodologia, busco responder a estas questões do ponto de vista da minha pesquisa, cujo fundamento parte da premissa de que dor e inconformidade nos levam ao interesse por pesquisar e que o resultado de todo o conhecimento reverbera em múltiplas possibilidades de transformações. Dito de outro modo, aquilo que me mobiliza, de alguma forma, poderá mobilizar outras pessoas, já que “o pesquisador assume uma responsabilidade pública com a realização do que foi prometido” (Minayo, 2012, p. 36) e o que escapa da esfera do privado carrega, por si só, a capacidade de afetar o mundo, mesmo que em pequenas e singelas doses de conhecimento. Ainda de acordo com Minayo (2012, p. 21), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado”. Desse modo, compreende-se que nem todos os dados ou resultados de pesquisa são passíveis de mensuração. Quando se trata de pesquisa no campo social, fenômenos como os sentidos, valores, sensações e crenças não só estão fora do universo quantitativo, como toda e qualquer tentativa de contabilizar algo que se apresenta fenomenologicamente equivaleria a objetificar o ser humano em sua essência.

Minayo (2006) descreve a pesquisa de caráter qualitativo como um mergulho no universo dos significados, tratando seus resultados não como marcadores estatísticos orientadores de probabilidades, mas de uma análise sofisticada que envolve a subjetividade

humana, que, quando realizada com o cuidado e a ética necessários, revela conhecimentos, propõe discussões e promove mudanças a partir do encontro entre pesquisador e participante.

A obra "Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial" de Haraway (1985), em complemento à abordagem de Minayo, apresenta uma perspectiva feminista sobre pesquisa e ciência, desafiando também as noções convencionais de objetividade e neutralidade. Haraway argumenta que toda pesquisa é construída a partir de perspectivas situadas e parciais, que são moldadas por contextos sociais, políticos e históricos específicos. Ela enfatiza a importância de valorizar essas perspectivas parciais e de grupos muitas vezes marginalizados como uma forma legítima de conhecimento. Através da reflexividade e do reconhecimento dos poderes envolvidos na pesquisa, Haraway propõe uma abordagem crítica e inclusiva para a produção do conhecimento científico, buscando desconstruir as hierarquias de poder e promover a igualdade de gênero no campo da pesquisa.

Rich (2002), por sua vez, na noção de política de localização nos interpela para a importância de reconhecer as interseções entre identidades sociais, como gênero, raça e classe, na pesquisa científica. A política de localização exige que os pesquisadores considerem ativamente suas próprias posições de privilégio e marginalização, bem como as implicações dessas posições em suas pesquisas. Essa abordagem busca desafiar a objetividade supostamente neutra e trazer à tona as relações de poder subjacentes na produção do conhecimento científico, buscando assim promover uma ciência mais justa e inclusiva.

A presente pesquisa teve como proposta analisar as experiências de refúgios e saídas do armário presentes nas trajetórias de vida de duas mulheres lésbicas brancas e uma mulher lésbica negra, contemplando suas relações familiares com outras mulheres. Diante dessas concepções de ciência e do fazer científico, a metodologia proposta partiu da análise qualitativa e teve como técnica a utilização de entrevistas semiestruturadas, sendo analisadas pela perspectiva da análise das práticas discursivas (Spink, 2003). Entrevistar não é tarefa simples, considerando que o encontro com a outra pessoa será sempre permeado pela subjetividade que escapa (felizmente) ao nosso controle. Ao mesmo tempo, em um contexto acadêmico, há que se estar vigilante à cientificidade:

Realizar entrevistas, sobretudo se forem semiestruturadas, abertas, de história de vida, etc, não é tarefa banal; propiciar situações de contato, ao mesmo tempo formais e informais, de forma a provocar um discurso mais ou menos livre, mas que atenda aos objetivos da pesquisa e que seja significativo no contexto investigativo e academicamente relevante é uma tarefa bem mais complexa do que parece à primeira vista. (Duarte, 2004, p. 216)

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, de modo que as participantes tivessem a liberdade para responder às questões propostas, na tentativa de promoção da espontaneidade de suas falas sem que se perca o objetivo da pesquisa, em um ambiente seguro e acolhedor. As perguntas feitas, para além de responderem aos objetivos da pesquisa, foram elaboradas tendo em vista um encontro intersubjetivo, já que estarão presentes no lócus de pesquisa três mulheres com suas subjetividades mergulhadas em experiências pessoais, cujo encontro gerou um *continuum* de significados que contribuiu para o fazer da ciência numa perspectiva qualitativa e feminista.

A seleção da entrevista como técnica de pesquisa foi criteriosamente pensada com base nos benefícios que sua utilização traz para o manejo dos conteúdos que podem submergir no encontro com outros seres sociais, ao mesmo tempo em que se buscou respaldo em referenciais acadêmicos que justificassem seu uso:

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Neste caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer um mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade, e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever a lógica que preside nas relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados. (Duarte, 2004, p. 215)

Foram realizadas três entrevistas com mulheres que se enquadram no seguinte perfil: idade entre 18 e 50 anos, residentes no interior do estado de São Paulo, sem restrições quanto ao estado civil, profissão, classe ou raça, desde que se identificassem como lésbicas, sapatões ou de outra forma que não exclusivamente heterossexual. Todas as entrevistas foram realizadas no ano de 2023.

A primeira entrevista, que será apresentada no próximo capítulo, foi realizada com uma mulher lésbica de 35 anos, solteira, profissional da área de saúde mental, residente na cidade de Itu (SP). Ela foi identificada como Vitória. A segunda entrevistada, chamada de Valentina, tem 39 anos de idade, é psicóloga e reside na cidade de Sorocaba. A terceira entrevistada foi chamada de Veridiana, tem 48 anos, é assistente de administração e reside na cidade de Sorocaba. Todos os nomes são fictícios para preservar as identidades das entrevistadas, sendo escolhidos de forma que seus significados pudessem representar as vidas narradas por elas nas entrevistas.

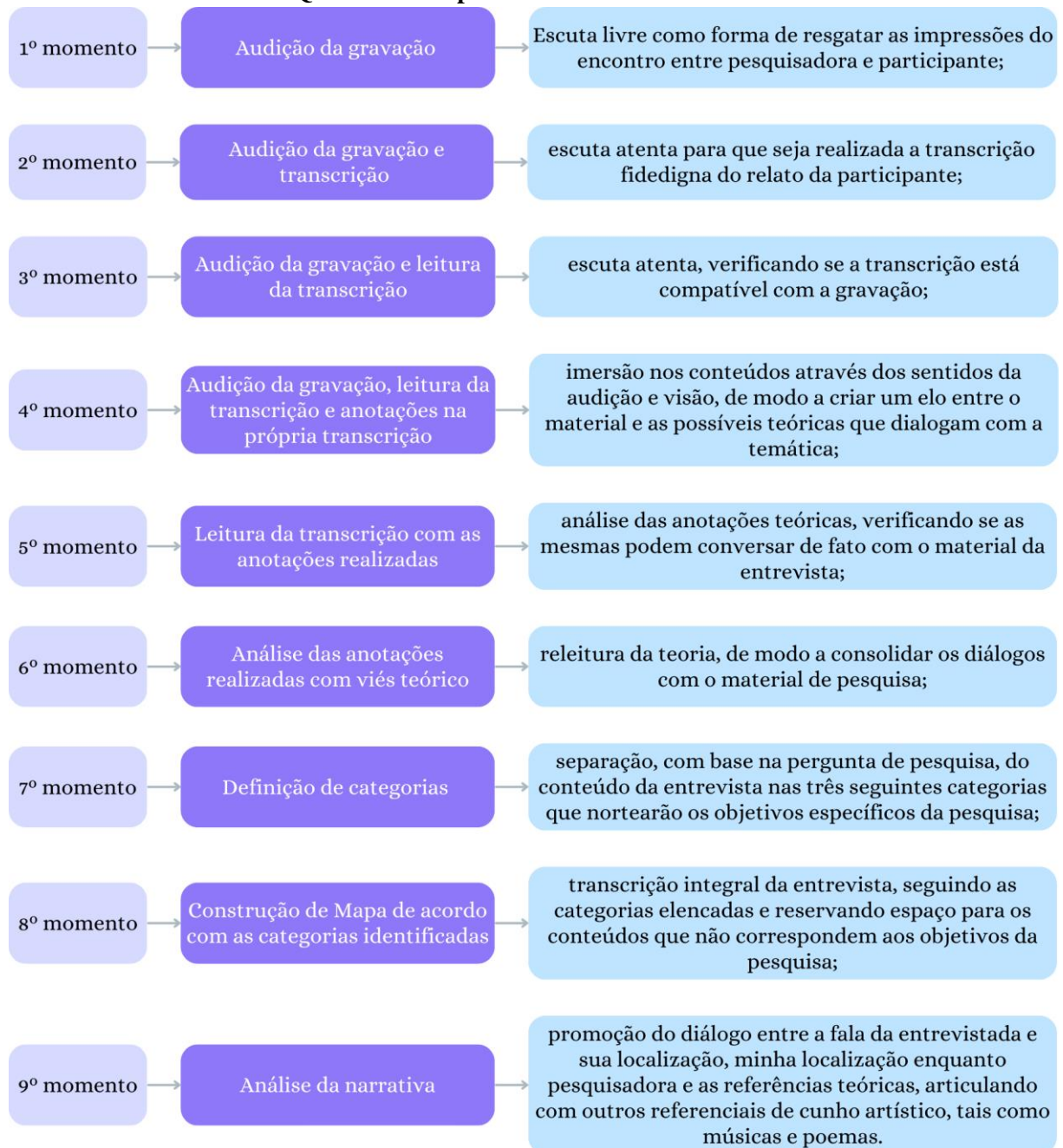
As duas primeiras participantes são mulheres com as quais já havia me encontrado anteriormente em outros contextos sociais. A terceira participante foi indicada por uma das entrevistadas, juntamente com outros nomes, mas foi Veridiana quem aceitou participar da pesquisa. Além do questionário com perguntas semiestruturadas, as participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1) para leitura e esclarecimento, garantindo que não houvesse dúvidas sobre seu conteúdo. Para a gravação das entrevistas, utilizei um aplicativo instalado em meu celular pessoal, que foi acionado após o consentimento verbal das participantes (após a assinatura do termo de consentimento) e permaneceu ligado durante toda a entrevista. Informei às participantes que poderiam desligar a gravação a qualquer momento, caso não desejassem mais continuar ou por qualquer outro motivo, sem a necessidade de explicar as razões à pesquisadora. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFSCar.

Finalizadas as entrevistas, as gravações foram submetidas ao processo de transcrição e análise. A descrição do roteiro de análise, a seguir, tem Spink (1994) como referencial teórico-metodológico:

Como é comum em pesquisas que buscam entender o sentido dos fenômenos sociais, a análise inicia-se com uma imersão no conjunto de informações coletadas, procurando deixar aflorar os sentidos, sem encapsular os dados em categorias, classificações ou tematizações definidas a priori. (Spink, 1994, p. 83)

A análise das entrevistas foi realizada à luz da teoria de práticas discursivas e produção de sentido, exemplificados no Quadro 1 (do 1º ao 6º momento). O item 7 corresponde à definição de categorias que dão origem à construção do mapa, como organizador do processo de construção das análises discursivas (item 8). O mapa foi inicialmente construído sob forma de quadro utilizando o Excel, sendo essa etapa de grande relevância, por facilitar a visualização e a alimentação das categorias elencadas, de modo a garantir a ordem das falas e sua coerência com os objetivos da pesquisa, tal como traz Spink:

Os mapas têm o objetivo de sistematizar o processo de análise das práticas discursivas em busca dos aspectos formais da construção linguística, dos repertórios utilizados nessa construção e da dialogia implícita na produção de sentido. Constituem instrumentos de visualização que têm duplo objetivo: dar subsídios ao processo de interpretação e facilitar a comunicação dos passos subjacentes ao processo interpretativo. (Spink, 1994, p. 84)

Quadro 1 - Etapas da análise das entrevistas

Fonte: Elaboração própria, 2024.

A Análise das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos foi a abordagem metodológica escolhida para fundamentar a análise por se tratar de uma ferramenta de análise que se preocupa com os sentidos produzidos na vida cotidiana. Tendo nascido no contexto da Psicologia Social, a análise da produção de sentidos corresponde a uma das formas de construir conhecimento de forma interdisciplinar, dialogando tanto como a Filosofia, quanto com a História e a Antropologia (Spink, 2003).

A natureza da pesquisa que pretendi realizar foi sensível ao fato de que cada indivíduo traz consigo suas próprias construções subjetivas, moldadas por suas experiências,

interpretações e afetos. Nesse sentido, a produção de sentidos que ocorre nas práticas discursivas se baseia no construcionismo social. Essa abordagem de pesquisa socioconstrucionista busca principalmente compreender os processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam e compreendem o mundo ao seu redor, incluindo a si mesmas. Essa perspectiva não apenas reage ao representacionismo filosófico, que defende a ideia de que existe uma única verdade objetiva, mas também desafia a retórica da verdade na Sociologia do Conhecimento. Além disso, o construcionismo tem uma dimensão política, buscando empoderar grupos socialmente marginalizados (Spink, 2003).

Portanto, a abordagem construcionista adotada nesta pesquisa considera a importância de explorar e compreender como as pessoas constroem e compartilham significados, tanto individualmente quanto coletivamente. Reconheço que cada sujeito traz consigo uma perspectiva única e subjetiva, influenciada por sua trajetória de vida, relações sociais e emoções. Essa compreensão nos permite uma investigação mais ampla e sensível às complexidades do mundo social, bem como à promoção da inclusão e do empoderamento das vozes marginalizadas.

Inserida na perspectiva teórico-metodológica das Práticas Discursivas, a entrevista é um instrumento possível a ser utilizado como forma de interação, um modo de ação que possibilite a criação de pontes cujos sentidos poderão ser construídos e analisados pela dupla formada por participante e pesquisadora. Essa ação com potencial de criação é intermediada pelo uso da linguagem, o que equivale a dizer que a linguagem é que provê o movimento das práticas discursivas e seus sentidos: “podemos definir, assim, práticas discursivas como linguagem em ação, ou seja, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas” (Spink, 2003, p. 23).

Para elucidar a tríade análise das práticas discursivas, linguagem e produção de sentidos, cito Spink (2003, p. 166): “ao relacionar práticas discursivas com produção de sentidos, estamos assumindo que os sentidos não estão na linguagem enquanto materialidade, mas no discurso que faz da linguagem a ferramenta para a construção da realidade”.

Dito de outro modo e considerando que a linguagem, para Shotter (1993), consiste em um artefato psíquico cujo uso permite instituir diferentes conexões com o que está ao nosso redor, é possível comparar a linguagem a um pincel, cujo uso se presta à criação de algo a que será atribuído um certo sentido. Logo, os sentidos não estão na linguagem (enquanto materialidade), mas no discurso que é produzido por esta, tal como um quadro de Tarsila do Amaral, cuja linguagem foi acionada pelo uso do pincel, como ferramenta de produção dos sentidos que é a obra em si, sentidos estes produzidos tanto pela artista como pelas pessoas que

entram em contato com a obra: “lidamos não com o sentido dado pelo significado de uma palavra ou conceito que espelham o mundo real, mas com sentidos múltiplos, o que nos leva à escolha de versões entre múltiplas existentes” (Spink, 2003, p. 166).

Por fim, esclarecendo que a metodologia foi ancorada na Análise das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos à luz de Spink (2003), é importante informar que a construção das narrativas envolveu as localizações e posicionamentos das participantes, bem como os meus, em diálogo com as teorias. Essas narrativas foram enriquecidas por canções, pensamentos e poemas, considerando que, ao dissertar sobre mulheres e com mulheres, é fundamental reconhecer a relevância das contribuições de artistas mulheres. Embora essas artistas não façam parte das construções de conhecimentos acadêmicos tradicionais, elas desvendam os saberes da alma, oferecendo perspectivas valiosas para a pesquisa.

CAPÍTULO 3

Vitória: liberdade, aceitação, preconceito

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta

Gloria Anzaldúa (2000, p. 232)

O ato da escrita requer de nós uma série de processos neurológicos, algum domínio do idioma no qual se propõe a dissertar e a escolha da ferramenta que possibilite sua ação. Juntos, esses elementos constituem as condições mínimas para esse ato. Entretanto, superadas essas premissas, é necessário algum estímulo. Ao citar Anzaldúa (2000), busco minha própria motivação por meio de um sentido fundamental para apreender a realidade: a audição. Mendonça e Leite (2020, p. 12) afirmam: “quando tratamos de diferenças, afetos e memórias, a escuta sensível é um traço fundamental na formação do/a pesquisador/a.”

Se nosso sistema auditivo está em pleno funcionamento, estamos aptos a ouvir; no entanto, ouvir requer sensibilidade e, complemento, exige respeito. É dessa forma que inicio este capítulo, pois para ouvir a primeira mulher participante desta pesquisa, o respeito à vida humana foi condição fundamental, de modo que a escuta sensível pudesse ser transformada em dispositivo de expansão das existências e resistências.

Essa primeira entrevista foi realizada com uma amiga que chamarei de Vitória, tanto para preservar sua identidade quanto para tentar explicar meu sentimento ao ouvir suas histórias. Ao escolher esse nome, penso na vitória diante de três circunstâncias que surgiram como categorias centrais na análise da entrevista: Liberdade, Aceitação e Preconceito. Essas três palavras compõem todo o seu discurso e é por meio delas que a análise das experiências de saídas do armário, bem como o possível impacto na sua saúde mental, será realizada.

Considerando que a pesquisa acadêmica qualitativa deva seguir os padrões vigentes para ser validada cientificamente, ao mesmo tempo em que este trabalho se propõe a dissertar sobre a experiência humana cuja linearidade é irreal, assim também será a construção deste capítulo. A linearidade será fiel aos sentidos do discurso, de modo que, em alguns momentos, serão analisadas as experiências de saídas do armário e, em outros, seus impactos, alternando-se, complementando-se ou divergindo entre si, tal como a vida acontece. Portanto, falas e análises seguirão os padrões como em um determinado ritmo musical, onde duas pessoas se propõem a dançar juntas; contudo, não será uma dança coreografada, permitindo que os movimentos sejam fluidos, dentro de um rigor desengessado.

3.1 E FOI ASSIM QUE COMEÇOU

Mulher branca, trinta e cinco anos de idade, profissional da área da saúde mental. Conheci Vitória em 2018 enquanto trabalhava em uma clínica de Psicologia. Embora tenhamos compartilhado o mesmo espaço por um breve período de aproximadamente um ano, percebemos que uma conexão importante começava a se formar, dessas que precisam de tempo para se construir, um tempo de qualidade. Fazíamos parte de um grupo de estudos com encontros semanais, onde discutíamos casos clínicos com todo o cuidado e respeito que a história de uma pessoa merece, além de utilizarmos esse espaço para compartilhar nossas angústias enquanto profissionais da saúde mental.

Quando estamos diante da dor de outro ser humano, todo o nosso conhecimento teórico e prático serve apenas como uma bússola, oferecendo a possibilidade de seguir em uma determinada direção. Porém, sem garantia alguma de acesso, pois o lugar do outro é exatamente isso: não é o meu lugar. Tínhamos consciência dessa realidade, o que, se por um lado nos afligia, por outro nos movia a buscar uma compreensão possível e libertadora, no sentido de nos libertar de um lugar onipotente e, àqueles que chegavam até nós, de corresponder às nossas expectativas profissionais.

Os dias foram passando, junto às semanas que formaram os meses que se transformaram em anos e, então, veio a pandemia da COVID-19, em pleno março de 2020. Os espaços se fecharam, as pessoas se recolheram, enquanto outras encolheram-se para caber numa nova realidade sem precedentes, permeada por discursos antagônicos, sujeitos a todo tipo de contradição entre verdades e mentiras, cuja máxima parecia ser um “salve-se quem puder”. Nós nos distanciamos fisicamente, mas, graças às redes sociais, nunca perdemos contato uma com a outra, de modo que nossas vidas seguiram conforme as possibilidades de cada uma de nós, às vezes tomando fôlego, em outras, prendendo o ar, mas sempre respirando, mesmo que em “atmosferas” distintas.

Até que, na última reunião de orientação do ano de 2022, quando foi definido que a pesquisa seria sobre e com mulheres lésbicas e que era chegado o momento de ir ao encontro da humanidade em sua materialidade, me percebi pensando em Vitória e na possibilidade de compartilharmos o mesmo ar, tal como costumávamos fazer durante as reuniões de grupo, cujos encontros eram permeados por mútuo acolhimento, interesse genuíno e respeito incondicional.

Entrei em contato com Vitória via telefone, perguntando se poderíamos conversar sobre uma pesquisa que eu estava realizando, sobre mulheres não heterossexuais. Vitória se mostrou bastante interessada e motivada em participar, dizendo que teria muitas histórias para contar e

ressaltando o quanto achava importante essa iniciativa (referindo-se à pesquisa de mestrado), pois havia muito a ser dito sobre experiências de medo e preconceito. Ela mencionou um curso de atendimento a mulheres vítimas de violência que estava fazendo e que talvez pudesse contribuir com a pesquisa.

As mulheres às quais Vitória se refere são aquelas cujas vidas foram encarceradas na concretude do desrespeito de homens que violaram e violentaram seus direitos e corpos, anulando seus desejos através da inserção da crença de que qualquer tentativa de reação equivaleria a cavar a própria cova, um lugar de silenciamento absoluto e irreversível. Em situações extremas, quando a própria sobrevivência está em jogo, nem sempre é viável aguardar por condições ideais antes de tomar certas decisões. Nesse contexto, menciono as "condições ideais" como aquelas em que uma mulher não sente nenhum medo antes de se posicionar em relação à sua própria vida. No entanto, essa espera por condições perfeitas pode resultar em sufocamento, como aponta Audre Lorde (2019):

Podemos aprender a agir e a falar quando temos medo da mesma maneira que aprendemos a agir e falar quando estamos cansadas. Fomos socializadas a respeitar mais o medo do que nossa necessidade de linguagem e significação, e enquanto esperarmos em silêncio pelo luxo supremo do destemor, o peso deste silêncio nos sufocará. (Lorde, 2019, p. 55)

Enquanto Vitória se capacitava para ouvir mulheres que estavam prontas para enfrentar seus medos, exaustas de esperar que seus agressores tomassem consciência do óbvio — de que ali existia um ser humano — eu me preparava para um reencontro, tanto com ela quanto comigo mesma. Era um reencontro com minhas próprias inseguranças em me expressar e com um temor ainda maior de desistir, cuja consequência seria o silenciamento cabal dos meus pensamentos. Tal como discorre Lorde (2019), é possível tomarmos ação em meio à turbulência e, apesar dela, fraturando as ataduras que imobilizam nosso existir e contrariando a ordem social que nos diz para ficarmos quietas.

Agendamos a entrevista para duas semanas após nosso contato, que aconteceria em sua casa, na cidade de Itu. Entrei no meu carro com a mente fervilhando de pensamentos e o coração não se contentando com seu próprio lugar (sim, parecia querer saltar pela boca). Minha mente estava inundada por fragmentos de memórias desde a última conversa com minha orientadora, enquanto minha respiração tratava de dar conta de um coração que acelerava à medida que se aproximava do meu destino.

Era uma tarde ensolarada de sábado quando cheguei na casa de Vitória, levando uma baguete recheada para o lanche que faríamos depois, sugerido por ela e prontamente aceito por

mim. Fui recebida com um caloroso abraço e com uma mesa posta com água de coco, refrigerante e petiscos, em uma casa arejada onde o ar circulava livremente, convidando-nos para que também pudéssemos nos apropriar dessa liberdade de sermos nós mesmas.

Antes de iniciarmos a entrevista, Vitória mostrou seu lar, apontando para o espaço em que realizava seus atendimentos. A mesa de trabalho ficava em frente à estante de livros, uma de suas paixões para os momentos em que estava em sua própria companhia. Caminhamos até a sala onde havia uma sacada, utilizada para receber seus amigos nos dias de sol, ocasião em que a música se fazia presente ao tempero de um churrasco servido à moda de conversas nutritivas, parafraseando Vitória.

O encontro aconteceu na cozinha de sua casa, um espaço singular com geladeira, fogão, utensílios, despensa, aparatos utilizados para preparar refeições que alimentam e nutrem nossos corpos, para que possamos viver momentos como aquele que estávamos prestes a vivenciar. Ao redor de uma mesa com quatro cadeiras, Vitória se sentou na cabeceira e eu puxei uma cadeira, direcionando-a de modo que pudéssemos nos ver sem esforço. Após as atividades burocráticas que envolvem a leitura, esclarecimento e assinatura do termo de consentimento, retirei meu celular da bolsa, acionei o gravador, nos olhamos e respiramos.

Minha primeira pergunta será descrita na íntegra como forma de contextualizar como se deu o início da entrevista:

Entrevistadora: Vitória, pra gente começar, eu queria que você me dissesse como você se identifica com relação à tua sexualidade, como você se autoidentifica?

Vitória: Hum...Eu me identifico como lésbica, desde muito nova. Eu contei pra minha mãe que eu era lésbica quando eu tinha 12 anos.²

Assim teve início o encontro entre fala e escuta de duas mulheres que, talvez, pressentissem que, a partir daquele momento, ambas sofreriam algum modo de alteração, proveniente de todo encontro com o outro, a partir do instante em que reconheço sua alteridade. Embora naquele espaço meu lugar fosse de ouvinte, era impossível permanecer apenas nesta posição aparentemente estática, pois se as palavras são contidas, o corpo se manifesta num inclinar de tronco ou na abertura de um sorriso, mas, sobretudo, no olhar que diz "eu estou aqui, para te ouvir".

Retornando à entrevista, perguntei como Vitória se autoidentificava com relação à sua sexualidade. Senti o quanto parecia ser importante para ela dizer que já havia revelado isso à

² O itálico foi aplicado no texto para identificar as citações de relatos orais. Por vezes, também aparece no corpo do texto para destacar palavras de línguas estrangeiras.

sua mãe e o quanto a opinião dela era carregada de representatividade para que Vitória pudesse se sentir validada e segura:

E foi interessante o jeito que eu contei pra minha mãe porque ela estava lavando roupa e aí eu lembro que eu cheguei, com doze anos né, do lado dela e falei assim: mãe eu vou pro inferno? Ela falou: por quê? Eu falei assim: ah, porque eu acho que eu gosto de meninas... daí ela falou assim: não, isso é uma fase, vai passar. Falei assim: eu acho que não. Daí ela falou: tá bom, não tem problema, você não vai pro inferno, fica tranquila. Então eu já tinha [conhecimento] porque, assim, eu fiz catecismo, crisma, participei de grupos jovens da igreja católica, né? Depois eu conheci a Congregação Cristã, fui dez anos como visita.

Vitória manifesta a necessidade de saber o que o destino lhe reserva em termos de consequências pelo fato de sentir atração por meninas, visto que desde muito cedo a sociedade trata de avisar sobre os riscos de infringir uma norma vigente. No que concerne às questões morais, algo que não faz parte das preocupações de uma pessoa heterossexual é se sua “alma” está fadada a “queimar em fogo eterno” por pecado ou desobediência ao que dela se espera em sua sexualidade. A heterossexualidade dispensa qualquer proposta de questionamento em contraposição ao que experiencia a pessoa homossexual, tal como aponta Sara Schulman (2009, p. 69):

Existem duas experiências que a maioria dos homossexuais compartilha. Uma é de assumir-se, no processo de interrogação pessoal em oposição à expectativa social, que não tem quaisquer paralelos na vida heterossexual. A segunda experiência comum é que fomos, cada um de nós, em algum momento das nossas vidas, inferiorizados por nossas famílias simplesmente, mas especificamente, por causa da nossa homossexualidade. (Schulman, 2009, p. 69).

Paralelamente com o recorte do diálogo entre Vitória e sua mãe, a citação acima traz à luz algo que pessoas heterossexuais desconhecem: o fato de serem indagadas sobre seus desejos sexuais. Embora Vitória não tenha sido questionada diretamente pela mãe, a indagação preexistia em Vitória, colocando-se numa condição de inferioridade, questionando se poderia ir para o “inferno”. Aproxima-se seu relato do que conclui Toledo Filho (2023, p. 385): “outra reação dos pais é desqualificar a autoridade da pessoa homossexual de falar de sua sexualidade, infantilizando-a e tomando para si a competência de falar sobre o desejo da (o) filha (o).”

A fala da mãe de Vitória “*não, isso é uma fase, vai passar*” pode indicar uma forma de mostrar autoridade no que diz respeito ao conhecimento sobre a filha ou sobre *como as coisas são*. Por outro lado, sua mãe também pareceu querer acolhê-la, trazendo um certo alívio naquele momento, o alívio de que talvez não fosse mesmo para o inferno.

É importante trazer um contexto social e religioso a partir do qual a fala de Vitória se desenvolve. Do ponto de vista religioso, alguns templos no Brasil consideram a homossexualidade como pecado ou contrários aos seus preceitos, conferindo um caráter transgressor da moralidade às pessoas LGBT, rejeitando-as ou excluindo-as. Conforme Mesquita e Perucchi (2016), as posturas das igrejas brasileiras podem variar conforme suas denominações, ou seja, se católica ou evangélica – esta, com suas muitas vertentes. A conduta mais presente se insere com vistas a considerar a homossexualidade como inferior à heterossexualidade, cuja aceitação da pessoa é condicionada à transformação de seu modo de agir: “assim há o acolhimento dos/as homossexuais pela igreja, desde que eles/as reconheçam que precisam mudar seu comportamento” (Mesquita; Perucchi, 2016, p. 107). E não havendo possibilidade de conversão para a heterossexualidade, há que se praticar a abstinência sexual (Natividade, 2006).

Com esse contexto do início da entrevista, apresentarei nos próximos tópicos as experiências narradas de liberdade, aceitação e preconceito na trajetória de vida de Vitória como mulher lésbica.

3.2 LIBERDADE DE SER/ESTAR FORA DO ARMÁRIO

Bobeira é não viver a realidade

Cássia Eller (Cazuza, 1994, faixa 2).

Esta é Vitória. Embora ela não seja afeita a rótulos, ainda quando era menina, compartilhou com a mãe suas percepções quanto à sexualidade e seus temores. Talvez isso tenha ocorrido para que pudesse se libertar de um destino divinamente infernal, segundo a Igreja; ou para nomear o seu sentir não cristalizado em normas.

Porque daí, que nem você perguntou, você é lésbica? Eu falei: não sei se eu sou lésbica ou se eu sou trans, entendeu? Mesmo porque essa ideia de trans surgiu recentemente, esse monte de classificação que nem eu que sou lésbica às vezes sei exatamente tudo, quer dizer, mas que precisou classificar para as pessoas aceitarem pra que houvesse os direitos, né, sobre a comunidade, mas que não, também eu não gosto da ideia de rótulos.

A realidade apreendida pelos órgãos do sentido em uma sociedade regulamentada por normas e padrões de conduta é também a realidade construída a partir da subjetividade, que flui através dos modos de estar num constante vir a ser, sem que se perca a “essência” do que se é, neste momento.

Porque a gente é essência, e a gente às vezes é uma coisa, às vezes a gente é a outra. Eu acho que até no meu, eu tenho um grupo, né, que sempre tem gays, lésbicas. E até eles acham às vezes complexo você tentar se identificar com alguma coisa, porque está numa classificação, entendeu? E aí a gente também perde a essência de ser o que é de uma forma livre. Também acaba comprometendo a nossa liberdade de ser, independente do que seja. Então essa questão da fé e da religião sempre existiu na minha vida. Só que eu sabia que eu não era muito acolhida por causa da minha orientação sexual. Então vem muito a ideia da cura gay. Sempre “ah, agora, que você está aqui, Deus vai fazer um milagre na sua vida, mas você não precisa se preocupar porque isso acontece de forma natural”. Mas nunca aconteceu, não importa que placa de igreja, isso não aconteceu e eu também não tinha noção dessa de orientação sexual, da cura gay, porque foi bem antes de eu ser psicóloga. Então eu queria que eles me aceitassem e eles queriam me transformar naquilo que eles desejavam. Então é um pouco estranho.

Vitória evoca palavras como essência, identidade e liberdade, sendo a primeira mencionada duas vezes nesse trecho em particular. No entanto, essa noção de Vitória permeia toda a narrativa, juntamente com a busca pela liberdade. Especificamente, isso é evidenciado durante o período em que a entrevistada frequentava igrejas e sentia a necessidade de seus membros intermediarem a ação divina, mesmo que não solicitado por ela. Nesse contexto, a permanência de Vitória nessas instituições estava condicionada à adoção de uma apresentação como heterossexual.

Recorro à perspectiva de Stuart Hall (2002) para abordar essa realidade no contexto da identidade, que é intrinsecamente transitória e versátil. Como estudante de mestrado, reconheço que escrevo a partir de uma posição de identidade como mulher heterossexual, embora essa condição possa ser mantida ou alterada ao longo do tempo. Nesse sentido, estabeleço uma conexão com as palavras de Vitória.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (Hall, 2002, p. 13)

É importante reconhecer que uma identidade unificada serve muitas vezes como uma construção fantasiosa. É fundamental, então, legitimarmos o direito de sermos quem somos em um determinado momento. Isso implica reconhecer que múltiplas identidades com as quais nos identificamos podem coexistir, contribuindo para o enfrentamento da realidade e para nosso bem-estar mental.

Ao mesmo tempo em que se as religiões cristãs costumam defender o amor ao próximo como um mandamento e o direito de recebê-lo de forma igualitária por nossa igualdade diante de Deus, esse amor parece estar condicionado a renunciar à liberdade de ser.

Historicamente, mulheres têm sido subjugadas de diversas formas pelo simples fato de serem mulheres, em um regime onde a heterossexualidade corrobora com a manutenção do patriarcado, e onde o corpo cisgênero feminino é visto como um instrumento para a reprodução humana (Rich, 2010). Nesse contexto, o direito à igualdade se torna um desafio ainda mais complexo. Isso ocorre não apenas porque Vitória almeja ser quem ela é no momento presente, mas também porque ser quem ela é – uma mulher – requer, conforme argumentado por Tania Swain (2014), uma reestruturação social na forma como somos concebidas como sujeitas.

Porém, nenhuma reivindicação de igualdade subsiste se não é acompanhada de liberdade. Liberdade não apenas material, que hoje nos países ocidentais assegurada pelas leis, mas a liberdade que supõe uma modificação estrutural da produção do sujeito “mulheres”, de seu próprio devir, transformador de seu meio social. (Swain, 2014, p. 36)

Quando eu lhe perguntei sobre a expressão “sair do armário”, Vitória imediatamente responde:

É a liberdade que eu falei pra você que é uma conquista, que é uma luta, e assim, eu só aprendi isso depois de ver tantas revoluções na relação e movimentos sociais em relação à defesa dos direitos. Mas eu precisei estudar pra eu conseguir melhorar minha autoestima em relação a isso, me sentir capaz, né? É uma autoconfiança pra ser quem eu sou e amar eu do jeito que eu sou. Tem que ser [corajosa]...Quando você tem uma vida assim, que você tem que vencer muitos problemas, assim, eu acho que se você não colocar coragem na sua frente você cai. Você cai, você adoce. Você pode até morrer.

Vitória traz a coragem no bojo das lutas para sobreviver em uma sociedade que carece de empatia e respeito ao ser humano, quando este se apresenta de alguma forma divergente dos padrões. Num país como o Brasil, falar em defesa dos direitos humanos equivale a caminhar por um campo minado³, cujos passos de muitos ativistas já foram interrompidos pela ignorância perversa, imbuídos de LGBTfobia e misoginia. Portanto, uma das razões que motivou Vitória a participar desta pesquisa é o fato de acreditar na necessidade das manifestações de qualquer ordem contra a discriminação de mulheres, sobretudo as não heterossexuais.

³ O Relatório 2023 da Anistia Internacional aponta que o Brasil é o 4º país do mundo onde pessoas defensoras de direitos humanos e do meio ambiente mais morrem. Um exemplo disso é que quatro anos depois do assassinato de Marielle Franco, vereadora e defensora dos direitos humanos, e de seu motorista, o crime ainda não foi esclarecido. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2023-03/brasil>. Acesso em: 28 jun. 2023.

Ao mencionar a importância da coragem necessária para enfrentar as adversidades, Vitória traz à tona histórias de mulheres ativistas como Marielle Franco. Marielle ousou levantar sua voz na esperança de que outras não mais fossem silenciadas por aqueles que oprimem as diferenças. No entanto, sua própria voz foi cruelmente silenciada de forma definitiva e irreversível, como destacado por Mendonça e Leite (2020).

Considerando que o Brasil é um dos países que mais executam ativistas dos direitos humanos no mundo (United Nations, 2020), situação intensificada em tempos de ascensão da extrema direita, o assassinato de Marielle Franco nos apresenta uma peculiaridade nova: uma voz ativa na luta pela visibilidade lésbica e LGBT no Parlamento foi executada. A vereadora foi autora do Projeto de Lei nº 82/2017, que instituía o Dia Municipal da Visibilidade Lésbica na cidade do Rio de Janeiro, a ser realizado no dia 29 de agosto, mas rejeitado em 17/8/2017. (Mendonça; Leite, 2020, p. 2)

As autoras discorrem sobre a realidade de movimentos sociais de ativistas que resistem a toda forma de sujeição de corpos e mentes relegados à condição de invisibilidade humana ou, como Butler (2006) descreve, à condição abjeta, isto é, àquilo que é considerado fora dos limites da normatividade e do reconhecimento social. Butler argumenta que a noção abjeta é uma construção cultural que visa excluir e marginalizar certos corpos, identidades e expressões de gênero que não se encaixam nas normas estabelecidas.

Em um país como o Brasil, onde ativistas ocupam um triste lugar no *ranking* de assassinatos, é crucial reconhecer que eles estão lutando pelo direito básico de existir e encontram visibilidade material através de suas expressões por meio de escritos, discursos, ações e músicas. No entanto, diante dessas estatísticas alarmantes, é importante questionar quantas mulheres não se sentem seguras o suficiente para sequer sair às ruas, sabendo que podem ser silenciadas antes mesmo de chegarem às calçadas. Lorde (2019) ressalta a importância de quebrar o silêncio e diminuir as diferenças que produzem desigualdades.

Quais são os obstáculos que impedem a liberdade de fluir em nossas veias, juntamente com o sangue que herdamos de nossos ancestrais? Será que nascemos verdadeiramente livres, considerando a cultura à qual estamos submetidos? A nomeação dos corpos pela designação de gênero quando nascemos parece determinar, em nossa cultura, o nosso desejo sexual-afetivo com base na heterossexualidade compulsória. De acordo com Guaraci Louro (2004, p. 15), “o ato de nomear o corpo ocorre dentro de uma lógica que pressupõe o sexo como um dado anterior à cultura, atribuindo-lhe um caráter imutável, atemporal e binário. Essa lógica implica que esse dado sexo irá determinar o gênero e induzir uma única forma de desejo”. Em outras palavras, a autora nos mostra a contínua repetição de algo estabelecido, algo que não é questionado, como

se fosse uma lei da física, tão imutável quanto a lei da gravidade. Portanto, isso exige que nós, mulheres, nos mobilizemos ocupando territórios onde a discussão assume formas de resistência.

As experiências de sair do armário envolvem corpos que arriscam respirar, tanto dentro quanto fora de casa, nos espaços públicos de convívio, nas universidades, no trabalho e nas interações com o mundo. Vitória compartilha vivências que não seguem uma linha cronológica, mas que continuamente representam uma ameaça à sua saúde física e mental:

Eu vou te contar uma cena que aconteceu, não sai da minha cabeça, sabe? A gente frequentava uma chácara de uma mulher que era lésbica e era um grupo grande de mulheres lésbicas. Meninas, né? Na época. E tinha um cara que arrumou encrenca com essa minha primeira ex-mulher. E foi um bate-boca horroroso. E eu meio que separei eles pra não acontecer nada, resolver uma questão ali. E esse cara morava no meu bairro. E aí, um dia, tinha um ponto de ônibus, que eu morava numa rua virando um ponto de ônibus. Ponto de ônibus lotado de trabalhadores, de pessoal, estudante e tal, e o cara me viu na rua. E ele começou a falar assim: “ô sapatão, ô sapatão”. Aí eu fingi que não era comigo. Ele falou “é com você mesmo que eu estou falando” e todo mundo do ponto de ônibus olhou pra mim. Eu não vou falar porque é muita besteira as coisas que ele disse. Ele falou “ah, chupadora não sei o quê”. É coisa horrível e não sei o quê, e assim, coisas bem pesadas. Eu era... eu tinha catorze, quinze anos.

Esta é a narrativa de um corpo que corre riscos, pois, embora tenha assumido sua orientação sexual, a sociedade em que vivemos confunde tolerância com aceitação, sendo a primeira uma condição que impossibilita trocas verticais, por manter a hierarquização de vidas humanas. Aquele que tolera se coloca num patamar superior com base na heteronormatividade, portanto há um dissidente da normalidade ou contraventor que rompeu com as regras. O fato de Vitória ter sido defendida por um conhecido que presenciou todo o ocorrido, e nunca ter sido defendida por alguém da família, reforça o que Sedgwick (2007) traz sobre as relações familiares e a pessoa gay e lésbica, podendo ser exemplificado do ponto de vista religioso e cultural. De acordo com a autora, quando uma pessoa de descendência judaica tem sua identidade revelada a uma comunidade antissemita, embora possa vir a ser vítima de preconceito, ela tem a família para recorrer, o mesmo valendo para uma pessoa de origem cigana:

De qualquer maneira, uma identidade judia ou cigana (por exemplo) e, portanto, um segredo ou armário judeu ou cigano, seriam diferentes das versões distintamente gays dessas coisas em sua clara linearidade ancestral, nas raízes (por mais tortuosas e ambivalentes) da identificação por meio da cultura originária que cada indivíduo tem no mínimo na família. (Sedgwick, 2007, p. 32)

Vitória, pelo que ela sabe, parece ser a única em sua família a assumir sua homossexualidade, o que a limita em termos de identificação com outros membros. Ela não tem a oportunidade de trocar experiências ou buscar acolhimento e apoio emocional, o que aumenta o medo da rejeição por parte de seus pais. Ao contrário de uma pessoa judia ou cigana, como mencionado por Sedgwick (2007), que pode contar com uma rede de proteção familiar que reconhece suas raízes, lutas e conquistas, Vitória não encontra um lugar onde possa encontrar conforto para suas dores. Seu corpo anseia por um tempo para se recuperar das longas jornadas em busca de caminhos menos incertos.

Em outro momento, Vitória narra a experiência vivida em seu trabalho enquanto psicóloga ao receber uma criança para atendimento, com a idade de seis anos:

E aí ela trouxe uma netinha pra eu atender e tal, né? A mãe da menina morava fora. E aí, na segunda sessão, ela perguntou se eu era casada, porque na minha aparência é sapatão, entendeu? Então uma pessoa olha pra mim e fala, nossa, hétero não, não é. Entendeu? Então, ela perguntou se eu era casada, eu falei que não, e logo ela tirou a filha dela. Filha não, neta.

Tanto a exclusão como a evitação são formas de reprodução de práticas preconceituosas que retiram das pessoas homoafetivas, as possibilidades de ocupar espaços e de obterem reconhecimento nos mais diversos âmbitos, incluindo os espaços de trabalho (Schulman, 2010), de modo que, se a mulher heterossexual sobrevive entre brechas, aquela que é considerada que não se enquadra na norma, tem um desafio muito maior. Ela precisa lutar para que tenha o direito à tentativa de sobrevivência, já que nem todos os corpos humanos são reconhecidos como tal, sendo alguns considerados abjetos, passíveis de agressões, descarte, de morte (Butler, 2016).

A heteronormatividade é um mecanismo social que impõe normas e expectativas em relação à orientação sexual e identidade de gênero, excluindo aqueles corpos que não se enquadram nesses padrões estabelecidos (Freitas, 2022). Essa exclusão pode se manifestar de várias maneiras. Por exemplo, pode ocorrer através da dificuldade em obter acesso a recursos e condições que garantam a sobrevivência e o bem-estar desses corpos marginalizados. Essas formas de exclusão são amplamente presentes na sociedade, e Vitória vivencia essas realidades em seu cotidiano. Ela enfrenta desafios dentro de sua própria família, onde sua identidade e orientação sexual não são adequadamente acolhidas ou compreendidas. Essa falta de apoio familiar cria um ambiente hostil e restritivo para Vitória, tornando difícil para ela encontrar conforto emocional e apoio dentro do próprio núcleo familiar. Essa experiência intrafamiliar adiciona mais uma camada de dificuldade e opressão à vida de Vitória.

E aí ele [referência ao pai] me molestava, nunca chegou a me machucar. Mas fora isso, ele fazia o que queria. Entendeu? E foram algumas vezes, não foi uma vez só.

[...]Fiquei quinze anos sem falar com ele. Quinze anos, porque eu o perdoei, ele pediu perdão, estava indo na igreja, bíblia e tal, e “perdão, minha filha” tal. Eu falei: beleza, está perdoado, e comecei a ter uma interação um pouco mais próxima com ele. Mas, não demorou muito, precisei da ajuda dele e tive que ir morar lá na casa dele. Teve uma época que meu tio estava mandando todo mundo embora de casa, e a gente não tinha pra onde ir. E eu fui perguntar para ele, aí ele quis ser pai. Falou: filha minha não fica na rua. Aí a gente construiu uma casa inteira no terreno da minha avó. Eu e ele. A hora que a casa tava pronta, um dia eu cheguei lá e ele tinha se cortado inteiro com uma Gillette. Ele chegou bêbado do bar falando assim ó, “tenho três Gillette. Dorme. Você, sua mãe, seu irmão. É uma pra você, uma pra sua mãe, uma pra sua irmã”. Aí a gente pegou e fugiu pro mato, eu, minha mãe, meu irmão e minha avó.

Os relatos de Vitória expressam formas de violência que são praticadas e, muitas vezes, perpetradas por sua própria família, que poderia ser um ambiente de proteção incondicional. No entanto, é no ambiente doméstico que ocorre a maioria dos atos violentos contra crianças e adolescentes, sobretudo contra as meninas (Barros; Brum, 2019), e assumem formas específicas no âmbito privado (Santos, 2021).

Quando os membros da família falham em garantir a integridade física de uma criança, a sociedade acaba perpetuando essa trajetória. É importante ressaltar que as mulheres lésbicas enfrentam ainda mais desafios em comparação com mulheres heteronormativas (Carvalho; Inocêncio; Euzébio; Zuchiwschi, 2014). A particularidade da situação das lésbicas diante da violência é que as agressões ocorrem devido ao gênero e à orientação sexual, configurando uma forma de dupla violência (Santos, 2021).

Então, eu tive uma mãe muito flexível a respeito disso. Mas eu apanhei também. Eu poderia vestir o que eu quisesse. Mas teve uma vez que eu apanhei. Eu tinha mais ou menos catorze anos. Eu saí com uma galera aí, com a menina que eu estava namorando na época e a gente ia tomar sorvete e, no fim, o cara tinha trazido um vinho e tal, e começou a tomar vinho e eu cheguei, acho que minha mãe já estava me esperando na porta com uma espada de São Jorge, não era nem meia-noite ainda, mas a espada de São Jorge virou um chicotinho entendeu? E aí eu entendi isso, que eu estava apanhando porque eu era homossexual. Tá? Entendeu? Não sei se foi real. Eu acho que minha mãe nem conseguiria assumir isso.

[...] Então minha mãe, como percebeu isso (referindo-se ao gosto por roupas consideradas de uso masculino) logo cedo, com onze, doze anos, ela ia numa loja de departamento que tinha masculino e feminino e falava escolhe o que você quiser. Mas eu fui mandada embora quando eu tinha dezessete anos.

As falas de Vitória revelam a ambiguidade que permeia as relações humanas, onde parece haver um hiato entre o real e a realidade percebida. Em sua relação com a mãe, essa ambiguidade se manifesta: a mãe, por um lado, parece flexível e aceita a identidade de sua filha, mas, por outro, a agride pelo fato de ser homossexual. Em momentos distintos, a figura da mãe complacente retorna em oposição àquela que não acolhe. A mãe de Vitória adota uma postura ambígua, aparentemente aceitando as decisões da filha, mas impondo certos limites que ainda não foram ultrapassados. Ao voltar de um passeio, Vitória não pôde compartilhar sua experiência sem ser agredida fisicamente, com uma “*espada de São Jorge que virou um chicotinho*”. Essa aceitação condicional parece ser, na realidade, uma forma de intolerância disfarçada de amabilidade.

Uma forma muito comum em sociedades heteronormativas de as famílias conviverem “cordialmente” com um parente homossexual é “aceitando” a sua pessoa a despeito da sua homossexualidade (que passa a ser escamoteada e tratada como se não existisse). Nesse caso, é negado ao homossexual o direito a qualquer tipo de tematização das suas relações homoafetivas, assim como a de qualquer componente de sua vida e de sua identidade. (Freitas, 2022, p. 8)

De certo modo, há uma espécie de contrato fiduciário que presta a regulamentar o sistema familiar, ou seja, um contrato que considera a palavra empenhada, cuja confiança se baseia no acordo verbal entre as partes envolvidas. No contexto das relações familiares, entretanto, este contrato fiduciário seria estabelecido dispensando até mesmo o acordo verbal, cujo objetivo seria manter a heteronormatividade, pois é isto que se espera de um filho ou filha, até mesmo como uma das formas de reconhecimento e legitimação de que aquela mãe e/ou aquele pai ofereceram uma boa educação (Modesto, 2010).

Mulheres, em especial, são as que costumam sofrer maior discriminação não só pelos pais, como também pelos tios, tias, irmãos, irmãs e demais integrantes da família, “em primeiro lugar por serem mulheres em uma sociedade patriarcal e em segundo lugar porque possuem uma identidade sexual que foge ao padrão heteronormativo legitimado pela sociedade” (Santos, 2021, p. 4). De todo modo, é possível pensar que a homoafetividade seja vista como um ato de ingratidão aos pais e, conseqüentemente, uma quebra do contrato fiduciário

Do ponto de vista ético-afetivo, dentro do relacionamento familiar, podemos falar de contratos entre mãe e filho/a – ser o sonho da mamãe, o amor incondicional da mãe – e reconhecemos aí contratos fiduciários, isto é, contratos baseados na crença e na confiança. “Um contrato fiduciário funciona como os contratos antigos, em que não se precisava de nada escrito, nem assinado, basta ‘o fio da barba’. A força deste contrato ainda é surpreendente!” (Modesto, 2017, p. 70)

Quanto às mulheres, o cerceamento parece “justificável” em razão do gênero, cujos corpos parecem se prestar para usufruto de outrem, como forma de submissão aos anseios outros que não os das próprias mulheres. De acordo com Santos (2021), as lésbicas enfrentam um processo particular, pois a sociedade impõe às mulheres determinados padrões de comportamento, isto é, aqueles do cuidar conjuntamente da maternidade, do lar e dos homens. Essas expectativas sociais limitam a liberdade das lésbicas ao impor a elas papéis e normas específicas que não correspondem às suas identidades e desejos.

Rich (2010) destaca, de maneira paradoxal, as diversas formas de negação que as mulheres enfrentam em um contexto em que a restrição à liberdade dos corpos femininos é constante. Mesmo que isso signifique confinar, fragmentar, ocultar ou até mesmo eliminar partes ou totalidades desses corpos, a sociedade impõe tais restrições com o objetivo de limitar sua utilidade.

Ao negar a (própria) sexualidade das mulheres – por meio da clitoridectomia e infibulação; cintos de castidade; da punição, inclusive a morte da sexualidade lésbica; da negação psicanalítica do clitóris, de restrições contra a masturbação, da negação da sexualidade da mãe e da mulher pós menopausa, de histerectomias desnecessárias, de imagens pseudolésbicas na mídia e na literatura, do fechamento de arquivos e da destruição de documentos relacionados com a existência lésbica. (Rich, 2010, p. 24)

Diante desse contexto das mulheres e das mulheres lésbicas, resalto a seguinte fala de Vitória sobre o tema liberdade e a importância da luta política:

Quase todo mundo era mandado embora de casa quando era gay naquela época, né. Hoje eu tenho trinta e oito anos, então foi antes de toda essa questão de que preconceito é crime, entendeu? Então, já sofri muitos preconceitos. Para mim a liberdade sempre foi uma conquista, e se a liberdade é uma conquista e não é só pro gay, é pra qualquer um. Você tem que lutar pra ser livre. A gente sabe disso quando existem relacionamentos abusivos, por exemplo.

[...] Mas eu tive o meu momento de introspeccionismo, assim, muito forte na minha adolescência. Eu era aquela menina que sentava no fundo e não falava com ninguém. Que andava com tatuagem no pescoço, caveira, blusa de caveira, entendeu? Tipo, eu tive uns estilos muito góticos, ouvia muito rock, entendeu? Que eu acho que é esse movimento de luta mesmo, entendeu? Vamos lidar com a sombra? Vamos! Chega de se esconder? Não tem outro caminho, entendeu?

No discurso de Vitória é possível identificar o deslocamento que fez para fora depois de um período de introspecção. O corpo que é expulso de casa, uma experiência compartilhada por muitas pessoas, precisa encontrar meios de proteção, como um armário que resguarda algo sensível da luz, até que chegue o momento de enfrentar as sombras.

Quando as ondas do mar parecem altas demais, é para dentro de nós que devemos mergulhar, tal como o mergulho que Vitória fez em seu “introspeccionismo”, submersa em si mesma, talvez para se escutar, calando todas as vozes que não fossem suas, num diálogo consigo mesma, quando ela própria se convida a “lidar com a sombra”. É preciso que se mergulhe em si mesmo, de modo que, ao entrar em contato com o mundo interno, seja possível apropriar-se das experiências ao redor e compreender como elas afetam o corpo, para então emergir para a vida desejada, assim como a autora concebe seu próprio processo de transformação. Conforme nos coloca Anzaldúa (2005, p. 714), “[...] devemos adquirir consciência da nossa situação antes de podermos efetuar mudanças internas, que, por sua vez, devem preceder as mudanças na sociedade”.

Estabeleço aqui uma conexão entre Vitória, a citação de Anzaldúa e minha própria experiência em relação à liberdade e ao aprisionamento, em um movimento de entradas e saídas, aberturas e fechamentos, exteriorização e interiorização, luz e sombra. Nesse *continuum* de prazeres permitidos e desprazeres legitimados, reconheço minha própria vivência como mulher. Compartilho uma experiência pessoal em diálogo com Rich, em um *continuum* lésbico, e com Vitória, que reforça a liberdade como um direito humano. Lembro-me de um momento em que meu ex-marido, ao perceber que meu desejo por conhecimento não havia diminuído, despejou sobre mim a seguinte frase: “*Se você pensar em buscar um curso de mestrado, encontre primeiro um advogado*”. Essa experiência faz parte de uma estrutura social que produz e reproduz dispositivos de confinamento para mulheres, mantendo assim o “direito masculino de acesso físico, econômico e emocional a elas” (Rich, 2010, p. 34).

Reconhece-se que historicamente meninas e mulheres foram submetidas a uma cultura machista, na qual ocupam um papel de submissão dentro das relações de poder estabelecidas na sociedade, sendo-lhes atribuído pouco poder (Barros; Brum, 2019). Essa reprodução é resultado de uma cultura patriarcal, que perpetua a misoginia e a arbitrariedade. Portanto, a liberdade a que Vitória se refere é o que se busca nas suas diversas formas, seja pela escrita, pelas passeatas, ocupação de cargos públicos, representações artísticas, escolha de amores, expressão de gestos, demonstrações de afetos. Uma outra igualmente significativa e tão desafiadora quanto: a união de mulheres, de todas elas, de todas as formas, ao que Rich (2010) levanta uma importante discussão quando questiona o fato de mulheres que se vinculam a mulheres, seja como parceiras, amigas ou colegas, acabam sofrendo algum tipo de repressão que desestimulem a manutenção dessas relações.

3.3 EU NÃO SOU “TODO MUNDO”

Não serei humilhada novamente,
nem me humilharei

Glória Anzaldúa (2005, p. 714)

A relação com o outro pressupõe o reconhecimento da alteridade, atributo cuja singularidade é identificada e respeitada em todas as suas nuances e que, na ausência dessa capacidade, pode-se produzir falsas relações, egocentradas e passíveis de violência. É nesse sentido que a afirmação de Butler (2004, p. 198-199) se destaca: “O corpo tem seus próprios sinais, seus próprios significados, de um modo que permanecem em grande parte inconscientes. As significações do corpo excedem as intenções do sujeito.” Portanto, qualquer tentativa de impor um certo padrão em nossas condutas representa uma violência contra nossa própria humanidade. Em outras palavras, se até mesmo a minha subjetividade escapa ao meu controle, quem concedeu ao outro o direito de normatizar meus desejos? É o discurso de Vitória que apreende a urgência em se diferenciar do outro, não por um mero individualismo egoísta que implica em relações verticalizadas, mas pelo seu oposto, por reconhecer a importância que há na troca com outras vidas, cujo intercâmbio acontece entre diferentes diferenças. Nas suas próprias palavras:

Da limitação dos corpos, da voz, do que você é, na sua essência, né? Pra que você seja igual a todo mundo. E aí você perde totalmente a graça, né? Se todo mundo fosse igual, daí você não teria o que trocar.

[...]E aí a gente também perde a essência de ser o que é de uma forma livre. Também acaba comprometendo a nossa liberdade de ser, independente do que seja, porque a gente é essência. Se eles não se acostumassem, eles iam me perder. É simples assim!

[...]Se eles não me não aceitassem, eu, na minha essência, na minha existência, eles iam me perder. Demorou muito pra eles aceitarem. Minhas tias: Vitória, para de sair com mulher, isso é pecado. Minha outra tia falou assim: se for pra você vir com a sua namorada aqui eu não quero, entendeu? Então teve essas questões assim, familiares.

Enquanto “a prática do amor é o antídoto mais poderoso contra as políticas de dominação” (hooks, 2005), Vitória denuncia a perversa rigidez que busca universalizar a essência, impedindo a troca amorosa, os afetos e o companheirismo. Por outro lado, Anzaldúa (2005) incentiva o movimento de construção do nosso eu singular, onde nos tornamos constituidoras de nossas próprias subjetividades. A concepção que temos de nós mesmas molda quem nos tornamos.

No entanto, a fala de Vitória remete a uma outra condição de aceitação, aquela que passa pela via da identidade e das normas, que irão balizar o reconhecimento de si diante do mundo, já que “o reconhecimento dos sujeitos dentro de cada uma das possibilidades de identidade é feito a partir da interpelação, ou seja, reconhecemo-nos dentro de cada categoria, de acordo com o que nos é perguntado” (Costa, 2017, p. 505).

Tal como uma “mestiza” (Anzaldúa, 2005, p.705), que “é um produto da transferência de valores culturais e espirituais de um grupo para outro” e que transita por territórios híbridos de idiomas, raças e cores que a faz questionar sobre a qual “coletividade pertence a filha de uma mãe de pele escura”, Vitória também é invadida pelo hibridismo de falas de seus familiares que hora subjugam sua vontade, hora condicionam sua presença. Enquanto uma das tias alerta sobre o pecado que está cometendo, sendo imperativo que ela “pare de sair com mulheres”, a outra parece tolerar seu relacionamento homoafetivo desde que a namorada não apareça, sob pena de exclusão da própria Vitória. Na fronteira entre o ser e o pertencer, Vitória caminha em direção à sua subjetividade, de modo que antes de ser em algum lugar, ela pertença a si mesma, com o reconhecimento de todas as porções que compõem a sua alma, sejam elas “*lo heredado, lo adquirido, lo impuesto*” (Anzaldúa, 2005, p. 709).

Anzaldúa (2005) reflete sobre como viver em meio à diversidade cultural, no meio, na fronteira, que atravessa seu corpo e afeta seu sistema de valores e concorre para o apagamento de suas origens, ao mesmo tempo em que não lhe deixa esquecer a qual território pertence. A autora fala de um “nepantilismo mental, palavra asteca que significa partida ao meio, la mestiza é um produto de transferência de valores culturais, monolíngue, bilíngue ou multilíngue, em um estado de transição constante” (Anzaldúa, 2005, p. 705).

Para que Vitória fosse capaz de impor sua própria condição aos seus familiares, em respeito às suas peculiaridades enquanto ser que se constrói a partir de suas histórias (“*se eles não me não aceitassem, eu, na minha essência, na minha existência, eles iam me perder*”), foi preciso que antes ela mesma se aceitasse e legitimasse sua identidade, que era dissonante da percepção do outro. O movimento de identificação do que nos foi “herdado, adquirido e imposto” (Anzaldúa, 2005) é turbulento, no entanto, necessário para que possamos minimamente tomar a posse de nós mesmas e de nossas próprias bagagens, sobretudo, tornando-as menos pesadas ao dispensarmos aquilo que nos foi imposto.

Este processo de reconhecimento nunca é isolado, pois o reconhecer implica conhecer novamente, a partir do olhar daqueles que nos concederam a possibilidade de existir, num determinado contexto ou contorno familiar. Assim, este reconhecimento não se faz sem algum tipo de ruptura com o que nos foi apregoado, talvez sendo esta a condição básica para

ocuparmos os lugares no mundo, de amar e ser amada, resultado da apropriação do senso de merecimento que advém do simples e complexo fato de se tratar de um ser humano, que, para além de qualquer dualidade, tem direito a existir, tal como:

O nexos existente entre a experiência de reconhecimento e a relação consigo próprio resulta da estrutura intersubjetiva da identidade pessoal: os indivíduos se constituem como pessoas unicamente porque, na perspectiva dos outros que assentem ou encorajam, aprendem a se referir a si mesmos como seres a que cabem determinadas propriedades e capacidades. A extensão dessas propriedades e, por conseguinte, o grau de autorrealização positiva cresce com cada nova forma de reconhecimento, a qual o indivíduo pode referir a si mesmo como sujeito: deste modo, está inscrita na experiência do amor a possibilidade da autoconfiança, na experiência do reconhecimento jurídico, a do autorrespeito e, por fim, na experiência da solidariedade, a da autoestima (Honneth, 2003 apud Freitas, 2022, p. 9).

E quando a intersubjetividade é permeada por sentimentos de rejeição e exclusão, especialmente quando membros da família corroboram com discursos e comportamentos homofóbicos, misóginos e desumanizadores em relação às mulheres? Como destacado por Schulman (2010, p. 70), “pessoas gays estão sendo punidas dentro da própria estrutura familiar, mesmo sem termos feito nada de errado”. Embora esse eixo de discussão se concentre na busca pela aceitação, é inevitável correlacioná-lo com seu antagonista: o preconceito.

Do mesmo jeito que houve a rejeição e o preconceito por eu ser lésbica, mas até então, ainda nessa época, não era assumida, nada, assim, não tinha uma pessoa ainda. E, por outro lado, eu fui muito acolhida e muito respeitada no CRAS. Tanto é que o meu primeiro estágio foi nesse CRAS. E nesse CRAS que eu fiquei dos meus nove anos aos meus dezesseis mais ou menos, quinze e dezesseis, é porque ia até dezoito também né... e aí eu comecei a trabalhar, tive que sair. Nesse mesmo CRAS eu tive a possibilidade da formação, primeiro estágio e voltar lá como estudante de psicologia.

A fala de Vitória traz tanto a aceitação como o preconceito, sendo que a primeira deveria significar um tipo de elo de uma corrente à serviço da proteção, jamais de aprisionamento. No entanto, como aponta Schulman (2010), devido à inversão da norma, pessoas homoafetivas são punidas, e essas punições ultrapassam os limites dos muros que deveriam ser um refúgio familiar. Por outro lado, é além desses mesmos muros que Vitória encontra respeito e acolhimento, o que se revela como um fator protetor de grande importância.

Caso os preconceitos das famílias sejam flexíveis, caso a vítima tenha uma rede de apoio consistente e confiável e caso outros indivíduos na família ou na comunidade intervenham ativamente na denúncia, portanto, na mitigação do impacto da crueldade, a homofobia familiar pode ser um obstáculo desnecessário, mas superável. (Schulman, 2010, p. 70)

Os espaços sociais que proporcionam oportunidades de convivência entre pessoas LGBT por meio de suas atividades podem se tornar locais de poder e resignificação. Neles, encontram-se pessoas que compartilham ideias e ideais convergentes, sem a intenção de impor normas (pois isso resultaria em uma nova forma de preconceito), mas sim como pontos de apoio, redes de proteção e espaços abertos para todas as vozes. São verdadeiros refúgios para um corpo que enfrenta o medo de ser anulado. Esses espaços promovem encontros que estabelecem laços, algo que ao longo da história tem acontecido entre pessoas não heteronormativas. Trata-se da formação de vínculos protetores, uma tentativa de se protegerem de qualquer forma de violência (Schulman, 2010).

O CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) foi um desses espaços de apoio, proteção, criação, resignificação, acolhimento e superação para Vitória. No CRAS, Vitória permaneceu por seis ou sete anos, contemplando o período final da infância e início da adolescência, momento este de formações, mas também de rupturas, sobretudo com as construções familiares que, de acordo com Santos (2021, p. 5), “é o lugar onde, na maioria das vezes, os indivíduos constroem sua visão de mundo e sua subjetividade”.

Nesse sentido, qual a magnitude dos encontros, uniões e rupturas que vivenciamos ao longo de nossa existência, do ponto de vista de uma eclosão de sensações e sentimentos provenientes de experiências que só uma vida humana pode proporcionar à outra vida humana? Nossos corpos imbricados uns com os outros são atravessados pelos afetos num transpassar de fios que costuram nossas emoções, tal como nos traz o trecho a seguir:

Os corpos recebem, portanto, marcas uns dos outros. Podemos, nestes encontros, assumir uma vida servil, passiva, aprisionada, resignada e determinada por causas externas, fundadas na espera, na superstição e no medo; ou uma vida ativa, alegre, livre, inventiva e transformadora do real. A segunda opção é a liberdade que se dá pelo contentamento intelectual, pelo conhecimento do real. (Mendonça, 2020, p. 66)

Na história de Vitória, o CRAS desempenhou um papel significativo, proporcionando um encontro feliz que expandiu sua existência. Lá, ela pôde expressar livremente seus pensamentos, sem temer a censura. No entanto, o núcleo familiar pareceu estar configurado de forma a perpetuar o preconceito, essa erva daninha com potencial para paralisar e aniquilar a vida em sua plenitude. É nesse sentido que trago este poema de Adélia Prado.

Afetos...

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.

Cargo muito pesado pra mulher,
 esta espécie ainda envergonhada.
 Aceito os subterfúgios que me cabem,
 sem precisar mentir.
 Não sou tão feia que não possa casar,
 acho o Rio de Janeiro uma beleza e
 ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
 Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
 Inauguro linhagens, fundo reinos
 -- dor não é amargura.
 Minha tristeza não tem pedigree,
 já a minha vontade de alegria,
 sua raiz vai ao meu mil avô.
 Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
 Mulher é desdobrável. Eu sou.

Adélia Prado (1996, p. 11).

Adélia Prado nos presenteia com uma reflexão sobre a experiência de ser mulher, descrevendo-a como uma “espécie envergonhada” que geralmente evita ser o centro das atenções (Brown, 2013). Vitória atribui a sua ansiedade a essa vergonha, que se manifesta em situações de exposição, nos relacionamentos afetivos e no preconceito familiar. É nessa complexa tapeçaria de experiências que Vitória vai tecendo suas emoções, como expresso no trecho a seguir. Suas palavras se entrelaçam para formar o pano de fundo de suas crises de ansiedade.

Perguntei a Vitória sobre alguma situação em que ela se sentia ansiosa, ao que ela me respondeu, de modo enfático:

Exposição, exposição! E eu acho que isso tem muito a ver com a minha orientação sexual. Com os preconceitos que eu já sofri.

[...] Quando eu errei no teatro, quando eu era desse desafio da amizade, do CRAS e eu errei e tinha muitas câmeras... eh... eu acho que eu tive um sintoma de pânico e eu nem sabia o que era. Mas eu senti meu coração nas costas que parecia que ele ia sair. Era muito estranho, eu não sentia o coração no peito, eu sentia o coração nas costas como que o peso e a angústia e a pressão e eu não sei o que fazer sobre isso, eu não sei o que fazer com isso...Entendeu?

[...] São ansiedade e depressão relacionados a preconceitos com família, comunidade, com uma igreja, entendeu? Sempre vinculado à questão de aceitação e não aceitação. Recentemente, eu fui fazer terapia porque eu estava tendo crises de ansiedade, falta de ar, taquicardia, tremores e isso foi por relacionamentos.

De acordo com Castillo, Recondo, Asbahr e Manfro (2000, p. 20), “a ansiedade é um sentimento vago e desagradável de medo, apreensão, caracterizado por tensão ou desconforto derivado de antecipação de perigo, de algo desconhecido ou estranho.” A ansiedade pode afetar

pessoas de diferentes orientações sexuais, sendo necessário enfatizar que não se pode afirmar que todas as pessoas LGBT sofrem de ansiedade.

No entanto, é válido considerar que as pessoas LGBT, frequentemente, enfrentam desafios adicionais relacionados a sua orientação sexual, como preconceito e violência, o que contribui para aumentar a incidência da ansiedade quando em comparação com as pessoas heterossexuais (Francisco et al., 2020). O preconceito, que pode se manifestar em forma de violência, põe em alerta o corpo da mulher lésbica diante da possibilidade do encontro com o outro, cujo sinal chega pela via da respiração.

É sabido que a respiração é requisito primário para nossa existência, entretanto, conforme Górska (2021), nem todos respiram sob a mesmas condições, uma vez que o ar sofre os impactos das singularidades do contexto em que se está inserido, do ponto de vista político, social e do próprio meio ambiente. Dito de outro modo, uma sociedade que se organiza hierarquicamente, estipulando quais vidas têm precedência sobre outras, é criadora de uma atmosfera tóxica, que afeta o ato de respirar de mulheres lésbicas por não estarem inseridas no contexto da heteronormatividade.

Um pulmão que, ao dar conta do oxigênio, também é solicitado a abrigar um coração que insiste em bater. A experiência de exposição do corpo vai além da mera vivência de falar em público, seja ministrando aulas, fazendo palestras, atendendo pacientes ou participando de reuniões. O Eu busca pelo Outro em um encontro permeado pela expectativa, que oscila entre a aceitação e a recusa de um corpo que abriga a alma de alguém que anseia por ser reconhecido em sua humanidade. No entanto, como Sedgwick nos lembra, é fundamental ter estratégias:

Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física, exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilos ou exposição. (Sedgwick, 1993, p. 22)

Dessa forma, cada nova interação social impõe desafios e demandas específicas, especialmente para pessoas LGBT, que precisam adaptar-se constantemente, calculando as implicações de revelar sua identidade ou manter-se em sigilo, conforme as “leis” particulares desse armário social. É nesse sentido que Sedgwick (1993) coloca o armário como dispositivo marcador de corpos de pessoas lésbicas e gays e que, mesmo depois do que ocorreu em Stonewall em 1969, permanece como artefato que permeia corpos não normativos.

No Brasil, durante o ano de 2022 ocorreram 273 mortes de pessoas LGBT de forma violenta. Dessas mortes, 228 foram assassinatos, 30 suicídios e 15 outras causas, resultando em

1 assassinato de pessoa LGBT a cada 32 horas. A morte de mulheres lésbicas responde por 2,96% do total, que em números absolutos corresponde a 8 mortes – sendo 2 suicídios. Dessas, 6 na região nordeste, 1 na região sudeste e 1 na região sul do Brasil. Cinco mortes ocorreram em espaços públicos, 1 morte aconteceu em espaço privado e duas não foram informadas, em sua maioria ocorridas no período noturno (5 mortes)⁴.

Em outra fala ainda sobre o que lhe causa ansiedade, Vitória relata:

Questões de relacionamento, entendeu? afetivos, homoafetivos. Porque assim, acho muito mais fácil um relacionamento hétero, muito mais fácil, porque dois homens são práticos entendeu? E muitas vezes essa consciência que a gente tem sobre traição, monogamia, não é querendo falar assim de uma forma pejorativa, que eu acho que são pessoas e pessoas e não dá pra generalizar. Mas na comunidade gay o sexo é uma coisa muito livre. Relacionamento de mulher com mulher é muito complexo, entendeu? Porque as mulheres, elas são, como que se fala? É ter uma visão muito mais complexa sobre a realidade, olha pra vários lugares, não olha pra um lugar só. Então não é tão simples a relação homoafetiva nesse sentido com as mulheres. Porque é mais do que um simples “oi, tudo bem?” É uma conquista, é o emocional, é um vínculo, é uma confiança. E são coisas assim que um dia uma amiga minha, que tem vinte e dois anos, me perguntou assim, ela sempre vem aqui, daí ela falou assim: Vitória, como que eu faço pra não ser traída? Aí eu dei risada, eu falei assim, você vai ser traída, você que não pode ficar tão afetada com a traição das pessoas, porque quando eu falo de traição, não é a simples traição de sair com outra pessoa como a gente sempre vê. Mas é de mentira, é de omissão, é de falta de transparência, dificuldade de falar o que pensa. Várias questões. O relacionamento de mulher com mulher é uma coisa muito mais ampla do que só sexual, não sei se isso traz ansiedade, uma sensação de ameaça, às vezes, mas traz desconfiança, entendeu? Eu sempre estou meio desconfiada, sempre estou tentando interpretar as pessoas pelo comportamento, pelo que elas dizem, saber se eu quero ou não quero por perto.

[...] Eu tive três relacionamentos, como eu falei pra você. Então eu tive muito problema de estar sozinha. Eu falo dessas mulheres, né? Que perderam ou se separaram, mas eu também tive problemas em ficar sozinha no começo, né?

[...] Eu estava num relacionamento novo e eu comecei, eu desenvolvi um juízo crítico gigantesco, e aí eu comecei a ver que quando meu irmão foi embora, a minha namorada em vez de ficar comigo, ela se separou de mim, ela falou “ah, não dá, eu não vou dar conta disso, eu não quero problema de você”. Se separou de mim, entendeu? Então daí eu fiquei sozinha mesmo.

[...] Porque enquanto você tem um sentimento genuíno, ali, sabe? Um relacionamento, eu sou monogâmica, não tem o que falar, entendeu? Ah, porque hoje todo mundo quer relacionamento aberto. Relacionamento aberto sempre existiu, só que eu não sabia, só que só existiu pra um lado, entendeu? Aí aconteceu isso e acabamos terminando, ficamos dois anos junto. E aí a

⁴ Os dados são do Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+ do Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI, 2023. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

última eu só descobri depois que a gente terminou, que ela me traiu nos cinco primeiros anos de relacionamento e eu não sabia e era com uma amiga nossa porque a gente andava em casal sempre.

[...] E no segundo relacionamento a pessoa era dependente química de cocaína e a mãe dela falou assim: por favor me ajuda, minha filha.

[...] E aí depois ela fez o escândalo, queria incendiar meu quarto, aí a outra história sabe? De relacionamentos abusivos. No primeiro não foi abusivo, por mais que a gente tenha brigado uma vez feio. Sabe? Foi uma única vez, e assim existia muita, deste segundo, existia muita provocação, entendeu?

Expor-se é mostrar-se a outro ser humano, é a interação que acontece nos encontros amorosos, na permissão do toque, na confiança da palavra, na brisa do abraço, no calor do beijo, na promessa do reencontro, na fé da ilusão. O corpo de Vitória, biologicamente designado como feminino e que deseja o seu igual, declara a complexidade dos relacionamentos homoafetivos com mulheres, que implica em confiança, cumplicidade, lealdade e cuidado, como construtos que viabilizam a fidelidade em detrimento da traição que aparece em sua fala, tal como uma profecia.

Na narrativa de Vitória, percebe-se a presença da mulher lésbica, mas, acima de tudo, a presença da mulher em si. A sua fala sugere uma graduação nos modos de relacionamento, indo desde os considerados menos complexos (relacionamentos heteronormativos) até os mais desafiadores (relacionamentos homoafetivos lésbicos), passando por uma categoria intermediária, que seriam os relacionamentos entre homens. Isso suscita questionamentos sobre o significado de nascer em um corpo identificado como feminino, do ponto de vista biológico, em um país latino colonizado por homens brancos, que estabeleceram as “dicotomias hierarquizantes”, conforme abordado por Lugones (2014, p. 76).

A concepção moderna de humanidade entendia o ser humano como um ser de razão, com uma interioridade que o torna sujeito. Todo o resto é um exterior normal. No humanismo, o homem torna-se central e autodeterminante. Ele acredita que pode mudar o mundo com base na razão e nas regras que ele estipula. Entre essas coisas, está a classificação entre o humano e o não humano. Tudo o que não está na razão é não-humano e isso inclui os povos colonizados.

Assim como Vitória, sou herdeira da colonização hierarquizante cuja construção da cultura brasileira desde seus primórdios segue implicada por atos violentos, somados a uma forte influência da igreja, importando de seus colonizadores um modelo patriarcal que orientava a sociedade. “A hierarquia masculina e a submissão imposta a mulher ao longo da história, viabilizaram por um longo período, inclusive com a autorização legal, castigos e mesmo assassinatos contra mulheres que não se submetiam as regras e a obediência ao homem.” (Brum;

Barros, 2019, p. 137). Encontramos na entrevista de Vitória posicionamentos sobre esta realidade:

Mas é assim, eu acho que uma das coisas que a gente vê muito assim e que me entristece demais é por conta de preconceito, as adolescentes tirarem a própria vida ou se cortarem, sabe? Ou se revoltarem e ir pro mundo de crime, que poderia ter acontecido comigo, e da não punição dos pedófilos, né? Das pessoas que cometem esse tipo de injustiça, que querem tirar sua liberdade, que querem te desmoralizar. Entendeu? E então assim, as vítimas desses tipos de abuso, pra mim e é por isso que hoje eu sou psicóloga, é o que eu quero tentar contribuir com a vida dessas pessoas. Sabe? Pra que nenhum jovem, nem ninguém, nem mais um, nunca mais... nunca mais é muita coisa, muita pretensão, utopia. Mas assim, que ninguém tire a sua própria vida por se sentir rejeitada, pressionada e/ou explorada de alguma forma, sabe.

Na fala de Vitória fica evidente o seu desejo de que nenhuma pessoa seja alvo de violência que coloque em risco sua vida ou resulte em autoagressão. Isso inclui tanto o preconceito quanto os abusos de qualquer natureza. Vale ressaltar que o preconceito por si só já pode ser considerado uma forma de abuso, uma vez que, infelizmente, alguns corpos são discriminados, rejeitados e subjugados por meio de atos violentos ou marginalizados socialmente (Moscovici, 1978), num processo de desumanização e de um delírio compartilhado por aqueles que se consideram superiores aos outros. Essa crença na superioridade leva ao descarte de corpos considerados abjetos (Butler, 2016) como forma de materializar essa visão distorcida.

Portanto, no discurso de Vitória, encontramos uma mistura de tristeza e potência em relação à sua escolha profissional, que é o desejo de ocupar o seu lugar no mundo, contrapondo-se ao lugar que lhe foi designado. Ela coloca como uma utopia o ideal de que ninguém mais tire a própria vida, porém sem abandonar completamente essa possibilidade. A sua fala remete às mulheres que dialogam com utopias, talvez porque suas vidas sejam permeadas por elas. Como Mendonça (2020, p. 63) nos lembra, a utopia não é simplesmente um lugar inexistente ou algo irrealizável, mas algo que é bloqueado pelas forças de uma sociedade estabelecida, pelos poderes que promovem o fatalismo, o ressentimento e a paralisia da existência.

Por sua vez, Anzaldúa (2005, p. 710) afirmava: “Você é nada mais do que uma mulher, o que significa que você é defeituosa, e o oposto de você é ser um macho”. Anzaldúa carregava consigo uma potência revolucionária em seu pensamento, que se opunha às lutas como uma forma de viver. A revolução a que ela se referia trazia consigo a possibilidade de viver com, contrapondo-se ao viver contra, em uma utopia. Ela nos diz: “No entanto, não é suficiente se posicionar na margem oposta do rio, gritando perguntas, desafiando as convenções patriarcais

brancas. Um ponto de vista contrário nos prende em um duelo entre opressor e oprimido” (Anzaldúa, 2005, p. 705).

Além disso, é importante destacar a relevância da fala de Vitória quando se trata das jovens adolescentes, que muitas vezes enfrentam uma maior vulnerabilidade social, especialmente por serem economicamente dependentes de seus familiares.

[...] meu tio, ele sempre foi muito conservador, entendeu? Tanto é que ele é de direita, extrema direita. E aí ele ficou sabendo que eu estava tendo um relacionamento com mulher e tal. Desde os catorze anos eu tinha esse relacionamento. Aí, quando eu tinha dezessete anos, aí ele falou assim oh, minha mãe veio falar pra mim: Oh, o tio falou assim, pra você escolher, ou você se mantém nessa vida ou você sai da casa dele. Eu falei assim: então fala pra ele que eu estou fazendo minhas malas. Eu ainda não tinha terminado o ensino médio.

Na sua fala, Vitória personifica a experiência de uma adolescente que reforça a urgência da utopia como uma maneira de romper com o preconceito que a expulsa de casa. Ela descreve a sensação de sufocamento dentro do armário, onde mesmo a menor abertura pode resultar na morte de quem busca sair, como se o simples ato de respirar de uma mulher homoafetiva tivesse o poder de extinguir todo o oxigênio disponível, como se suas vidas, que merecem ser vividas plenamente, estivessem sendo aniquiladas.

Então, Vitória sai da casa, onde morava com sua mãe e irmão, passando pela fronteira em direção a outro lugar onde pudesse encontrar abrigo físico e emocional, carregando na bagagem uma miscelânea de falas, impressões, vivências, sensações, um denso arsenal para que pudesse trilhar por caminhos ainda não conhecidos, numa luta que “sempre foi interior, e se dá em terrenos superiores”, como traz Anzaldúa (2005, p. 714). Foi a sua namorada quem lhe ofereceu abrigo, e o que começou como uma noite se transformou em semanas, que se estenderam por meses e se prolongaram por uma década.

Daí né, falei com ela... falei: oh, deu ruim aqui entendeu? Fui mandado embora de casa e eu não tenho pra onde ir. Daí ela ficou meio assim, que eu ainda era menor, tinha dezessete anos, e aí ela falou assim: bom, se você não tem pra onde ir, então acho que você tem que vir pra cá. Não foi aquela coisa programada, bonita, “a gente se ama, vamos morar junto”, entendeu? Eu gostaria que fosse porque eu realmente gostava muito dela, a pessoa que eu mais gostei inclusive, né? Aquele relacionamento da adolescência, né?

Tal como a refugiada que é obrigada a deixar seu território e que, ao cruzar a fronteira, busca referências e abrigo naqueles que passaram por tal situação, Vitória encontra alguém que, assim como ela, em diáspora, não sucumbe ao idioma hegemônico, cujo vocabulário limitado não contempla a complexidade de sentidos que abarcam a condição humana. Esta língua

moralizante, autorreferenciada, que se coloca num patamar superior, é a heteronormatividade, que toma para si o *status* de regulador de corpos e que supõe representar a maioria das mulheres, contribuindo para o apagamento da existência lésbica (Rich, 2010; Butler, 2016).

A urgência em padronizar corpos e seus desejos, tal como se fôssemos produtos seriados, compete com a possibilidade de expansão da subjetividade que habita em cada uma de nós, impedindo-nos de viver harmoniosamente com o que nos faz sentido num dado momento e que nos obriga a fazer escolhas, o que parece um paradoxo, ser obrigada a escolher. Aqui, recorro a um pensamento de Clarice Lispector: “na escrita clariceana, o corpo, em vez de ser máquina, é um sopro de vida pulsional e criadora que só tem sentido porque ele encarna todos os órgãos de sentidos, todas as sensações, emoções e sentimentos possíveis de seres vividos (Pojar; Comin, 2020, p. 4), de modo que, num ato último de crueldade, tentam-nos impedir de acessar aquilo que nos é mais caro, a nossa subjetividade.

Eu deveria ter sete anos de idade quando meu pai cortou todo o meu cabelo, sob a alegação de que eu poderia ficar “vesga” (estrábica) se minha franja cobrisse meus olhos, ao que minha mãe assentiu, talvez por medo de seu autoritarismo ou por compartilhar dos mesmos pensamentos. O fato é que ainda me lembro de chorar muito, pedindo para que não tocasse no meu cabelo, que foi picotado com uma tesourinha de cortar unhas. Eu me recordo de outras crianças chegarem até a mim, movidas por uma curiosidade que acompanha a necessidade de identificar as pessoas de acordo com o seu gênero, ao que me perguntavam se eu era menino ou menina. Quanto à minha mãe, comprou-me um chapéu com tranças para que eu me parecesse como alguém do gênero feminino, cujo cabelo longo, sendo um signo representante, autorizava-me a dançar quadrilha na festa junina da pré-escola com um menino. Eu trouxe este relato para exemplificar o que diz Butler (2003, p. 59): “o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (Butler, 2003, p. 59). Do mesmo modo, com Vitória, seu gênero, a princípio bem representado pelos mesmos signos, passou a ser questionado na ausência desses, conforme seu discurso:

[...]Meu avô, ele falava “a caboclinha do vô, nunca corta o cabelo”. E eu ficava com isso na cabeça. Meu avô morreu e essa voz ainda ecoava. Aí, um dia, eu falei assim: cara, que se dane, meu cabelo é meu, vou fazer o que eu quero. Mas demorou.

[...]Quando eu entrei lá (na clínica onde atendia) eu tinha cabelo comprido. Aí, menina... Eu lembro quando eu cortei e um pacientinho falou assim pra mim, ele começou a contar uma história assim, e falou assim, “aí, porque daí era menina, mas eu não sei o que aconteceu, virou menino”. Ele começou

numa história de videogame que eu sabia que tinha a ver com eu ter cortado o cabelo, entendeu?

Ao contrário de Vitória que recebia o alerta para que jamais cortasse seu cabelo, talvez para se manter numa aparência condizente com o gênero feminino, os meus foram sumariamente cortados à revelia. Em comum, temos o atravessamento dos nossos corpos que, ainda que infantis à época do ocorrido, já recebiam a obrigação de carregar os signos do gênero que nos foi atribuído, sendo sua ausência percebida como algo estranho ou não condizente com o gênero. É relevante observar que, em ambas as situações, não nos perguntaram sobre nossos desejos, suprimindo-os através de ações que retirem de nós a nossa própria vontade, assim como também parece não terem indagado Anzaldúa (2021, p. 129): “*No salgas al sol’, mi mamá me decía cuando quería salir a jugar. ‘Si te pones más oscura pensarán que eres una india. Y no te ensucies la ropa. No quieres que la gente diga que eres una mexicana puerca’. / La Prieta.*”

De qualquer modo, o que está em disputa aqui são os signos corporais e seus poderes e a necessidade humana de aceitação, de modo que a universalização desses símbolos identificadores de gênero e raça concorrem com o apagamento das singularidades do próprio corpo, ainda que nossos corpos possam resistir por algum tempo a contrapelo. Anzaldúa (2005) acreditava no poder das palavras e em como poderiam ser usadas para que todos pudéssemos habitar um mundo que é diverso, pois assim é também a condição humana, embora a herança colonial continue subalternizando alguns corpos (Lugones, 2014).

Não mexe comigo
Que eu não ando só
Eu não ando só
Que eu não ando só

Eu tenho Zumbi, Besouro
O chefe dos tupis, sou tupinambá
Tenho os erês, caboclo boiadeiro, mãos de cura
Morubixabas, cocares, arco-íris

Zarabatanas, curares, flechas e altares
A velocidade da luz, o escuro da mata escura
O breu, o silêncio, a espera
Eu tenho Jesus, Maria e José

Todos os pajés em minha companhia
O menino Deus brinca e dorme nos meus sonhos
O poeta me contou
Não misturo, não me dobro

O veneno do mal não acha passagem
E em meu coração, Maria acende sua luz
E me aponta o caminho

Me sumo no vento, cavalgo no raio de Iansã

Giro o mundo, viro, reviro
 'Tô no Recôncavo, 'tô em Fez
 Voo entre as estrelas, brinco de ser uma
 Mergulho no calor da lava dos vulcões

Corpo vivo de Xangô
 Não ando no breu, nem ando na treva
 É por onde eu vou que o santo me leva
 Medo não me alcança

Faço cobra morder o rabo
 Escorpião virar pirilampo
 Meus pés recebem bálsamos

Ungentos suaves das mãos de Maria
 Irmã de Marta e Lázaro
 No oásis de Bethânia
 Pensou que eu ando só? Atente ao tempo

Não começa, nem termina, é nunca, é sempre
 É tempo de reparar na balança de nobre cobre que
 o rei equilibra
 Fulmina o injusto, deixa nua a justiça

Eu não provo do teu fel
 Eu não piso no teu chão
 E pra onde você for, não leva o meu nome não

Que eu não ando só
 Eu não ando só
 Eu não ando só

Maria Bethânia (Silva; Almeida, 2012, faixa 26)

Maria Bethânia consagra, em sua canção, a força do hibridismo das simbologias espiritualistas, entre Jesus, Cocares e Pretos Velhos, ressoando o relato de Vitória:

Então, eu queria que eles me aceitassem e eles queriam me transformar naquilo que eles desejavam. Então é um pouco estranho. Lá no Kardecismo eu não sofri nenhum tipo de preconceito e no Santo Daime também não. Religiões de matriz africana também não. Porque normalmente eles têm toda uma história por trás e dentro dessas histórias dos orixás e tal tem muita questão sobre orientação sexual, né? Então quer dizer que eles conversam mais a respeito dessas coisas, entendeu? Ele não é vedado, não é proibido.

A fala de Vitória também reflete o pensamento fluido de Anzaldúa que, como o movimento das águas, contorna suavemente os obstáculos que se opõem ao seu caminho. De acordo com Anzaldúa (2005), “rigidez significa morte”, enfatizando a importância da flexibilidade e adaptabilidade. Os diversos conhecimentos convergem com a multiplicidade de

ações, seja desfrutando de um chá em meio à escuridão da mata ou envolvendo-se com o caboclo boiadeiro. E, acima de tudo, vivenciando a experiência de amar e ser amada, desafiando as normas do desejo.

Porque eu, uma mestiza,
saio de uma cultura
para outra,
porque eu estou em todas as culturas ao mesmo
tempo,
alma entre dos mundos, tres, cuatro,
me zumba la cabeza con lo contradictorio.
Estoy norteada por todas las voces que me hablan
simultaneamente.

Glória Anzaldúa (2005, p. 704)

CAPÍTULO 4

Valentina - Religiosidade, Família, Crenças

Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne.

(Bíblia. Gên. 2:24, 2011).

Deus construiu o mundo e o homem à sua imagem e semelhança, ofertando a ele a mulher, resultado da doação de uma de suas costelas, para que esta lhe fizesse companhia nos jardins do Éden. Com esta síntese do que conhecemos por teoria criacionista, dou início ao capítulo sobre Valentina, a segunda participante desta pesquisa.

O nome Valentina foi escolhido para representar uma mulher lésbica, branca, de classe média, profissional da saúde, nascida há 39 anos no seio de uma família evangélica, tradicional, cujos pais, além de frequentadores, desempenhavam funções na igreja. O nome Valentina remete à valentia, coragem e enfrentamento, atributos importantes para uma mulher que, mesmo identificando-se como lésbica, uniu-se em matrimônio com o homem que viria a ser a primeira pessoa a recebê-la do lado de fora de um armário que se abriria anos depois. Vamos à Valentina!

Entrei em contato com Valentina via telefone e falei sobre a pesquisa que estava realizando, convidando-a para participar. Eu já a conhecia dos tempos em que trabalhamos em uma mesma clínica de psicologia e, embora nosso contato não fosse frequente por conta de agendas, sempre que nos encontrávamos, as trocas eram boas, daquelas que inspiram o nosso dia.

Valentina prontamente aceitou participar e, após duas semanas, eu estava em frente ao portão de sua casa, numa manhã de sexta-feira. No trajeto entre minha casa e a casa de Valentina, nuvens de pensamentos me fizeram companhia em meio a lembranças e reflexões sobre a entrevista que eu havia realizado com Vitória. À medida em que eu me aproximava do meu destino naquela manhã, percebia uma urgência de me despir de todas as lembranças que me tomavam até então. No entanto, como nos despimos daquilo que incorporamos? Na melhor das hipóteses, suspendemos as recordações para que os espaços sejam reabertos a novas lembranças. Em outras palavras, descobrimos nossos ombros e levantamos as mangas, deixando à mostra uma boa área da pele que absorverá pelos poros uma nova escuta.

Ao chegar em sua casa, toquei a campainha e Valentina veio ao meu encontro com seu sorriso largo e, após um abraço caloroso, convidou-me a sentar no sofá de sua sala. Seu lar é

aconchegante, silencioso e tem aroma de flores, embora eu não tenha visto nenhum vaso no ambiente em que ficamos. Após as atividades burocráticas, como a leitura, explicação e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, posicionei o celular entre nós e iniciei a gravação. Sentamo-nos, uma de frente para a outra, com as pernas dobradas sobre o sofá, e demos início à fala e à escuta entre duas mulheres cujos caminhos se cruzavam mais uma vez e que, à guisa dos encontros anteriores, este também parecia ser muito inspirador. Um copo de água fresca nos fez companhia nesse percurso não linear, tal como a vida se apresenta, cuja linearidade serve apenas para fins de temporalidade, pois as memórias e seus afetos são sempre atemporais.

A primeira pergunta realizada por mim será descrita na íntegra para melhor contextualizar o início da entrevista:

Entrevistadora: *Valentina, para a gente começar, gostaria de saber como que você se identifica na sua, com relação à sua sexualidade.*

Valentina: *Eu me identifico com uma mulher lésbica.*

4.1 EU ME IDENTIFICO COMO UMA MULHER LÉSBICA

Na verdade, eu acho que desde a adolescência, né? Eu já sabia que algo diferente acontecia comigo, só que eu praticamente... meus pais, né? Minha família toda, são evangélicos, né? Então, isso geralmente é um... é um sinal de tabu e não se conversa sobre sexualidade, essas coisas. Então eu sabia que eu tinha algo diferente, porém eu não sabia o que que era, né? Na época. E como eu não sabia o que que era, também não, não fui buscar atrás.

Embora todas nós tenhamos nossa própria orientação sexual, a vida sob a perspectiva da heteronormatividade tende a desconsiderar essa particularidade, uma vez que a norma não comporta o diferente. Aqui, coloco a palavra “particularidade”, uma vez que a sexualidade é parte do que nos compõe enquanto seres humanos, ao mesmo tempo em que este compor não se presta à cristalização da identidade, de acordo com Hall (2002, p. 13): “se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu”. Já a percepção do descompasso entre a expectativa familiar e o que Valentina poderia ofertar, parece ter promovido um abafamento dos seus desejos, colocando a fala “*e como eu não sabia o que que era, também não, não fui buscar atrás*” (sic) em diálogo com Tania Navarro Swain (2020, p. 9), “quem estiver vestido no cimento de suas certezas não mergulhe nestas águas”.

Desse modo, identificar-se como uma mulher lésbica vai além da orientação sexual propriamente dita, pois implica em romper com muitas das características que pertencem ao bojo da heteronormatividade. Há um conjunto de obrigações, muitas delas veladas, que se materializam por meio de projeções sobre a mulher:

A heteronormatividade expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural (...) é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle até mesmo daqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto (Miskolci, 2009, p. 156)

Como esclarece o autor, essas expectativas derivadas da heteronormatividade abarcam todos os corpos, independente da sua orientação sexual, vindo de encontro à reflexão de que se identificar como mulher lésbica extrapola o desejo sexual. Valentina, além de estar submetida à norma, carregava no corpo de mulher a impressão de algo diferente, palavra utilizada por ela para expressar o incompatível com o que lhe foi atribuído, enquanto desejo. Embora não soubesse nomear, ela parecia pressentir que se tratava de algo que poderia lhe trazer algum tipo de desconforto, uma vez que os pais eram evangélicos e o sexo representava um assunto tabu. O diferente também é reconhecido na ausência ou na escassez de representatividade, ou seja, quando temos um “fenômeno” que se repete, este se torna comum. Exemplificando, se vemos com frequência o beijo heterossexual, este se normaliza, ao passo que a tímida representação do afeto entre meninas pode não só invisibilizar como inviabiliza a normalidade lésbica:

Então, na adolescência, por mais que olhava as meninas, sentia atração para as meninas, mas eu era da igreja, então era errado. Então, praticamente eu aniquilei isso da minha vida, né? Por conta disso. E não fiz esses enfrentamentos que as pessoas geralmente fazem realmente na adolescência, né? Meu Deus, que que está acontecendo? O que que é isso?

A fala de Valentina releva a controvérsia entre aquilo que ela sentia e o que supostamente deveria sentir, numa fase já permeada por conflitos que caracterizam a adolescência. Olhar para meninos e desejar meninas é apresentado por Valentina como algo sem nome. Ao indagar a Deus sobre o que estaria acontecendo, ela está se referindo ao amor entre mulheres, que remete à palavra lésbica. De acordo com Mendonça (2020), o não nomear a palavra “lésbica” contribui para a invisibilidade das relações entre mulheres, isto é:

Esta invisibilidade ou rasura, que distorce e coloca o amor lésbico como safadeza (que tem como uma de suas consequências a representação dele como pornografia masculina, feita para o *phalus*, para o homem) não poderia provocar outra coisa senão a vergonha, o rubor na face, daquelas mulheres que

sentem desejo, amam outras mulheres e se desvelam como uma lésbica (Mendonça, 2020 p. 16)

Portanto, é essencial considerar que a ausência de representações de meninas que se relacionam amorosamente com outras meninas contribuiu para desestimular Valentina a enfrentar os desafios impostos por sua família e pela comunidade, como, por exemplo, a igreja. Quando falo de representação, refiro-me a qualquer demonstração de afetividade entre mulheres. Segundo Daniela Auad, Sabrina Fernandes Peres Lopes e Cláudia Lahni (2020, p. 19), a “presença de lésbicas e bissexuais – jovens, idosas, de diferentes etnias – em séries para adolescentes fortalece a identidade dessas jovens”. Através desse fortalecimento, outras meninas talvez possam vivenciar algo mais autêntico, diferente do que foi para Valentina:

[...] Não, na minha adolescência realmente eu aniquilei isso. E fui ser o que era para ser diante do que minha família colocava que era o correto, que era aquela moça que precisava casar, noivar, tem sua família e vice-versa.

Conforme Auad, Lopes e Lahni (2020), as adolescentes se beneficiam ao se verem representadas não apenas por jovens, mas por mulheres de idades variadas, bem como diversas etnias, sendo esta uma das formas de romper com o paradigma da heteronormatividade, o que inclui, também, as mulheres bissexuais. As autoras apontam para a existência de filmes e séries que abordam a temática lésbica e que direcionam suas narrativas para o público adolescente:

A autodescoberta, o autoconhecimento e as relações familiares são temáticas centrais nas produções analisadas e se ligam à lesbianidade de alguma forma em todas, de modo a forjar discussões sobre a descoberta da sexualidade, sobre a reação familiar frente à “saída do armário” e (ainda) sobre a importância da existência de personagens LGBTQs adultos, em narrativas infanto-juvenis. (Auad; Lopes; Lahni, 2020, p. 6)

Ao mesmo tempo, Mendonça (2020, p. 117) destaca os destinos frequentemente reservados às mulheres lésbicas nas telenovelas brasileiras: “na mídia, vemos muitas lésbicas sendo explodidas em novelas, morrendo, deixando de manifestar seus afetos publicamente, e, mesmo quando o fazem, torna-se uma grande polêmica, alvo de xingamentos e palavras machistas”. Essa observação, em poucas palavras, sinaliza de forma potente os riscos a que as lésbicas são submetidas. Por outro lado, as pesquisadoras Karoline de Souza Ribeiro e Eliane Basilio de Oliveira (2018) revelam os avanços nas representações de mulheres lésbicas, ao mesmo tempo em que os confrontam com questionamentos:

Nos últimos anos, com o crescimento da representação lésbica na mídia, muitas empresas começaram a apostar e dialogar com esse público, uma

grande parte como forma de visibilidade positiva e de defesa à diversidade, mas será que estão livres de objetificações? (Oliveira; Ribeiro, 2018, p. 96)

A pergunta lançada pelas autoras abre possibilidades para refletir sobre a objetificação do corpo feminino, especialmente do corpo da mulher lésbica. Se a heteronormatividade obriga as mulheres heterossexuais a estarem a serviço da manutenção da vida como criaturas aptas a gestar (Rich, 2010), essa realidade se aplica de maneira ainda mais contundente às lésbicas, cujo corpo é frequentemente visto como objeto de gratificação para o voyeurismo masculino, conforme Toledo (2008):

Os discursos reiterados sobre as lesbianidades são amplamente pautados na dominação masculina. Se, por um lado, a mulher é entendida como desprovida do desejo sexual, a relação lésbica é deslegitimada na visão idílica assexuada, e, se, por outro, é vista como desejo sexual legítimo, as lésbicas são entendidas como promíscuas e sua relação é posta a serviço do prazer masculino. (Toledo, 2008, p. 182)

Em outras palavras, Toledo (2008) complementa o que Rich (2010) descreve como a função sexual da mulher, que é a procriação, tornando o desejo feminino inexistente ou secundário. Para as lésbicas, que não estão a serviço da “manutenção da vida”, essa realidade implica a submissão ao prazer masculino. Essa perspectiva não apenas promove a invisibilidade das lésbicas como seres dotados de direitos e desejos, mas também desestimula jovens como Valentina a enfrentar os desafios impostos pela família e, conseqüentemente, pela sociedade, como revela sua fala:

[...] era confortável porque não tinha que lidar com meus pais, o que meus pais vão pensar, com a sociedade, enfim, com diversas coisas que eu sabia que eu ia ter que enfrentar, né? Apesar de não ter, como eu falei pra você anteriormente, os trejeitos que as pessoas... no meu olhar, para mim, interiormente não vai nem imaginar. Mas eu sabia que de outras formas eu ia fazer os enfrentamentos, né? Então estar ali quietinha, né? Estava confortável.

A fala de Valentina revela uma sutil dualidade entre o conforto de evitar possíveis reações negativas dos pais e a consciência de que, em algum momento, esse diálogo seria inevitável. Nesse intervalo, ao mencionar seus trejeitos, Valentina se refere à sua aparência socialmente reconhecida como feminina, que não levantaria suspeitas ou dúvidas sobre sua orientação sexual, pois ela se conformaria com as expectativas de gênero (Butler, 2016; Swain, 2004).

Até este momento, podemos ouvir várias vozes em um *continuum* de conhecimentos sobre a representação da lésbica, ecoando nas palavras de Valentina. Essas vozes se movem

para frente e para trás, às vezes com visões opostas sobre o mesmo tema, em um tecido que não para, não descansa, até que todos os fios, feitos de diferentes tecidos, se entrelacem e possam acomodar a fluidez do corpo de uma mulher: “precisamos constantemente defender a necessidade de múltiplas teorias emergindo de diversas expectativas em diversos estilos” (hooks, 2019, p. 91).

Referindo-se ao subtítulo deste capítulo, identificar-se como lésbica adiciona mais uma camada ao corpo já marcado da mulher, desde a costela de Adão até os limites da objetificação. Portanto, “reconhecer-se lésbica é um ato político e, acima de tudo, um ato de sobrevivência, resistência e (re)existência”, como afirmam Tania Lara Marcelino Souza e Aline Najara da Silva Gonçalves (2020, p. 32). Se para existir é preciso resistir, é necessário romper as tramas do preconceito e, nas brechas, legitimar o direito de viver.

4.2 PONTO CRUZ

O ponto cruz é uma técnica de costura em tecidos utilizada para bordados, cujos traçados devem seguir a forma de um “x”. Embora seja considerada uma técnica relativamente simples, há que se ter habilidade para entrelaçar as tramas, de modo a obter um resultado satisfatório. Há diversos tipos de ponto cruz, assim como também comportam uma gama de variações as formas de expressão da espiritualidade humana, tendo como um dos mais emblemáticos na tradição judaico-cristã a imagem da cruz.

No ano de 1988, a OMS (Organização Mundial da Saúde) determinou que a espiritualidade passasse a compor o conceito de saúde, junto ao bem-estar físico, mental e social. No entanto, a espiritualidade, nesse sentido, não está atrelada a nenhuma prática religiosa, mas à crença ou percepção de que algo nos transcende enquanto seres humanos (Volcan et al., 2003).

No percurso entre o ponto cruz e a imagem da cruz, o discurso de Valentina remete a um estado de encruzilhada, cujos pontos são representados pela mãe, pelo pai, pela comunidade religiosa, por Deus.

[...] A religião era muito, muito, muito forte para mim, então era medo mesmo de Deus não me amar depois do momento que eu quebrasse o vínculo. Deus não te ama mais, é isso? Faço o que se Deus não me ama, se Deus é tudo, né? As pessoas não falam que Deus é tudo? Se Deus não me ama, fazer o que da minha vida?

[...] Eu prefiro que Deus me ame do que ser quem eu sou.

[...] Nossa, é um milagre, né? Ele sempre testa os milagres da vida e, por incrível que pareça, é de tanto que se fala nisso, né? Você até acredita. Em algum momento ali, você acredita que você... que realmente é. É tão ruim isso, né? Não sei se você é evangélica, nasceu muito nessas questões de tradicionais da igreja, né? Mas isso fica tão internalizado antes de você, porque você quer ser perfeito. Assim, você quer ser aquilo que as pessoas estão dizendo, que é ser o perfeito, né? Então tem um momento ali que você fala, nossa, é, eu preciso realmente, eu acho que eu vou mudar, acho que vai ser, acontecer esse milagre aí, e você acredita nisso, só que não é assim, né?

[...] Por estarem em cargo na igreja e tal e a comunidade acaba sendo pequena, então... Eu sei que ninguém ia chegar para mim e falar alguma coisa, entendeu? Mas meus pais...

[...] Meu pai é o mais tradicional, né? Eu sabia que ele iria culpar minha mãe.

Deus está bastante presente no discurso de Valentina. Embora a espiritualidade possa ser praticada de forma independente de qualquer denominação religiosa, como afirmado por Salgado (2006), suas crenças estão fortemente ligadas à religião em si. Como seres sociais, buscamos maneiras de nos relacionar uns com os outros, e nossa subjetividade influencia como praticamos nossa fé.

Com exceção das religiões de matrizes africanas (Mesquita; Peruche, 2016), as religiões cristãs evangélicas e católicas, e suas diversas vertentes, trazem em suas tradições a heteronormatividade como condição para o amor de Deus. No discurso de Valentina, é possível sentir o terror em sua voz diante da possibilidade de não ser amada, como se nada restasse dela mesma.

Portanto, entre ser amada e ser quem ela é, embora Valentina não tenha expressado claramente o significado de “ser quem ela é”, é possível refletir sobre a lógica binária que permeia a sociedade como um todo. Ou seja, se Deus é bom, Valentina é má; em outras palavras, se a heteronormatividade é correta, a homossexualidade (e, nesse caso, ser lésbica) é errada, conforme apontado por Gilberta Santos Soares e Jussara Carneiro Costa (2002):

[...] abjeto que se produz, tendo o discurso da diferença como designação negativa para não seguir o padrão, traduzida, muitas vezes, em substantivos como “imoralidade”, “anormalidade”, “desvio”, “doença”, “aberração”, “pecado”, ou em várias formas de invisibilização. (Soares; Costa, 2002, p. 3)

As autoras descrevem a forma como a lésbica é vista como algo que pertence à ordem do desumano, passível de descarte (Bento, 2010), e o pecado é considerado uma afronta a Deus. Assim, por uma questão de sobrevivência, seria melhor ser quem não se é. Nosso instinto de sobrevivência nos leva a buscar o peito de nossas mães, mesmo sem ninguém nos ensinar. Da

mesma forma, alguns conceitos são internalizados, muitas vezes sem nossa reflexão, como uma forma de pertencimento e adaptação às normas vigentes, conforme Swain (2004):

O mundo em que vivemos é constituído de imagens, não apenas as visíveis, mas igualmente as representacionais, carregadas de valores, de hierarquias, de posições de normas, nas quais a vida individual se desloca, decodificando, analisando e adequando-se, com maior ou menor pertinência, aos perfis preestabelecidos. (Swain, 2004, p. 69)

No entrelaçamento das palavras de Swain com a realidade que impõe a necessidade de sermos aceitas como condição de sobrevivência na infância, algumas de nós, ao chegarmos à fase adulta, podem carregar a consciência da necessidade de também sermos aceitas por Deus.

A antítese da aceitação é a rejeição, e as religiões frequentemente regulam o comportamento humano repetindo discursos heteronormativos, que não apenas excluem, mas também classificam como abominável o sexo entre pessoas do mesmo gênero, como aponta Natividade (2010, p. 92): “o tema da exclusão da diversidade sexual pelas religiões despontou, por meio de uma crítica à homofobia supostamente presente na tradição cristã e à consequente vinculação de tal prática sexual ao tema do pecado, da ‘abominação’, da antinatureza”.

Portanto, de acordo com o autor, o fato de ter nascido em uma família evangélica pode contribuir significativamente para que Valentina se veja envolvida nas tramas religiosas que antecedem sua chegada ao mundo. O discurso baseado em um Deus que ama de forma condicional é visto como um retrocesso, um termo emprestado da costura, cujo propósito é garantir que o fio não escape.

Em outras palavras, o Deus apresentado por algumas religiões, como a Evangélica, imprime no manto que acompanha as gerações uma das funções atribuídas à mulher, que é a procriação e a constituição de uma família (Rich, 2010), colocando a lésbica como transgressora da norma. Assim, a reprodução contínua desse discurso religioso sob a procuração de Deus reforça a norma heterossexual e limita os corpos lésbicos, acrescentando ao termo “retrocesso” o significado de involução, um movimento contrário à vida.

Para Karoline de Souza Ribeiro e Eliane Basilio de Oliveira (2018, p. 91), “as mulheres lésbicas, na visão heteronormativa e patriarcal, representam uma rejeição aos papéis de ser mãe e esposa”, uma vez que negam a tarefa a elas delegada como supridoras do lar, dos filhos e do prazer do homem, conforme também argumenta Denise Portinari (1989). As falas das estudiosas remetem a outro aspecto da encruzilhada no caminho de Valentina, que é sua relação com a mãe.

Valentina parece temer que sua mãe seja culpabilizada pela sua orientação sexual, uma vez que uma das funções designadas à mulher é a de educar de acordo com os padrões que regem a família, sejam quais forem. Isso ocorre porque, conforme Toledo e Teixeira Filho (2013), à luz de Foucault (1988), no século XVIII, com a proliferação de discursos sobre o sexo, começaram a se formar os dispositivos de seu controle, sendo a família um desses controladores.

Portanto, se as famílias têm seus próprios modos de organização, de acordo com seus gostos e necessidades, havendo uma gama de possibilidades de existir enquanto pessoas que compõem um determinado núcleo familiar, há algo da ordem do inominável que trata da sexualidade de seus membros e que está a serviço do seu controle. Aqui, o inominável é trazido à luz daquilo que não se pode dizer o nome ou que não carece de se nomear, uma vez que não existe. Trata-se do acordo fiduciário, que segundo Modesto (2010), rege a sexualidade como dada, de acordo com a heteronormatividade, ou seja, as pessoas que constituem a família podem falar sobre o que gostariam de estudar ou como desejariam se desenvolver profissionalmente, mas é desnecessário falar sobre suas orientações sexuais, uma vez que o desejo sexual já é dado como heterossexual.

Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que a heterossexualidade vai além do âmbito das práticas sexuais, pois submete a mulher aos ditames de uma sociedade patriarcal. Conforme Zuleide Paiva Silva e Rosangela Janja Costa Araújo (2021, p. 3), “É uma imposição institucionalizada para garantir o acesso físico, econômico e emocional dos homens sobre as mulheres, cuja alternativa conceitual é o continuum lésbico e a existência lésbica, que desmantelam a naturalidade da heterossexualidade”. Assim, segue abaixo o relato de Valentina:

[...] se eu falar com meu pai, ele vai perturbar a minha mãe, vai culpar a minha mãe, enfim, vai lá, toda aquela história, né? Porque alguma, algum culpado tem que ter sim, que é sempre assim, se você é errado, alguém tem que culpar. E eu sabia que ele ia culpar a minha mãe, né? Porque é sempre assim.

[...] mas eu sabia que de outras formas, eu ia fazer os enfrentamentos, né?

Portanto, como a mãe é vista como a guardiã do contrato regulador da sexualidade, Valentina temia que revelar sua lesbianidade resultasse em constrangimento para a mãe perante o pai, e para os pais perante a comunidade religiosa, expondo todos à ira de Deus. Isso demonstra que nem sempre a casa é um local seguro para a lésbica (Soliva, 2009). Diante dos desafios enfrentados por Valentina, somos instigados a refletir sobre as diversas barreiras que

podem transformar a singularidade de sua experiência em uma pluralidade de desafios, conforme discorre hooks (2009, p. 61).

Se somos incapazes de enfrentar e acabar com a dominação nas relações em que há cuidado, parece totalmente inimaginável que possamos enfrentar e acabar com ela em outras relações institucionalizadas de poder. Se não podemos convencer nossas mães e/ou pais a se preocuparem com não nos humilhar e diminuir, como podemos pensar em convencer ou enfrentar um empregador, alguém que se ama, um estranho que sistematicamente humilha e deprecia?

O que hooks nos mostra é que se nem nas relações afetivas somos poupadas, o que podemos esperar de outras formas de vínculo? As controvérsias que permeiam as relações humanas também destacam que as lésbicas são frequentemente as mais afetadas pela violência perpetrada por seus familiares (Carvalho et al., 2014).

4.3 RETALHOS DAS SAÍDAS DO ARMÁRIO E O ENCONTRO COM MULHERES DA FAMÍLIA

Retalhos são pedaços de tecido remanescentes de uma peça maior, geralmente usados para compor uma colcha ou recobrir outro tecido, mas que, em geral, podem ser descartados. A partir dessa analogia, estabeleço um paralelo com Sedgwick (2007), que discute as diversas situações em que uma pessoa se sente obrigada a permanecer no armário ou até mesmo a retornar a ele. Na esfera social, qualquer interação pode carregar o potencial de discriminação. Assim, a mulher lésbica que saiu do armário está sempre alerta para a possibilidade de ter que retornar a ele a qualquer momento.

Assim como a diversidade de pequenos pedaços de pano, quando costurados juntos, pode compor uma linda colcha para cobrir a cama ou o sofá, também a diversidade humana, com suas multifacetadas manifestações de afeto, é bela e digna de ser celebrada. O armário, embora ainda necessário como um artefato de proteção, abriga os diversos corpos que desejam se expressar livremente, pois, mesmo do lado de fora, sob o véu da intolerância, ainda existe o risco de extermínio daqueles que são diferentes, como aponta hooks (2019, p. 77): “descartando a noção de que o eu exista em oposição a outro que deve ser destruído, aniquilado”.

As experiências de saída do armário de Valentina incluem os remendos em forma de autoadequação à heteronormatividade, cujos fios a conduziram ao altar da igreja, sob o olhar do pai, a emoção da mãe e as bênçãos de Deus.

Eu me casei, né? Com um homem. E fui ter contato realmente na minha vida adulta, quando eu percebi que eu não estava suportando mais estar naquele relacionamento, naquela vida que tinha, que tinha colocado para eu viver, né? E eu, que eu coloquei na minha cabeça que teria de viver aquilo, né? No entanto, ele foi a primeira pessoa que eu conversei, que eu falei, né? Que olha, não dá mais, né? E a partir daquilo realmente eu me senti livre.

[...] Foi ele, foi, na verdade, assim, eu acho que eu só consegui realmente ter um relacionamento com ele, estar com ele... porque era meu amigo, tá? Ele era meu melhor amigo, né? Então, acho que isso facilitou bastante, né? De eu estar com uma pessoa que realmente era o meu melhor amigo e realmente ele era uma pessoa muito maravilhosa. Eu não tenho o que falar dele assim, né? Ele era muito bom comigo, então eu me sentindo praticamente na obrigação de falar. Olha, cara, você é bacana, você é legal, mas não, não está dando aqui assim, não é sobre você, é sobre mim, né? E mesmo assim, ainda por também ele era da igreja e tudo mais, sempre tem e gostava de mim, provavelmente, na época, né? Então sempre teve aquela esperança, “não, porque Deus vai fazer uma obra, isso é só um momento na sua cabeça”, né? Aquelas questões que todo mundo já sabe, né e tal, quem é da igreja, né? Acredita, né? Então, mas daí depois, quando ele percebeu que realmente “olha, não está dando”, daí a gente se separou.

A primeira pessoa para quem Valentina revelou sua orientação sexual foi seu marido, com quem ela ficou casada por 13 anos. A sua fala revela a expectativa de que seu desejo por mulheres pudesse ser convertido, como se fosse um milagre. No entanto, com o passar dos anos, Valentina parecia estar no limite de suas forças, pois o casamento, antes visto como uma forma de proteção contra seu desejo homoafetivo, agora se transformava em uma fonte de culpa diante do marido.

Valentina não foi a primeira lésbica a se casar com um homem; não é incomum que mulheres se envolvam em relações heteronormativas, mesmo desejando outras mulheres. O marido representou a brecha no armário que se abria para Valentina, e a partir de então, ela enfrentaria questões com a mãe, o pai, os irmãos, a comunidade religiosa e Deus.

Depois que... eu contei pra ele, né. Acho que ele seria a primeira pessoa, talvez. Não sei, né, mas o meu entendimento que deveria saber, aí foi minha mãe, né? Aí eu estava já no momento que eu não estava suportando mais estar naquele casamento, daquela vida que não era minha, parecia que não era a minha vida, né? E foi um momento muito assim, aleatório. A gente estava, na época que eu estava, nossa, atormentada porque eu já tinha entrado na faculdade e estava naquele processo do FIES⁵, porque eu fiz a faculdade FIES, né? E a gente estava [ela e a mãe] na Caixa lá e levei minha mãe para a gente resolver umas questões, não lembro o que que era na época. E, do nada, assim, eu senti, falei “gente, eu preciso resolver minha vida” dentro do banco, né? Nada a ver, né? Mas e pensando, né? Eu falei “mãe, eu preciso contar um negócio pra você”. Ela falou “o que foi?” Ela falou assim...

⁵ O Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) é um programa do Ministério da Educação criado em 1999 para o financiamento de estudos em graduações de universidades particulares.

“então... eu não quero mais estar no casamento”. Ela disse, “É, mas tem que ter paciência”. Aquela conversa de sempre. Casamento é assim mesmo e tal, eu falei: “Mas não é por isso. Eu não gosto mais do [marido de Valentina], como homem, na verdade, que eu nunca gostei. Eu acho que eu gosto de meninas” e foi assim mesmo, né? Nesse nível de conversa ela olhou pra mim assim e falou, “eu já imaginava mesmo”. Mãe sempre sabe, essa foi a resposta da minha mãe naquele momento. Foi a resposta dela. Ela falou assim, “fica em paz. Valentina, então liberta o menino”. Ela até falou assim, liberta o menino. E a partir daquele momento, realmente eu libertei o menino. Foi eu que me libertei sim, porque minha mãe, querendo ou não, é a pessoa que mais... né? Era, para quem eu mais respeitava, que eu queria falar, né? Se ela disser sim, tudo certo, né? Agora, se ela disser assim não, pra... ia ser muito mais difícil, né? Então, naquele momento, eu me senti realmente liberta. Assim eu soube que eu teria que enfrentar um monte de coisa.

Na fala de Valentina são perceptíveis traços do pensamento heteronormativo, como quando sua mãe a aconselha a ter paciência, explicando que no casamento “é assim mesmo”, sem questionar o que a incomodava. Sob a perspectiva de que os conflitos conjugais são inevitáveis, é esperado que a mulher desenvolva a paciência necessária para cumprir com seu papel atribuído, conforme a heteronormatividade compulsória (Rich, 2010), que não permite discutir o desejo por mulheres, pois essa possibilidade não está contemplada no contrato familiar (Modesto, 2010).

Cada família mantém um código de conduta mais ou menos flexível, porém velado, como aponta Fonseca (2002, p. 5): “falar de família é evocar um conjunto de valores que dota os indivíduos de uma identidade e a vida de um sentido”. Assim, ao expor sua orientação sexual, Valentina poderia tensionar os valores fundamentais de sua família. No entanto, quando a mãe de Valentina se depara com sua revelação, surge um conhecimento anterior ao discurso da filha, baseado na crença de que a mãe sempre sabe, conforme observado por Sedgwick (2007).

Em muitas relações, senão na maioria delas, assumir-se é uma questão de intuições ou convicções que se cristalizam, que já estavam no ar por algum tempo e que já tinham estabelecido seus circuitos de força de silencioso desprezo, de silenciosa chantagem, de silencioso deslumbramento, de silenciosa cumplicidade. Afinal, a posição daqueles que pensam que sabem algo sobre alguém que pode não sabê-lo é uma posição excitada e de poder – seja que o que pensem que esse alguém não saiba que é homossexual, ou meramente que conheçam o suposto segredo desse alguém. (Sedgwick, 2007, p. 11)

Conforme a autora, o suposto conhecimento sobre a sexualidade do outro permeia o imaginário daqueles que estão mais próximos da pessoa, como no caso de Valentina e sua mãe. Esse conhecimento antecede não apenas a revelação, mas também o próprio entendimento da mulher lésbica, já que foi necessário algum tempo para que Valentina assimilasse seus desejos.

De qualquer forma, ao obter a validação de sua mãe, Valentina sentia-se preparada para os desafios que viriam a seguir, pois o conhecimento de sua mãe parecia revestir sua pele, protegendo seu corpo diante dos confrontos iminentes. Embora o marido tenha sido o primeiro a saber, foram as palavras da mãe que validaram a liberdade tanto dele quanto dela própria, destacando o significado da figura materna.

Para além de qualquer dispositivo normativo familiar, a homossexualidade é, por si só, uma ruptura em sua estrutura. Mesmo após as conquistas sociais emergidas das lutas contra a homofobia, misoginia e outras formas de discriminação, é no ambiente privado do lar que as maiores batalhas ainda são travadas (Modesto, 2010).

Conforme Mendonça (2020, p. 126), “a busca pela emancipação ou liberdade das mulheres existe há décadas, há séculos [...] ainda é uma luta atual.” Acrescento que essa luta é contínua, constante e não linear, manifestando-se ora na intimidade do ser, ora na privacidade familiar, ora nas ruas e avenidas, conforme observado no artigo de Chanacomchana⁶:

Já temos conseguido alguma coisa. Conseguimos, com certeza, através da análise de nossa problemática, alterar um pouco ou muito a vida de cada elemento do grupo. Conseguimos obter um espaço para as lésbicas no movimento feminista brasileiro e, também no mesmo, enfatizar a questão da sexualidade sempre tão esquecida. Conseguimos estimular a discussão sobre o feminismo no movimento homossexual, demonstrando estar a opressão do homossexual inteiramente ligada à dominação da mulher pelo homem. Conseguimos em suma, pela primeira vez, dar condições para que as mulheres homossexuais possam falar publicamente da marginalização a que são submetidas. (Chanacomchana, 1981, p. 4)

O artigo foi escrito em 1981 e, apesar dos avanços, os corpos das mulheres lésbicas ainda enfrentam desafios perante a heteronormatividade. Em seguida, por outro lado, Valentina relata o quanto foi significativa a fala de sua mãe, que a acalmou e a acolheu literalmente em seus braços, onde pôde descansar. No entanto, se uma batalha havia sido superada, o mesmo não se aplicava à guerra que se instaurava entre o bem e o mal na igreja:

Quando ela me deu aquela resposta, eu falei, nossa. Esperava tanta coisa. De repente, foi um abraço, me senti abraçada naquele momento, mas foi só essa conversa. Não falamos mais nesse assunto, né? Eu continuei casada durante, acho que um ou dois anos ainda. Depois, mesmo assim, depois que eu falei com ela. E foi só esse momento. Foi só esse momento, não conversamos mais... foi só essa conversa, né? E mesmo assim, ainda foi muito difícil para mim. Mesmo tendo a aprovação dela nesse sentido, né? Porque depois que

⁶Chanacomchana (São Paulo, 1981-1987) foi um boletim independente ou zine produzido pelos coletivos Lésbico-Feminista (LF) e Grupo Ação Lésbica-Feminista (GALF) em São Paulo. A publicação teve um papel significativo na organização política e resistência da comunidade lésbica durante os anos 1980 no Brasil.

passou isso aí, não vem a mãe, né? Mas vem a mulher que é da igreja, que tem um entendimento diferente, que tem as doutrinas, então, sempre que tinha possibilidades dela, falava sobre o assunto “hum, entendeu que isso vem de Sodoma e gomorra, que é um espírito maligno”. Que é os demônios. Então eu sempre senti que ela não está preparada. De repente, se eu falasse, “oh, me separei, sou sapatão e tô com mulher”. Eu sentia que ela não estava preparada para isso ainda, então por isso que eu ainda acabei, mesmo assim, continuando num casamento na época, né?

Os demônios de Sodoma e Gomorra⁷ pareciam estar presentes para lembrar a Valentina que ela ainda não dispunha da liberdade para amar mulheres. Percebendo que poderia contar com o apoio da mãe, mas deveria poupar a esposa, Valentina optou por se refugiar no casamento por mais dois anos. Foi um período de tregua, durante o qual ela considerou a possibilidade de ser mãe, talvez na esperança de que o amor por um filho pudesse dissuadi-la de seu amor por mulheres:

Mas teve, sim, alguns momentos que eu falei, não... acho que eu posso, de repente, pensar se eu tenho um filho. De repente, esse filho pode trazer alguma coisa maternal, coisas que as mulheres são. Que é uma outra coisa também, que eu não quis ter filho, né? Então, por isso, para mim seria importante, nesse sentido, trazer essa questão de ser mulher, né? E tal. Provedora do lar, né não?

Na fala de Valentina, a esperança surge diante da possibilidade de gestar, costurando a maternidade com sua identidade feminina e vislumbrando uma saída para seu dilema. Nesse sentido, destaco o que parece ser uma das condições para ser reconhecida como mulher, que é tornar-se mãe, uma vez que a maternidade muitas vezes é vista como uma obrigação imposta às mulheres, em vez de uma escolha (Rich, 2010).

Após os dois anos de reclusão, ser mãe era algo que Valentina havia descartado. Ao retomar seu caminho rumo à saída do armário, ela o fez com passos cautelosos, pisando delicadamente, como alguém que deseja ocupar seu lugar no mundo sem causar alarde. Valentina revelou sua orientação para as mulheres de sua família, o que inclui sua irmã mais nova, tias e primas.

Aí eu fui, meu cabelo era gigante. Aí eu fui lá, fui cortando aos poucos o cabelo para acostumar, olha, eu estou mudando, gente, né? Estou... estou sendo eu agora, tá? Então eu fui no sentido, pensando nos meus pais mesmo, sabe, não em mim, pra mim já tinha feito tudo, mas pensando no que eles iam aguentar, né?

⁷ Sodoma e Gomorra são cidades mencionadas na Bíblia, principalmente no livro de Gênesis, conhecidas por sua suposta depravação moral e perversidade. De acordo com a narrativa bíblica, essas cidades foram destruídas por Deus com fogo e enxofre como punição por sua imoralidade. A história de Sodoma e Gomorra é frequentemente usada como exemplo de punição divina contra a desobediência e a depravação moral.

[...] Eu falei, não tem problema suportar mais um pouquinho, porque até agora, qual é o problema? Então? Eu fui mais sensível nesse sentido, sabe? E da mesma forma também para falar, então eu... eu falei pra minha mãe, aí depois chamei meus irmãos, falei, olha, é isso sobre isso, sobre isso aí. Depois, por último, foi meu pai.

[...] Cortando o cabelo ali, usando uma calça ali, entendeu?

Na suavidade dos movimentos de Valentina rumo à saída do armário, a música de Zélia Duncan a encontra do outro lado de sua travessia:

O deserto que atravessei
 Ninguém me viu passar
 Estranha e só
 Nem pude ver
 Que o céu é maior
 Tentei dizer
 Mas vi você
 Tão longe de chegar
 Mais perto de algum lugar
 É deserto onde eu te encontrei
 Você me viu passar
 Correndo só
 Nem pude ver
 Que o tempo é maior
 Olhei pra mim
 Me vi assim
 Tão perto de chegar
 Onde você não está
 No silêncio, uma catedral
 Um templo em mim
 Onde eu possa ser imortal
 Mas vai existir
 Eu sei, vai ter que existir
 Vai resistir nosso lugar
 Solidão, quem pode evitar?
 Te encontro enfim
 Meu coração é secular
 Sonha e deságua dentro de mim
 Amanhã, devagar
 Me diz como voltar
 Se eu disser que foi por amor
 Não vou mentir pra mim
 Se eu disser deixa pra depois
 Não foi sempre assim
 Tentei dizer
 Mas vi você
 Tão longe de chegar
 Mais perto de algum lugar

Zélia Duncan (1994, faixa 5)

O discurso de Valentina evoca uma peregrinação por um deserto de dois anos, onde cada passo exige dela suportar um pouco mais. Enquanto isso, a melodia de Zélia Duncan parece testemunhar a solidão de alguém que tenta se expressar, mas é impedida pela distância que a separa de seu interlocutor. Tanto o discurso quanto a melodia lembram a jornada semelhante vivida por Anzaldúa (2005).

A uma determinada altura, no nosso caminho rumo a uma nova consciência, teremos que deixar a margem oposta, com o corte entre os dois combatentes mortais cicatrizando de alguma forma, a fim de que estejamos nas duas margens ao mesmo tempo e, ao mesmo tempo, enxergar tudo com os olhos de serpente e de águia. (Anzaldúa, 2005, p. 705)

Sua fala abrange o inevitável confronto com o outro, que antes estava em lados opostos, mas agora parece tangenciar a possibilidade de um encontro, assim como Valentina cruza as margens com calças jeans e cabelos curtos, e Zélia Duncan, após uma solidão inevitável, finalmente se encontra. No silêncio das reflexões durante a travessia dos desertos da subjetividade, Valentina parece recuperar o fôlego ao longo desses dois anos.

O ser humano clama por respeito e, apesar das saídas abruptas, quando alguém é arrancado do armário à revelia (Segdwick, 2007), Valentina foi se revelando aos poucos, como quem entreabre as cortinas de uma janela para sentir o ar que vem de fora. Quanto às suas tias e primas, embora evangélicas, muitas delas já haviam passado pela experiência do divórcio, o que, na fala de Valentina, representou um facilitador em sua trajetória de saída do armário. Todas pareceram acolhê-la e respeitá-la, embora não a entendessem.

Porque se fosse, acho que uns 10 anos atrás, né? É, talvez a recepção seria diferente das minhas tias? Mas elas também vêm, vêm passando por um processo, né? Teve tias minhas que separou do marido, que o entendimento de separação pela igreja era horrível, mas conseguiu separar. É, teve vários eventos, né? É, de relacionamento abusivo, sabe? Então, as experiências de relacionamento de vida foram modificando um pouco esse pensamento mais tradicional da igreja.

[...] Mas por elas terem passado por esses processos também, eu acho que isso facilitou bastante. E falou assim “oh, não, não, te entendo porque eu sei que é difícil, é complicado, então te respeito por isso, sim”. Então foi tranquilo também.

Se as reações da família podem variar de aceitação a rejeição (Lorde, 2019), Valentina parece ter sido beneficiada pelo fato de outras mulheres da família, embora identificadas como heterossexuais, também terem vivenciado seus processos de saída, se não do armário, da clausura de uma relação abusiva. Faço uma nova pausa na escrita de Valentina para respirar ao

lado dela, enquanto convido Branca Moreira Alves para traduzir ao mundo o que nós, mulheres em contínuo de desejos, necessitamos.

Que a afetividade, a emoção, a ternura possam aflorar sem constrangimentos e serem vivenciadas, nas mulheres, como atributos não desvalorizados. Que as diferenças entre os sexos não se traduzam em relações de poder que permeiam a vida de homens e mulheres em todas as suas dimensões: no trabalho, na participação política, na esfera familiar, etc. (Alves, 2005, p. 9)

Por fim, trago uma citação de Lorde (2020, p. 49): “não se deve renunciar à poesia. [...] nossos poemas articulam as implicações de nós mesmas, o que sentimos internamente e ousamos trazer à realidade” e concluo este tópico com as palavras da também poetisa:

Mulher

Sonho com um lugar entre seus seios
pra construir minha casa,
como um abrigo onde cultivo leiras
em seu corpo uma infinita colheita
onde a rocha mais simples é pedra da lua e
ébano opala
amamentando todas as minhas fomes e sua
noite se derrama sobre mim como uma chuva
nutriz.

Audre Lorde (1995, p. 52)

4.4 RESPIRAR FORA DO ARMÁRIO

Eu não vou falar que eu tive crise de ansiedade, nada sobre isso. Mas eu sempre fui uma pessoa muito deprimida. Acho que não... Não cheguei a ter depressão ou crise. Ansiedade é algo desse, nesse sentido, não? Mas eu era deprimida porque eu não era feliz. Eu não era feliz. Entende? Então eu não me encaixava em nenhum lugar, não tinha um lugar ali que eu me encaixava. O único lugar que eu, que eu achava que eu era pertencente, que eu gostava de estar, era a religião, era a igreja, né, porque eu gostava. E eu gostava muito do... Daquele segredo espiritual que você tinha, tem com Deus, sabe? De você poder falar tudo de você, se expressar e sentir aliviado como se fosse realmente um processo terapêutico, né? De uma forma diferente, mas não deixa de ser, né? Então, aquilo me aliviava muito. Então, quando me vi que nem aquele lugar eu podia estar, eu era deprimida! Porque daí eu não conseguia estar em nenhum outro lugar. Eu não era feliz, mas em outro lugar, né? E ao mesmo tempo me ferindo, né? Porque você está no lugar que você não pode, mas você continua indo, né? Então, é como se fosse toda vez me ferindo. Estava num lugar que eu gostava de estar, mas me feria aquilo. Então eu me sentia deprimida. Eu nunca deixei de fazer nada na minha vida. É, tive meus momentos de felicidade, sim, porque eu acho que o meu entendimento de felicidade é esse, de você ter momentos felizes, né? Mas vendo hoje como antes, eu tinha, eu tive muitos momentos deprimidos do que feliz. Muitos, muitos, muitos, muitos. Então eu me sentia deprimida.

[...] Eu não tinha...Prazer nas coisas, era tudo meio... Sem graça? Sabe, assim, era tudo meio sem graça. Eu estava no meio de uma, dos meus amigos na época, aí era meio sem graça, as conversas não eram as conversas que eu queria conversar, entendeu?

A ansiedade e a depressão são transtornos mentais prevalentes em todo o mundo, que afetam milhões de pessoas, prejudicando significativamente sua qualidade de vida e bem-estar, sobretudo as mulheres lésbicas (Paveltchuk; Borsa; Damásio, 2020). Por se tratar de condições psicológicas complexas, de acordo com Dalgalarrrondo (2019), podem ambos ocorrer de forma simultânea em um mesmo indivíduo e, por vezes, confundi-lo quanto aos sintomas, como revela o discurso de Valentina ao mencionar ansiedade e depressão.

De qualquer modo, ocupo-me da análise dos significados de sua fala e não do seu diagnóstico, o que não cabe a mim nem a esta dissertação. A análise do seu discurso recai sobre a questão da aceitação de si, novamente despontando como relevante para Valentina, bem como para seu bem-estar emocional. Se antes os bancos da igreja sustentavam seu corpo durante as trocas que resultam do encontro com o outro, esses mesmos assentos agora lhe feriam, pois mesmo seu relacionamento com Deus parecia estar ameaçado.

[...] Sempre gostei da música, dos instrumentos que a igreja tinha, gostava dos momentos, do canto da igreja. Eu gosto muito das ações de canto, né? Então são coisas que me pegavam bastante, né?

Eu queria conhecer lugares, sabe? Eu queria dançar, eu queria, eu amo a música, um instrumento e, na época, eu aprendi a tocar órgão, teclado, mas eu não queria aprender órgão, teclado pra tocar na igreja eu queria tocar, sei lá, Tom Jobim, eu queria tocar Beethoven, eu queria tocar outras coisas. Ter uma banda, uma banda, sei lá, qualquer coisa. Não, mas ele me puxava para tocar na igreja, então isso me deprimia.

Era no encontro com a música que Valentina parecia ajustar a sintonia entre ritmo e respiração, por meio do seu cantar no templo religioso. No entanto, as melodias que antes a inspiravam, foram deixando de alegrá-la e, ansiando por respirar outras canções, sentiu novamente as batidas da depressão em seu coração.

A literatura médica tem explorado o uso da música como uma ferramenta terapêutica para melhorar a saúde, tanto física quanto mental. É aplicada com o objetivo de promover, prevenir e tratar diversas condições somáticas e psicológicas (Matoso; Oliveira, 2017). Nesse sentido, o discurso de Valentina indica que a música poderia ser um bálsamo para sua depressão.

Eu trabalhava numa instituição, e durante acho, não lembro agora, mas acho que foi uns quatro anos que eu trabalhei lá, e nesse período eu conheci

minha ex-esposa. E a gente estava no processo e tal, e a gente noivou e eu sempre coloquei minhas redes sociais bem restrita, principalmente questões de trabalho e tal, e a instituição realmente era religiosa. É ainda, até hoje, religiosa. Então eu sabia que, de alguma forma, tinha ali um preconceito, né? Não tanto, mas eu sabia que tinha. A única pessoa que sabia tudo sempre foi minha chefe, né? Nunca escondi isso dela. E ela sabia. E só que nesse período, no dia que a gente noivou e tudo mais, a minha ex-noiva colocou a foto, uma foto pública, né? E daí as pessoas que estavam nas minhas redes sociais do trabalho viram. A foto chegou na diretoria da instituição. Chamaram minha chefe, né? Mostraram a foto pra ela, perguntando, questionando, se ela também, se ela sabia. E daí, tipo, fizeram um, né... check-list lá pra ver até que nível que ela sabia. Obviamente que ela negou, falou que não sabia porquê... eu até falei pra ela que não precisava contar pra ninguém. E aí, pediram pra me dispensar, aí pediram pra falar pra mim que estava... Como é uma instituição, é filantrópica, né? Então pediram para falar que estava sem verba, alguma coisa nesse sentido, que precisava dispensar um funcionário e, infelizmente, era eu desta vez, né? E ela não me falou isso. Ela me chamou. Além de tudo, de ela ser minha chefe, tal, a gente construiu uma amizade. E ela não se sentiu confortável, né, de falar disso. Na época, ela é... eu lembro da fala dela.

[...] “eu sei que eu estou colocando aqui minha cabeça, né? Mas eu não poderia mentir para você. Olha, você está sendo dispensada exatamente porque viram sua foto com a sua noiva brindando”.

[...] “E me pediram para dispensar você, porque você não faz parte do perfil de funcionários que eles contratam aqui.” E realmente me dispensaram. E aquilo mexeu muito comigo, muito mesmo comigo porque eu fui rebaixada à minha sexualidade. Que pouco importa para as pessoas, certo? É, eu poderia até ser aquela pessoa que escancarou todo mundo e foda-se você e tal, mas eu nunca fui disso, principalmente no meu trabalho. Eu nunca falei disso no meu trabalho. Ninguém sabia do meu trabalho, ninguém sabe. Realmente era uma menina solteira que ia lá. Pronto, não falava sobre a vida pessoal. Então fui essa pessoa e sempre fui muito elogiada no meu trabalho.

[...] Foi um período, não fiz terapia, devia ter feito na época, porque realmente eu fiquei muito ruim, né?

Contrapondo-se à liberdade de expressão desfrutada pelas pessoas heterossexuais, cujos relacionamentos são abertamente celebrados nas redes sociais, estariam nos porões de um armário os locais de celebração entre mulheres que se amam? Karoline Alves Leite e Rita Barbosa de Oliveira (2019, p. 104) destacam que, no discurso das sociedades falocráticas, o sexo é visto principalmente como um meio de reprodução, o que invalidaria o desejo de uma mulher por outra, já que não há possibilidade de reprodução nesse caso. Em outras palavras, ao negar a existência de relacionamentos amorosos entre mulheres, também se excluem suas formas de expressão.

Uma vez mais, um corpo que não segue a norma é privado de um de seus direitos humanos, garantidos pela constituição, embora o estigma contra pessoas não heterossexuais

ainda seja forte em nosso país, com um discurso discriminatório persistente (Sousa, 2017). Valentina foi forçada a sair do armário contra a sua vontade (Segdwick, 2017) e foi considerada inadequada para o trabalho. Suas empregadoras justificaram a discriminação alegando falta de verba, demonstrando, segundo o relato, uma hipocrisia evidente ao manterem a presunção de superioridade que permeia a heteronormatividade. O sofrimento mental que leva à depressão e à ansiedade em minorias (Franciso et al., 2020) está conectado à lesbofobia, afetando a vida de muitas mulheres, como Valentina.

Encerro o capítulo de Valentina com o trecho de uma das canções da saudosa Gal Costa:

Atenção
Tudo é perigoso
Tudo é divino maravilhoso
Atenção para o refrão

É preciso estar atento e forte, não temos tempo de
temer a morte, é preciso estar atento e forte, não
temos tempo de temer a morte

Gal Costa (1969, faixa B2)

CAPÍTULO 5

Veridiana: O armário não oculta a cor de minha pele

– Cumé que a gente fica?... Foi então que uns brancos muito legais convidaram a gente prá uma festa deles, dizendo que era prá gente também. Negócio de livro sobre a gente, a gente foi muito bem recebido e tratado com toda consideração. Chamaram até prá sentar na mesa onde eles tavam sentados, fazendo discurso bonito, dizendo que a gente era oprimido, discriminado, explorado. Eram todos gente fina, educada, viajada por esse mundo de Deus. Sabiam das coisas. E a gente foi sentar lá na mesa. Só que tava cheia de gente que não deu prá gente sentar junto com eles. Mas a gente se arrumou muito bem, procurando umas cadeiras e sentando bem atrás deles. Eles tavam tão ocupados, ensinado um monte de coisa pro crioulo da platéia, que nem repararam que se apertasse um pouco até que dava prá abrir um espaçozinho e todo mundo sentar juto na mesa. Mas a festa foi eles que fizeram, e a gente não podia bagunçar com essa de chega prá cá, chega prá lá. A gente tinha que ser educado. E era discurso e mais discurso, tudo com muito aplauso. Foi aí que a neguinha que tava sentada com a gente, deu uma de atrevida. Tinham chamado ela prá responder uma pergunta. Ela se levantou, foi lá na mesa prá falar no microfone e começou a reclamar por causa de certas coisas que tavam acontecendo na festa. Tava armada a quizumba. A negrada parecia que tava esperando por isso prá bagunçar tudo. E era um tal de falar alto, gritar, vaiar, que nem dava prá ouvir discurso nenhum. Tá na cara que os brancos ficaram brancos de raiva e com razão. Tinham chamado a gente prá festa de um livro que falava da gente e a gente se comportava daquele jeito, catimbando a discurseira deles. Onde já se viu? Se eles sabiam da gente mais do que a gente mesmo? Se tavam ali, na maior boa vontade, ensinando uma porção de coisa prá gente da gente? Teve um hora que não deu prá agüentar aquela zoada toda da negrada ignorante e mal educada. Era demais. Foi aí que um branco enfezado partiu prá cima de um crioulo que tinha pegado no microfone prá falar contra os brancos. E a festa acabou em briga... Agora, aqui prá nós, quem teve a culpa? Aquela neguinha atrevida, ora. Se não tivesse dado com a língua nos dentes... Agora ta queimada entre os brancos. Malham ela até hoje. Também quem mandou não saber se comportar? Não é a toa que eles vivem dizendo que “preto quando não caga na entrada, caga na saída”.¹⁸ (Gonzalez, 1980, p. 223)

Dou início ao quinto capítulo com a apresentação da terceira participante, Veridiana. O nome Veridiana foi escolhido cuidadosamente, pois em sua origem latina, “Verídica”, remete à verdade. Foi movida por essa busca pela verdade que usei apresentá-la de outra forma, utilizando-me da epígrafe de um dos textos de Lélia Gonzalez, que também me confronta com essa verdade. Embora eu não a viva em minha própria pele, fui profundamente tocada pela dor que essa verdade carrega, pois antes de ser lésbica, Veridiana é uma mulher negra, que trabalha como assistente de serviços administrativos, com idade de 48 anos.

¹⁸ Apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1980. In: GONZALEZ, Lélia: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

Como mulher branca que sou, tendo entrevistado outras duas mulheres também brancas, me coloco diante de Veridiana, de seu desejo de se expressar, e das reflexões de Grada Kilomba:

A repressão é, nesse sentido, a defesa pela qual o ego controla e exerce censura em relação ao que é instigado como uma verdade “desagradável”. Falar torna-se assim praticamente impossível, pois quando falamos, nosso discurso é frequentemente interpretado como uma versão dúbia da realidade, não imperativa o suficiente para ser falada, tampouco ouvida. (Kilomba, 2016, p. 179)

Kilomba refere-se ao conceito freudiano de repressão⁹, argumentando que aqueles que silenciam os negros reprimem em si mesmos os aspectos que não querem ver nem ouvir, provenientes da voz daqueles que testemunham suas maldades. Ela afirma que “existe um medo apreensivo de que, se o(a) colonizado(a) falar, o(a) colonizador(a) terá que ouvir e será forçado(a) a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades do Outro” (Kilomba, 2016, p. 177).

Nesse contexto que abrange desde as ideias de Lélia Gonzales até as de Grada Kilomba, assumo a posição de uma mulher branca e heterossexual que ingressa no espaço ocupado por uma mulher negra e lésbica, representada por Veridiana em toda a sua potência. Antes de prosseguir, é crucial que eu me questione novamente sobre meu lugar dentro dessa diáspora em que me encontro. Nesse sentido, recorro às palavras de Audre Lorde:

E quando as palavras das mulheres clamam por serem ouvidas, cada uma de nós deve reconhecer sua responsabilidade de tirar essas palavras para fora, lê-las, compartilhá-las e examiná-las em sua pertinência à vida. Não nos escondamos detrás das falsas separações que nos impuseram e que tão seguidamente as aceitamos como nossas. Por exemplo: “Não posso ensinar a literatura das mulheres Negras porque sua experiência é diferente da minha”. Entretanto, durante quantos anos ensinaram Platão, Shakespeare e Proust? Ou: “Ela é uma mulher branca, o que ela pode dizer para mim” Ou: “Ela é lésbica... O que vai dizer o meu marido, ou meu chefe?” (Lorde, 1977, p. 2)

Inspirada pelas palavras de Lorde, manifesto o desejo de aprender mais sobre as mulheres que desafiam as normas da heteronormatividade e me posiciono como ouvinte, solidária com a experiência da mulher lésbica negra. Meu encontro com Veridiana ocorreu por intermédio de uma das participantes da pesquisa. Em 30 de setembro de 2023, entrei em contato

⁹ O conceito de repressão na psicanálise freudiana refere-se ao mecanismo pelo qual desejos, pensamentos e memórias inaceitáveis ou angustiantes são excluídos da consciência e mantidos no inconsciente. Esse processo ocorre porque esses conteúdos são considerados inaceitáveis ou ameaçadores para o ego. A repressão é um dos principais mecanismos de defesa identificados por Freud, e desempenha um papel central na formação de sintomas neuróticos, uma vez que os conteúdos reprimidos podem influenciar o comportamento e o estado emocional de um indivíduo de forma indireta ver Freud (1974/1915).

com ela para me apresentar, explicar o propósito da pesquisa e convidá-la a participar, recebendo prontamente sua aceitação. Veridiana já esperava meu contato, pois havia sido informada previamente pela amiga.

Inicialmente, percebi que Veridiana era uma mulher decidida e disposta a participar, restando apenas agendar o horário, a data e o local. Sugeri que poderíamos nos encontrar em sua casa ou em qualquer outro lugar de sua preferência, mas Veridiana pediu que eu escolhesse, pois em sua residência não haveria privacidade para nossa conversa, uma vez que ela mora com seu filho. Sugeri então o consultório onde trabalho, garantindo que teríamos tempo e privacidade. Enviei a ela o endereço e perguntei se concordava. Em 5 de outubro de 2023, encontrei-me com Veridiana.

Eram cerca de 16h50 quando o interfone tocou e era Veridiana, uma mulher alta, negra, com uma voz suave e articulada. Nós nos cumprimentamos com um abraço um pouco tímido, já que nunca nos vimos antes. Mesmo que nosso contato inicial tenha sido breve, minha respiração acelerou. Conduzi Veridiana até minha sala, ofereci água para ambas e perguntei onde ela preferia se sentar, embora tenha sugerido o sofá por ser mais confortável.

Antes de começarmos a gravação, conversamos brevemente sobre como foi para ela chegar até o consultório e como estava se sentindo. Modifiquei o *layout* da sala para não parecer um consultório, substituindo a poltrona por uma cadeira posicionada próxima a Veridiana, ao contrário dos dois metros de distância que mantenho durante os atendimentos, prática adotada durante a época da Covid-19 e mantida desde então.

Costumo perguntar sobre a temperatura da sala, se preferem janelas abertas ou fechadas e se desejam ligar o ar-condicionado. Veridiana optou por ligar o ar. Após a leitura do termo de consentimento (pois Veridiana já havia recebido e assinado previamente), iniciamos a entrevista. Sugeri que fizéssemos uma respiração profunda juntas, o que foi aceito. Respiramos e iniciamos a entrevista.

5.1 TECENDO E DESFAZENDO AS MÁSCARAS

O velcro¹⁰ é um sistema de fixação composto por duas tiras de tecido, uma com pequenos ganchos e outra com pequenos laços, que se prendem quando pressionadas uma contra a outra. É frequentemente utilizado como uma alternativa ao zíper ou aos botões, devido à sua praticidade. Neste contexto, faço uma analogia do velcro com o armário, conforme descrito por Sedgwick (2007), como um artefato de proteção. Costuro essa ideia com a máscara, conforme discutido por Kilomba (2016), que representa o silenciamento.

Começo pergunta com a seguinte pergunta:

Entrevistadora: Como é que você se se autodeclara? Como que você se percebe com relação à tua, tua orientação sexual?

Veridiana: Olha, Simone, para mim sempre foi muito natural. Porque eu nunca consegui achar que eu era outra coisa, apesar, apesar de ter casado, ter tido filho, ter feito bem bonitinho, tudo o que minha mãe e meu pai esperavam de mim eu fiz... mas eu nunca... Eu sempre soube que eu era sapatão. De alguma forma, eu sempre soube, tive alguns namorados e tal, mas eu sempre soube que eu era sempre sapatão.

É natural para Veridiana se identificar como sapatão, mesmo tendo se casado e tido filhos para atender às expectativas de seus pais. O casamento era visto como uma obrigação social que permitia à mulher o “direito” de ser mãe. Veridiana percebia as expectativas impostas sobre as mulheres como algo a ser realizado de forma exemplar, mesmo que não houvesse dúvidas sobre sua sexualidade. Isso reflete o silenciamento de seu próprio desejo para satisfazer o desejo de seus pais.

A heteronormatividade pressupõe a existência de corpos sexuados que devem aderir aos padrões binários e determina o destino biológico das mulheres, que é o de gerar vidas, conforme De Lauretis (1984):

Instaurando o feminino, é em regimes de verdade históricos que um destino biológico continua a ser traçado para as mulheres: ao se enunciar a categoria diferença, ancorada no sexo biológico, receptáculo de valores e atribuições, confina-se as mulheres a seus hormônios e seus órgãos genitais. (De Lauretis, 1984, p. 2)

¹⁰ O nome “velcro” é uma combinação das palavras “*velvet*” (veludo) e “*crochet*” (gancho), que descrevem as características do sistema de fixação. O velcro foi inventado por George de Mestral, um engenheiro suíço, em 1948, e desde então se tornou uma marca amplamente reconhecida e genérica para esse tipo de fecho. Na página queer.ig, o termo velcro é trazido como uma das posições sexuais do sexo praticado por mulheres lésbicas cuja palavra faz alusão ao contato dos pelos pubianos: <https://queer.ig.com.br/2021-10-27/girias-lesbicas-significados.html.ampstories>

É essa carga de valores e atribuições, conforme discutido por De Lauretis, que muitas mulheres de diversas origens carregam, influenciando a sexualidade de gerações e perpetuando um padrão de conformidade. Na estrutura da heteronormatividade, a biologia da mulher é vista como destinada a gerar vida e a atender às necessidades biológicas do homem, conforme também observado por Rich (2010) quando discorre sobre a heterossexualidade compulsória, sendo a família um dos mecanismos de perpetuação desse padrão. A heteronormatividade enfatiza a funcionalidade dos corpos em detrimento de sua individualidade e complexidade.

No entanto, apesar de ter se casado com um homem, Veridiana desafia a heteronormatividade ao se identificar espontaneamente como sapatão, criando uma ruptura nesse padrão.

E sempre lidei muito bem com isso. Não era uma coisa assim “ai, que horror” que não é isso. Em algum momento vai ser de maneira mais concreta. É nesse momento, é isso e para mim está tudo bem. Para mim sempre foi muito tranquilo, e desde a infância, a adolescência, teve aquele momento que você percebeu né, sapatão. Olha, não teve um momento assim, mas eu estava em casa hoje, pensando né, que eu vinha aqui e eu creio que quando eu morava aqui em Sorocaba, quando vim morar aqui, eu tinha 8 anos, meu pai era gerente de banco e ele se transferiu, no caso lá de São Paulo. E tinha uma vizinha, que ela tinha umas brincadeiras assim, sabe [...] Para mim, hoje em dia seria violência, assédio, ia ser... Tem montes de montes de definições, mas naquele momento, para mim era muito tranquilo.

A naturalidade com que Veridiana expressa seu autorreconhecimento como sapatão e descreve a descoberta de sua sexualidade na infância rompe com a heteronormatividade. Ao afirmar que Veridiana performatiza sua sexualidade, utilizo o conceito de performatividade de gênero de Butler (2006), que argumenta que o gênero é uma construção social repetidamente realizada por meio de atos e comportamentos, assim como a sexualidade. Veridiana vivencia e expressa sua identidade como sapatão desde a infância. No entanto, essa liberdade de explorar sua descoberta é silenciada pelas normas sociais impostas.

Eu fui casada. Eu conheci o pai do Antonio é, eu morava em Salvador, tá? E aí você já não... eu sou de São Paulo, mas eu morei uns 10, 8, 10 anos, quase 10 anos. Eu morei lá, o Antonio nasceu lá, inclusive, e aí eu conheci o pai do Antonio em uma atividade da Secretaria do Trabalho, Emprego e Renda, que onde eu trabalhava, que tinha uma parceria com a Secretaria de Segurança. [...] E aí, daquele dia em diante, a gente começou a ficar junto, só que ele no Rio e eu na Bahia. Nunca pensei assim, “ai, vou mudar, eu vou embora”. Para mim estava ótimo. De vez em quando eu ia, de vez em quando ele vinha. E aí um dia eu me vi grávida. [...] E aí, quando fiquei grávida, que fazer, né? Eu, eu primeira coisa que eu pensei, eu não vou ter, eu vou tirar isso. Para mim era muito tranquilo. Não tinha problema com isso, mas aí a minha mãe, o meu pai e a minha família, foi uma confusão assim, né, minha mãe é espírita, É... Na época... era muito complexo lidar com isso, né? E aí, teve um momento

no final do ano, minha mãe chamou todo mundo, reuniu todo mundo na sala, eu cheguei na minha casa, estava até o [pai do filho de Veridiana], falei, gente, está acontecendo aqui e aí, vamos ter uma conversa sobre o aborto, tá? E aí fala da religião, aí fala de Deus, fala Jesus e fala, né? E eu fiquei ouvindo, eu falei, realmente só tem razão, né? Mas eu acho que isso é uma questão. Agora tem uma questão de saúde pública. Todos aqueles cursos que a gente faz. E aí o pai, na sabedoria masculina, pegou minha mão e falou assim, eu vou fazer, eu vou, eu concordo com o que você fizer, eu vou te apoiar, mas eu vou te fazer só uma pergunta: você vai dormir e acordar todos os dias sabendo que você fez o aborto?

Embora tenha assumido sua identidade sapatão, Veridiana teve um relacionamento sexual com o homem que viria a ser pai de seu filho, exercendo, assim, seu direito de expressar sua sexualidade. No entanto, a maternidade não estava nos planos ou desejos de Veridiana, e é possível perceber sua angústia ao falar sobre isso, indicando que ainda não havia se liberado completamente das normas da heteronormatividade.

A questão da obrigação da mulher em ter filhos é um tema controverso que tem sido objeto de debates, incluindo discussões sobre a legalização do aborto, em um movimento que destaca a autonomia da mulher para tomar decisões sobre sua vida reprodutiva.

E aí, o Antonio nasceu, e aí eu... Quando ele nasceu, as pessoas falavam assim, você vai embora? Eu falava: vou porque eu não quero ser mais solteira. Eu tinha “paura” de pensar que eu ia ser mãe solteira, então eu saí de Salvador, que eu tinha emprego, tinha salário, eu tinha uma casa boa, tinha amigos legais, uma rede maravilhosa de amigos de apoio. E eu falei, eu vou, porque eu não quero ser mãe solteira. E aí eu fui [também] morar no Rio de Janeiro, que durou um ano e 8 meses. E aí, quando deu um ano e 8 meses, eu falei: sim, vamos embora. E aí eu vim para casa do meu pai, saí do Rio.

No discurso de Veridiana, o medo é intensificado pela ideia de ser mãe solteira, e a palavra “*paura*” (palavra italiana que significa “medo”) é utilizada para destacar esse sentimento. Diante da imposição colonial da heterossexualidade, há a pressão para se conformar com o modelo de família heteronormativa. Nesse contexto, a expectativa é que uma família com filhos siga a lógica binária, com a presença da figura materna e paterna. As mães solas, que não se enquadram nesse modelo tradicional de família, podem ser moralmente estigmatizadas, assim como acontece com as lésbicas em contextos homofóbicos, conforme observado por hooks.

[...] a homofobia voltada às lésbicas estava enraizada na profunda crença religiosa e moral de que mulheres definiam sua feminilidade por meio da maternidade. A suposição predominantemente era a de que ser lésbica era antinatural porque não se participaria da gestação. (hooks, 2019, p. 249)

De acordo com a perspectiva de hooks, a suposição da antinaturalidade da mulher lésbica muitas vezes está ligada à forte pressão social e cultural para que as mulheres se casem (hooks, 2019; Rich, 2010). Esse contexto justifica o medo sentido por Veridiana, que deixa Salvador e vai para o Rio de Janeiro. Após passar um ano e oito meses vivendo com o pai de seu filho, Veridiana decide romper com a máscara do casamento heteronormativo e, através das fissuras dessa estrutura, retorna à cidade onde viveu parte de sua infância, Sorocaba.

Acabei com tudo
 Escapei com vida
 Tive as roupas e os sonhos
 Rasgados na minha saída
 Mas saí ferido
 Sufocando meu gemido
 Fui o alvo perfeito
 Muitas vezes no peito atingido

Maria Bethânia (1993, faixa A7)

Finalizo este tópico com a canção do compositor Roberto Carlos, na voz de Maria Bethânia, que acompanha Veridiana em sua jornada de superação, marcada pela ruptura das roupas, máscaras e sonhos, mostrando que seu corpo ferido não se limita à sua ferida física. Ao som da canção, vejo que Veridiana contém seu gemido, sustentando a respiração como parte do movimento de emancipação de seu corpo.

5.2 DESCOSTURANDO A MÁSCARA: REVELAÇÕES

Tá acontecendo alguma coisa aqui. Não sei direito, está acontecendo, porque, assim, ela acendeu um cigarro, e aí eu falei assim “dá um trago” e ela me olhou com uma cara. [...] E aí a gente começou a conversar ou por telefone ou por e-mail e o negócio foi, foi acontecendo assim. Eu me apaixonei pela Ana. Como assim? Eu nunca amei ninguém nessa vida, né? Foi um negócio arrebatador e aí eu falei: eu quero ir embora, se isto está acontecendo, se eu quero viver isso aqui, né? Então a gente ficou um tempo nessas... ela veio para São Paulo, ela ficou aqui, acho que uns 10 dias, ela ficou lá na minha casa, e foram 10 dias ótimos.

As falas de Veridiana introduzem este tópico narrando sua travessia para além do armário, começando pela retirada gradual da máscara que encobriu parcialmente seu desejo. Embora Veridiana tenha se identificado como sapatão desde a infância, foi somente após três décadas que ela encontrou seu primeiro amor por uma mulher. À luz do período que precedeu este encontro, reflito sobre as vivências possíveis, que nem sempre são as mais autênticas, mas que possuem seu valor e importância, conforme destacado pelo escritor Marcel Proust:

A mentira, a mentira perfeita, sobre as pessoas que conhecemos, sobre as relações que tivemos com elas, sobre nossos motivos para algumas ações, formuladas em termos totalmente diferentes, a mentira sobre o que somos, a quem amamos, o que sentimos em relação a pessoas que nos amam... – essa mentira é uma das poucas coisas no mundo que podem nos abrir janelas para o que é novo e desconhecido, que podem despertar em nós sentidos adormecidos para a contemplação de universos que de outra maneira nunca teríamos conhecido. (Proust apud Sedgwick, 2007, p. 21)

Os relatos de Veridiana dialogam com o trecho da obra de Proust, ao refletirmos sobre a narrativa criada a respeito de quem somos, o que desejamos e sobre as pessoas que encontramos ao longo da vida, que nos ajudam a reinterpretar nossa própria identidade. Veridiana percorreu, com sua identidade sapatão, cerca de três décadas nos caminhos da heteronormatividade. Os encontros ao longo desse percurso impactaram a sua máscara, que se descosturava diante de seu novo amor, Ana, como evidenciado em sua fala: *“Tá acontecendo alguma coisa aqui. Não sei direito, está acontecendo”* (sic), representando esse descosturar. Essa fala nos remete ao pensamento de Portinari (1989):

Desde algum tempo [...], a palavra me possibilita ‘ser homossexual’ e, dessa forma, nomear e moldar o meu desejo. Infelizmente ela também me obriga a ‘ser homossexual’ em seus próprios (ainda que contraditórios) termos que, evidentemente, não são, nem podem ser meus. (Portinari, 1989, p. 18)

Conforme a autora, a existência da palavra homossexual valida o desejo, porém com ressalvas. A extrapolação do desejo em sensações parece ter conduzido Veridiana a questionar o que estaria acontecendo. Se a experiência de sair do armário não é uniforme e varia amplamente entre as pessoas (Sedgwick, 2007), o próprio percurso até a porta do artefato também é diverso. Portanto, além da análise do discurso de Veridiana, é relevante lançar um olhar crítico sobre uma sociedade formatada para a repressão do sentir e do ser, tal como Veridiana parece ter reprimido seus movimentos em direção à consolidação do seu desejo.

Veridiana extrapolou o desejo e, deslocando sua máscara heteronormativa, permitiu vivenciar o relacionamento amoroso com todas as suas nuances, sendo o desgaste da rotina da relação uma delas, conforme relatado a seguir:

Essa relação com a Ana mesmo já vem, ficou muito desgastada nesse trabalho, né? Porque a Ana era folgada. Então, assim, ela não queria acordar cedo, então falava que ia entregar material [material de uma campanha eleitoral] às 10h, [mas] ela ia entregar 2h da tarde, aí a pessoa ligava para reclamar, então foi assim...

[...] ela me trouxe para casa e a hora que eu desci do carro ela falou assim para mim: “você não sabe o estrago que você fez na minha vida?”. Eu falei:

“credo, por que?” [...] Ela falou: “porque sim”, e ela simplesmente desceu do carro e ela foi embora e nunca mais ela falou comigo.

Isso para mim foi assim, a morte, assim. eu quase morri.

[...] Quase morri assim, de verdade, eu dormia chorando e eu acordava chorando. E aí eu chegava no escritório com os olhos super inchados e não dava conta de trabalhar [...] E ela nunca mais falou comigo.

[...] E aí, um dia, eu estava em casa de manhã. Assim, um final de semana eu vi uma mensagem da [amiga]... É, no Facebook. Eu vi lá já e achei esquisito, porque não é uma coisa que eu... não era habitual usar mensagens do Facebook, né? Aí eu abri e aí estava escrito assim: “Ah, nossa, Ana foi embora”. Falei “Oxi, foi pra onde?” Aí eu liguei [para a amiga], eu falei: “o que é que aconteceu com a Ana?”. Ela falou: “Ana morreu”.

Foi com Ana que Veridiana encontrou o amor e o perdeu de forma tão inesperada quanto a sua chegada. No entanto, ao encontrar a si mesma, ela tomou posse de sua identidade e não mais se afastou dela, abrindo-se para outras vivências:

Conheci a Laura numa festa [...] E eu falei, eu olhei para ela, falei, Hum... E aí passou! E ela foi namorada de uma amiga minha e terminou, e aí a gente começou a sair junto. Eu também sou assim, se eu cismar, eu vou atrás, entendeu?

E aí foi... um dia a gente tomou café e no outro dia a gente tomou um suco... Então, assim, quando eu conheci a Laura e vi que a coisa estava indo, né? Então, assim: “ah mãe, a Laura está doente e eu vou lá cuidar dela”. “Mãe, eu vou lá na casa da Laura” ou “a Laura vem na minha casa”. Não sei o quê. E aí um dia minha mãe estava cozinhando e eu falei para ela: “Olha, já casei, já te dei seu neto. Eu já vim embora para cuidar de você. Então, eu já fiz tudo o que precisava quando fiz 40 anos. Já fiz tudo o que precisava. Então, vou namorar a Laura, estou apaixonada e vou ver isso, ok?” Ela estava cortando cebola e continuou. Ela não falou nada. Aí eu falei com o Antonio: “Mamãe conheceu a tia Laura, a mamãe está gostando da tia Laura, mamãe quer namorar a tia Laura”. Aí ele falou: “é bom para você?” Eu falei: “é”. Ele falou: “então tá, é bom para mim também, uai”.

A boca, como representação da fala e enunciação (Kilomba, 2016), abre-se para Veridiana anunciar a verdade sobre sua sexualidade. O silenciamento da mãe sustenta o pensamento de Modesto (2010, p. 34): “quando as mães descobrem a homossexualidade dos filhos, um relacionamento sexual não prescrito e temido, elas entram em conflito entre o sentimento de rejeição à homossexualidade e de amor aos filhos”. Portanto, esse silenciar pode representar o conflito que se instalava no psiquismo de sua mãe; embora não tenha havido concordância com a notícia, tampouco houve discordância, o que caracteriza o conflito que se ancora na dúvida.

Antevendo a possibilidade de ser rejeitada diante da revelação, no discurso de Veridiana observa-se uma espécie de negociação ou prestação de contas, ao descrever suas entregas até aquele momento de sua vida: o casamento, os cuidados com a mãe, a geração de uma vida, todas atribuídas à mulher (Rich, 2010).

Aos 40 anos de idade, Veridiana remove a máscara que oprimia seu desejo e sai do armário, revelando sua verdade para a mãe enquanto ela cortava cebolas na cozinha. Em um movimento de diáspora, segue sua caminhada até o filho, à época com sete anos de idade. A resposta acolhedora de seu filho pode ter amenizado o medo presente quando estamos prestes a comunicar algo que terá impacto na vida de outra pessoa, conforme o pensamento de Lorde (1977):

E, certamente tenho medo, porque a transformação do silêncio em linguagem e em ação é um ato de auto-revelação, e isso sempre parece estar cheio de perigos. Mas minha filha, quando falei de nosso tema e de minhas dificuldades, me disse: “Fala para elas de como nunca se é uma pessoa inteira se guardas silêncio, porque esse pedacinho fica sempre dentro de ti e quer sair, e se segues ignorando-o, ele se torna cada vez mais irritado e furioso, e se nunca o deixar sair um dia diz: basta! e te dá um soco dentro da boca”. (Lorde, 1977, p. 2)

De acordo com a análise de Lorde, é possível considerar o silêncio que protege e, ao mesmo tempo, fragmenta o ser humano por meio da asfixia promovida pela “máscara silenciadora” (Kilomba, 2014). Essa asfixia impede os pulmões de metabolizar o oxigênio no encontro com o outro, conforme Górska (2021, p. 110) observa: “a respiração, portanto, nos ensina que nós, seres humanos e não humanos, não somos entidades independentes, mas somos constituídos por meio de nossa existência relacional”. Assim, ao transpor as sufocantes barreiras do silêncio, Veridiana encontra uma zona de respiro ao lado do filho e, com ele, recicla seu ar de forma segura, fortalecendo-o para os encontros que terá com outras pessoas, com suas diferenças, como nos lembra Lorde (2019):

[...] dou mais força aos meus filhos quando estou disposta a olhar bem dentro de mim e quando sou honesta com eles sobre o que encontro lá, sem esperar uma resposta avançada para a idade deles. Dessa forma, eles começam a aprender a ver além dos próprios medos (Lorde, 2019, p. 90)

A seguir, Veridiana relata os encontros com sua companheira e as relações com as mulheres da família:

E aí, eu comecei a namorar a Laura. Então, assim, quando eu comecei a namorar a Laura, aí a Laura foi na casa da minha prima, da minha irmã, a gente foi no casamento da Paula. E aí um primo veio de Blumenau e, uma vez,

ele veio na minha casa... então, assim, quando eu comecei a namorar a Laura é que se inaugurou na minha família essa coisa da “Veridiana ser sapatão”, tá? Porque nunca, nunca ninguém falou nada. E eu também não dou pinta, e eu acho que vida particular, vida privada, privada, ninguém tem que saber da minha vida. Então nunca teve essa história, nunca. Ninguém nunca falou sobre isso. Até porque as pessoas não perceberam e porque eu também nunca, nunca falei, mas a minha relação com as mulheres da minha família sempre foi uma relação maravilhosa. Assim, a família da minha mãe é uma família que só tem mulher. Então assim, são... é a minha avó e tantas outras mulheres da família.

Veridiana inaugura sua nova identidade como sapatão, cuja estreia formal ocorreu em um evento social. Seu discurso revela a tranquilidade com que foi recebida pelas mulheres da família. No entanto, é possível perceber em sua fala um certo silenciamento por parte dos familiares em relação a essa novidade. Ao mesmo tempo, Veridiana demonstra elementos de autopreservação ao mencionar “*e eu acho que vida particular, vida privada, privada, ninguém tem que saber da minha vida*” (sic), como forma de firmar compromisso com sua subjetividade, num movimento de descolonização de seu desejo. De acordo com Kilomba (2019, p. 115), “ser observada e questionada são certamente formas de controle que incorporam o poder”. Veridiana prossegue:

[...] Então, é uma família de muita mulher. É muita mulher na minha família, né? E aí são mulheres, é minha avó e as irmãs, né?

[...] talvez elas não sejam uma referência de amor, porque elas não eram amorosas pela própria condução da vida, mas elas eram alegres. Sabe, quando estava junto, era... todo mundo ria e todo mundo conversava e todo mundo brigava e todo mundo xingava e todo mundo comia, sabe assim? É uma família de gente que come. Se a mesa não tiver macarrão, frango, feijoada, dobradinha. Negócio tinha que ter uma mesa farta, né? Então era. Era uma, era muito, muito bom estar com elas.

Assim como hooks (2019), que descreve ter sido criada em um ambiente caracterizado por falas de mulheres, conversas barulhentas, palavras irritadas, e mulheres com línguas rápidas e afiadas, Veridiana rememora o entrelaçar de vozes em torno da mesa farta que alimentava não apenas o corpo, mas também a alma. Nesse espaço, sua companheira Laura também era acolhida, tornando-se parte desse *continuum* de mulheres que enfrentam desafios:

[...] Minha mãe falava que eram mulheres muito sofridas, né, que tiveram uma vida muito sofrida. Ou vida de trabalho de dia a dia, de convivência com o mundo, ou vida com os maridos, né? Então, o marido bebia e batia, né? É uma família de mulheres negras, né? Então, tudo isso que a gente conhece das mulheres negras cabe, né.

“Seja no espaço público, dominado pela violência da segregação racial, seja no âmbito privado, atravessado pela violência patriarcal” (hooks, 2019, p. 10), ser mulher negra é viver em um mundo em que as teias da heteronormatividade tentam reter as relações “baseadas em poder no modelo dominante/subordinado entre desiguais” (Lorde, 2019, p. 56). As mulheres da família de Veridiana eram vítimas de violência física por parte de seus companheiros, muitas vezes embriagados, em uma dinâmica que Veridiana associa à experiência da mulher negra. Veridiana relata que, de qualquer forma, encontrava junto às mulheres de sua família não a amorosidade talvez convencionalizada em palavras de doçura, mas sim um reconhecimento mútuo das lutas e enfrentamentos, seja contra o patriarcado ou o preconceito racial. Eram, em suma, “mulheres alegres”.

Eu falei, eu vou me casar com a Laura. [Ela] quer casar e eu vou casar.

[...] Não era bom, e tinha muito essa coisa da heteronormatividade que naquele momento eu não... eu não conseguia, não conseguia nomear aquilo, não conseguia dizer, sabia que era, que tinha alguma coisa ali que... sabe? Me incomodava, mas eu não sabia exatamente o que é que era e eu fui apaixonada pela Laura assim, apaixonada pela Laura. Mas não é uma coisa assim de ser um apaixonado irracional, entendeu? Mas eu gostava muito dela, mas eu me casei com ela, e aí a gente já alugou uma casa, e fui morar eu, ela e o Antonio, e aí a gente tinha essa vidinha do marido que vai trabalhar e volta pra casa da mulher, que fica em casa, cuidando da criança, que aí levava na escola.... Não parei de fazer as coisas que fazia para vender em casa, mas fazia lá na casa da minha mãe e aí o tempo que a gente ficou junto foi assim, né? E aí é a relação, ela vai desgastando, né? Porque em certa medida, a Laura, ela queria essa coisa da família.

Era muito assim, né? [menção à reprodução da heteronormatividade]. E aí, oh, e era tão assim que ela foi fazer uma especialização na [instituição]? E aí ela? Ela, ela é assistência social, ela trabalhava em uma empresa e aí o que acontecia é que o dinheiro não dava [...] Então toda a especialização dela, foi assim... que fui eu que paguei, não é isso que eu estou dizendo, mas eu ajudei muito porque eu tirava o dinheiro do que eu cozinhava e dava para ela. Para ela poder colocar combustível no carro. Então isso também é um negócio assim, que mulheres negras fazem, não é? Quantas histórias a gente não conhece da mulher que sustentou o homem até o dia que ele ficou rico... Então, assim, então tinha, tinha essa coisa da heteronormatividade de como as coisas tinham que ser, então, com o Antonio, começou a ficar muito ruim, porque aí [ela dizia]: “não sobe no sofá!” e “Tira o cotovelo da mesa”. [...] Fiz tudo que precisava ser feito, né? E aí esse casamento acabou. E aí, quando esse casamento acabou, eu voltei para a casa da minha mãe. E demorei assim muito tempo para me recuperar, sabe assim, chorei muito. Foi muito sofrido, sabe?

Veridiana aborda em seu discurso elementos da reprodução da heteronormatividade presentes em seu relacionamento com Laura, mas não apenas isso. Ela também menciona o padrão observado entre mulheres negras e seus parceiros, no qual elas frequentemente os

sustentam até que estes, ao obterem recursos financeiros, abandonem-nas. Veridiana, no entanto, parecendo cada vez mais consciente de sua liberdade, começa a questionar sua relação com Laura.

Teve um Carnaval que ela simplesmente foi embora. Ela foi para Recife tocar, e aí ela me largou em casa sem um puto de um tostão, tá? Eu e uma criança pequena. Ela não tem obrigação de cuidar do meu filho, mas na medida em que casou comigo, eu tenho um filho. A gente tem uma responsabilidade ali, entendeu? E aí eu já estava fazendo terapia e já estava resolvida que eu ia largar. E aí, de novo, alguém falou assim pra mim: “respira, espera ela voltar”. “As coisas... as coisas podem ter outro caminho, mas você é a parte mais madura da relação”, porque na época a Laura era mais nova. Eu já tinha mais de 40, tá? Então assim, respira. Então, quando ela voltou, eu estava em casa, aí ela voltou, aí passou um tempo, uma semana assim. Aí a gente conversou. E aí eu falei, como eu tinha me sentido. E aí ela pediu desculpa, aí vamos começar tudo de novo...

Os corpos em diáspora da heteronormatividade, atravessam o chão antes pisado por outras mulheres, cujas pegadas deixadas na terra servem de companhia para aquelas que hoje fazem a travessia, tal como canta Sued Nunes:

Povoada
 Quem falou que eu ando só?
 Nessa terra, nesse chão de meu Deus
 Sou uma, mas não sou só
 Povoada
 Quem falou que eu ando só?
 Tenho em mim mais de muitos
 Sou uma, mas não sou só

Sued Nunes (2021, faixa 12)

Embalada pela canção “Povoada”, na voz de Sued Nunes, encerro este tópico com um pensamento de Lorde que, dentro de um contínuo de opressões, emerge o contínuo de resistências e de zonas de respiro.

Mulheres negras brigamos umas com as outras pelos homens, em vez de irmos em busca de quem somos e usarmos nossas forças em prol de uma mudança duradoura; mulheres negras e homens negros brigamos uns com os outros sobre quem teria mais direito a liberdade, em vez de vermos a luta de cada um também como nossa e como vital a nossos objetivos comuns; mulheres negras e brancas brigamos umas com as outras para determinar quem é mais oprimida, em vez de enxergarmos as áreas em que nossas causas são as mesmas. (É claro, esta última separação é agravada pela intransigência do racismo que as mulheres brancas geralmente falham em identificar – ou não consegue identificar – em si mesmas.)

(...) Mas, acima de tudo, como mulheres negras, temos o direito e a responsabilidade de nos reconhecermos umas nas outras sem medo e de amarmos conforme nossa escolha. Mulheres negras lésbicas e heterossexuais

hoje compartilham uma história de vínculos e de forças, e não podemos permitir que nossa orientação sexual e nossas outras diferenças nos ceguem em relação a ela. (Lorde, 2019, p. 64-65)

Com base nas ideias de Lorde, reflito sobre o ideal utópico de alcançar a paz e a harmonia entre todos os seres humanos. Continuo a desconstrução de uma crença enraizada em minha família, que aceita passivamente a frase “é assim mesmo”. Qualquer forma de generalização acaba por limitar nossas potencialidades.

De acordo com Sued, embora eu seja uma pessoa única, não estou isolada. Baseando-me em minha ancestralidade, afirmo com respeito que as coisas não precisam permanecer como estão atualmente. Conforme Angela Davis (1997) coloca, a utopia se manifesta quando buscamos novos caminhos e visões. Precisamos dessas visões para nos inspirar e progredir.

5.3 RESPIRANDO PRESSÕES

Não digam que fui rebotalho,
que vivi à margem da vida.
Digam que eu procurava trabalho,
mas fui sempre preterida.
Digam ao povo brasileiro
que meu sonho era ser escritora,
mas eu não tinha dinheiro
para pagar uma editora.

Carolina Maria de Jesus (1958, p. 9)

A busca pela educação superior representa um desafio significativo para as mulheres em geral e, em particular, para as mulheres negras. Elas enfrentam obstáculos adicionais, como o preconceito racial e as desigualdades estruturais que dificultam o acesso à educação (hooks, 1981). No discurso de Veridiana, vemos o testemunho dessa realidade, vivenciada sob pressões, quando sua companheira insistia para que ela retomasse os estudos, sem considerar os desafios enfrentados pelas mulheres. Um exemplo disso é a epígrafe de Carolina Maria de Jesus, que serve como testemunha dessas dificuldades.

Mas ela [Laura] sempre dizia que era importante eu terminar a faculdade, tá? E eu falava: “como que eu vou terminar a faculdade, com Antonio, sem minha mãe; tem essa casa, tem você, tem essa cachorra, tem roupa pra lavar, como que eu vou terminar a faculdade?” “Ah, mas você pode fazer um curso?” Ah, tá bom, então tá, tá bom, tá bom, vou ver, vou ver, vou ver.

E aí eu estou vendo... Até hoje!

Aí voltei [com ela], fazia comida, tudo de novo, entendeu? Então é... então, eu nunca consegui ir à universidade. Na verdade, eu fui várias vezes, mas eu não terminei nenhuma delas, né?

Na sociedade pautada pela heteronormatividade, o cuidado é uma das responsabilidades atribuídas à mulher (Rich, 2010), uma função que é herdada mesmo antes do seu nascimento. Apesar de o Brasil possuir políticas públicas que visam ampliar o acesso à educação superior, proporcionar condições para que mulheres lésbicas e negras possam acessar e manter-se nesse ambiente ainda é um desafio (Cordeiro; Auad, 2021).

Segundo as autoras Ana Luisa Cordeiro e Daniela Auad, quando essas mulheres conseguem ingressar na faculdade, elas enfrentam outros obstáculos, especialmente por serem cotistas, inseridas em um ambiente estruturalmente representado por indivíduos brancos e heteronormativos.

As cotas abrem caminhos para a população negra e pobre, para o acesso à educação superior, especialmente em cursos caracteristicamente elitizados. A universidade pública brasileira ainda é vista como um “não-lugar social” para a população negra, pobre e LGBT. A democratização da educação superior segue sendo nosso desafio contemporâneo. (Cordeiro; Auad, 2021 p. 10)

Quando Veridiana discorre sobre seus períodos de ingresso e saída da universidade, ela corrobora com o pensamento das autoras, cujo discurso denuncia o privilégio da elite acadêmica, que negligencia a experiência da mulher lésbica negra.

Em outro momento, Veridiana menciona também a pós-graduação:

[...] Então! Não está no meu radar, não está no meu radar, entendeu? Mas eu confesso [pra] você, assim, que eu... a pessoa fala assim, o [terapeuta atual de Veridiana] é fera... e foi defender o mestrado dele, né? E aí eu fui assistir, eu falava, porra, eu podia fazer isso aí, cara, eu ia me dar bem. Se eu fizesse isso aí.

[...] Eu sempre penso assim, eu ia me dar bem no mestrado, mas aí uma pessoa falou assim pra mim: “Viu, você tem que passar pela universidade, senão você não vai fazer mestrado”. Eu falei: “ah, é verdade, tem a universidade, né?” Então, assim, entre eu e o mestrado tem a universidade. Então eu preciso me... sabe, me convencer de que eu preciso fazer essa universidade, e aí eu fazia um curso de gestão pública que eu estava indo super bem, estava belezinha. Fiz quase dois anos e meio. E aí eu gostei, aí vem com a pandemia. A minha mãe foi e ficou doente. Aí eu fui deixando. (Veridiana, 48 anos).

Se o acesso e a permanência na educação superior já são permeados por obstáculos, estes se tornam ainda maiores quando se trata da pós-graduação. Conforme apontado por Cordeiro (2021), o racismo continua presente em uma sociedade marcada por desigualdades na distribuição de oportunidades.

Corroborando com o pensamento de Cordeiro, a declaração de Veridiana sobre sua experiência acadêmica durante a pandemia também reflete a realidade descrita por Leite (2020), que aponta a COVID-19 como uma pandemia que evidencia as desigualdades de classe, gênero, sexualidade e raça/etnia. A citação de Veridiana sugere os desafios intensificados para acessar e concluir o ensino superior, especialmente durante a pandemia.

Mbembe (2020) sugere que a pandemia revelou algo mais complexo do que o próprio vírus e suas mutações: a urgência de reconhecermos nossa interdependência com a biosfera como condição para nossa existência neste planeta. É o humano restituído à humanidade. Em outras palavras, pulmões que já trabalhavam em condições de toxicidade em ambientes marcados pelo preconceito racial, de classe e de gênero, afetando corpomaterialmente vidas consideradas marginais (Górska, 2010), agora enfrentavam mais um desafio de sobrevivência. A COVID-19 expôs a necropolítica, que decide quais vidas podem ser vividas e quais podem ser sufocadas (Butler, 2011).

Segundo Butler (2011), a precariedade como parte da condição humana não é igual para todos, ou seja, há vidas mais precárias do que outras. Portanto, ao considerarmos o corpo, é essencial levar em conta o contexto social, pois a compreensão é impossível sem considerar esses aspectos. Assim, quando Veridiana menciona a impossibilidade de continuar seus estudos superiores devido à pandemia, ela evidencia a desigualdade nas condições e oportunidades oferecidas pelos estudos nas universidades. Ainda na seara da Educação, Veridiana prossegue:

[...] A gente começou a falar sobre isso, né [referência à terapia]. E aí o [terapeuta] falou: “Olha para você, olha para essa imagem, essa imagem que você faz nesse lugar e veja se você cabe nesse lugar” [mestrado]. Continuou: “Qual que é o seu problema, entendeu?” Porque eu sempre tive muito medo de fazer errado. Eu tinha 15 anos e falei pra minha mãe: “eu não vim aqui pra fazer errado.” Aí minha mãe falou assim: “aí você vai fazer tudo certo”. Eu falei: “vou, tá”. Então assim, eu... eu, eu tenho um esforço pessoal, né, muito grande de fazer as coisas certas.

[...] Não sei o que dizer assim... Tem gente que fala que isso é coisa de outras vidas, que eu já fiz muita cagada no passado, entendeu? Então que nessa aqui eu vim pra fazer certo, nessa aqui eu vim pra acertar, mas eu também tenho percebido que fazer certo é uma questão de ponto de vista [...]O que eu não posso ser é esnobe. O que eu não posso ser é mau caráter, né? Sim, todas as outras coisas, é uma questão de circunstância, né?

Ao lado das dificuldades de ingresso e permanência no ensino superior, existe também a pressão sobre os ombros da mulher, que muitas vezes acredita não ter o direito de errar. Durante suas sessões terapêuticas, Veridiana parece ser convidada a refletir sobre a possibilidade de também ingressar na universidade e em um programa de mestrado.

No diálogo entre Veridiana e seu terapeuta, o questionamento sobre os espaços que podem ser ocupados encontra ressonância nas palavras de hooks (2019):

Ao longo de grande parte da minha carreira na pós-graduação, disseram-me que eu não tinha a postura adequada de uma estudante de pós-graduação. Em um curso de pós-graduação, a mulher negra na minha frente, que também estava sujeita à agressão racista e machista, falou que eles diziam que ela não era tão esperta quanto eu, mas que sabia o lugar dela. Eu não sabia o meu lugar. (hooks, 2019, p. 120)

Qual postura é adequada para uma estudante de graduação e pós-graduação, cujo espaço é também um lugar de expressão? Esse “não lugar”, conforme descrito pela autora, não apenas coincide com a dúvida de Veridiana sobre a possibilidade de ingressar no mestrado, mas também com o medo de cometer erros, sob o risco de ser julgada. Ao mesmo tempo, Veridiana parece tentar superar o incômodo pela busca pela perfeição, que a impede de aceitar seu direito de errar: “*O que eu não posso ser é mau caráter, né? Sim, todas as outras coisas, é uma questão de circunstância, né?*”

Nesse contexto, à luz de Fanon (2020), parece haver uma “uma alienação de si e uma alienação cultural à medida que os valores dominantes impostos são absorvidos, internalizados, vividos e reproduzidos” (Ambrósio; Silva, 2023, p. 4), levando a uma abertura não para o próprio desenvolvimento, mas para a limitação imposta pelo outro. Na imposição dessa limitação ao outro, também há a invisibilidade sufocante ou a distorção da imagem desumanizadora, como aponta Neusa Souza (2021, p. 27), cujo lugar “natural” é o irracional, o feio, o ruim, o sujo.

E se eu fosse uma mulher branca? Eu ia estar passando por isso ou passaria por isso, mas passaria por isso com menos dificuldade. Certamente, se eu fosse uma mulher branca e lésbica, eu passaria por isso, passaria, mas também com menos dificuldades. Então, eu também nunca procurei é... pensar muito nessa história de ser lésbica.

Porque aí, assim, negra, lésbica, gorda, mãe solo, não sei o quê... Não dá, né? Não dá pra carregar tudo isso aí. Então aqui vamos carregar só a mulher negra.

Então, para mim, ser uma mulher lésbica não é algo pesado. Ser lésbica é parte de quem eu sou, da mesma forma que ser negra. Não é? Mas ser negra é pesado, não porque eu seja pesada, mas porque vivo em uma sociedade racista, né? Então, ser lésbica não precisa ter o mesmo peso. Tem um peso, sim, mas é um peso que consigo carregar tranquilamente. Então, eu acho que essa questão de ser uma mulher lésbica está muito mais relacionada ao amor, sabe, às relações, o quão mais fácil é lidar com mulheres, não é? É mais fácil conversar com uma mulher, você sabe? Se você precisa falar sobre um problema, se precisa expressar um sentimento, não é?

Se eu não me colocasse nesse lugar, eu não estaria defendendo as pautas desse lugar [referência às lutas LGBT's]. Eu dizia a ela: “Mano, esse lugar

não é nem o lugar que conheço tão profundamente. Eu sei que há pautas a serem defendidas, sei que há preconceito, mas antes de ser lésbica... eu sou negra”.

No discurso de Veridiana, o corpo que carrega múltiplos marcadores enfrenta o desafio de não sobrecarregar a lesbianidade como um fardo adicional. Imersa em uma sociedade em que o racismo cotidiano estabelece um contínuo de violência (Kilomba, 2019), ela questiona se sua realidade seria diferente, ao mesmo tempo em que se encontra inserida nas discussões sobre as questões de gênero nas lutas LGBT:

Assim como mulheres negras são muitas vezes obrigadas a responder as perguntas o que é mais importante: o movimento feminista ou a luta pela libertação negra? Os direitos das mulheres ou os direitos civis? O que você é primeiro: negra ou mulher? Pessoas gays enfrentam questionamentos similares. Você se identifica mais com a luta política de sua raça ou de seu grupo étnico ou com a luta pelos direitos gays? Esta questão não é simples. E para algumas pessoas ela é levantada de tal modo que as obriga a escolher uma identidade em detrimento de outra. (hooks, 2019, p. 254)

Veridiana é solicitada a se posicionar em relação à sua orientação sexual, e sua resposta revela que ela já está envolvida com sua condição racial. Segundo ela, “a necessidade de equiparar a experiência gay à experiência negra como opressões sinônimas parece ser algo que surge muito mais nas mentes de pessoas brancas” (hooks, 2019, p. 256). Portanto, através de sua voz, Veridiana nos mostra que os desafios enfrentados pela mulher negra sempre ocorrem fora do contexto de sair do armário, como esclarece hooks: “ninguém pode esconder, mudar ou mascarar a cor da pele escura” (hooks, 2019, p. 256), pensamento este que dialoga com o título do capítulo dedicado a Veridiana.

Diante dessas experiências, surge a questão sobre a saúde mental de Veridiana e seus efeitos na respiração. A ansiedade, por exemplo, pode se manifestar de diversas formas, incluindo aumento da pressão arterial, aumento dos batimentos cardíacos e sudorese, sendo desencadeada por várias situações, como pressões no trabalho, experiências de violência ou luto (Dalgalarrodo, 2008; Myers, 2006), bem como vivências de discriminação e preconceitos (Frost; Lehavot; Myer, 2015). Podemos identificar estas questões na da fala de Veridiana:

É, tive há uns anos, eu tive um pico de pressão. Que aí eu fui no posto, precisei fazer... medir a pressão, todos os dias, mas eu não sei dizer pra você exatamente o que estava acontecendo, tá? Quando a minha mãe morreu, foi muito difícil pra mim. E aí o médico é, ele falou. Ele falou, viu? “Precisa de um remédio”, e aí eu falei que eu não ia tomar, porque eu não ia tomar porque eu passei mal, assim, tive uma crise, um negócio esquisito que o meu coração começou a bater, não conseguia respirar. E aí eu não sabia que estava acontecendo.

[...] “Pelo amor de Deus, que está acontecendo comigo”. Ela me deu. Acho que 3 gotinhas de Rivotril. E aí deu uma baixada e aí depois eu comecei... Ela me deu mais 2 e aí eu passei o dia assim, largada [...] E na semana passada, eu tive de novo o pico de pressão, tá, mas foi por conta da situação do meu trabalho. E aí, naquele momento eu não consegui entender que era por causa disso, né? Porque eu não tenho problema de pressão, nunca tive. Né? Apesar do meu pai, meus tios, a família toda do meu pai tem.... Tem problema de pressão. E aí eu fiquei com medo, tá? Porque eu falei... Não sei. E aí eu fui no posto, falei com a enfermeira. A enfermeira marcou médica, que é a mesma médica do meu pai e que é a mesma médica da minha mãe que tratou. Faz mais de 20 anos que ela trata eles no posto. E aí a doutora perguntou, como é que eu estava ficando... E aí me deu um negócio assim, uma sensação, e aí falei para ela que eu não gosto de ficar doente, eu... Não gosto de ficar doente, não gosto de nada... que eu tenho filho, e se acontecer alguma coisa comigo sem a minha mãe? O que é que vai ser do Antonio? E aí? E ela falou “viu? Todo mundo tem isso, toda mãe tem isso. Isso aí é uma crise de ansiedade. Então você respira porque você está bem, seu filho está bem e você não vai morrer porque ninguém morre assim”. A gente fala assim “oh, se acalme”, né? E aí dei uma chorada e aí fui trabalhar e aí não tive mais nada. Então é o tomar remédio, e as crises de ansiedade... eu percebo que é quando eu estou vivendo um momento de alta tensão. Quando o negócio está, está muito... aí meu corpo grita sim, porque quando ele grita é porque ele já não... ele já não dá conta mais de desfazer. E aí é quando eu paro é, é o que eu tenho de sensações de ansiedade. São nesses momentos, assim como não está... a pressão está demais, quando eu estou passando por um momento de muita tensão, de muita pressão, de não saber exatamente o que está acontecendo, o que é que eu tenho que fazer? Aí eu, a minha pressão sobe.

[...] Quando você perguntou essa coisa da ansiedade, é? Nenhum desses episódios... Eles têm relação, [tem] a ver com a minha orientação sexual. Eu acho que aqui, falando com você, a minha orientação sexual é o que menos me traz problemas ou desgostos ou desconfortos. Ou se trouxe, eu não consegui perceber porque eu estava... estava bem à vontade com ela [orientação sexual], acho que é isso.

A ansiedade se manifesta em Veridiana através do aumento da pressão arterial e da aceleração dos batimentos cardíacos, sintomas que a levaram a buscar atendimento médico. Em seu relato, a preocupação com sua saúde se une à angústia em relação ao seu filho, caso algo lhe acontecesse. É fundamental possuir condições mínimas para cuidar de alguém, o que inclui o autocuidado, levando Veridiana a reconsiderar a possibilidade de seguir o tratamento proposto, mantendo o uso da medicação até os dias atuais.

Embora seja atribuída à mulher a função de cuidadora (Rich, 2010), é importante reconhecer que nem todas enfrentam os mesmos desafios, já que o sexismo representa um sistema de dominação institucionalizado, e ser oprimido implica em uma falta de escolhas disponíveis (hooks, 2019). As opções são limitadas para pessoas negras, em uma sociedade marcada pela hegemonia branca (Souza, 1990).

Apesar de o relato de Veridiana não esclarecer se sua preocupação com o filho decorre da falta de uma rede de apoio ou se ela se sentia obrigada a dar conta, devido à sua condição de mulher, a pressão no peito já estava presente. Veridiana deixa em evidência, no entanto, que suas crises de ansiedade não estão relacionadas à sua orientação sexual. Em suas percepções subjetivas, a sua sexualidade não está entre suas principais preocupações”

5.4 ZONAS DE RESPIRO

Quando Veridiana declara que ser lésbica não lhe traz sofrimentos adicionais, é possível pensar que sua própria fala já configura uma zona de respiro.

Então, eu não sou do candomblé, tá? Mas eu frequento uma casa de candomblé porque meu filho é do candomblé, tá? Quem tem obrigação é o candomblé. Na minha casa, é o meu filho.

E havia também essa relação do espiritismo com o candomblé, e eu sempre convivi muito bem com isso, nunca me importei. Porque eu sempre penso, sabe, Simone, lá em cima, todo mundo se dá bem. Jesus, Exu, Pombagira, Santo Antônio, eles... todos se dão bem, todos se conhecem, todos trabalham juntos. Quem faz confusão somos nós, que estamos aqui embaixo.

Mas também cheguei a este momento da minha vida em que, assim, esta semana o terapeuta falou para mim: “é, você precisa dar conta da sua vida agora”. Eu disse: poxa. Eu sempre dei conta da minha vida. Criei meu filho, que agora tem 14 anos, está vivo, criei, não é possível que eu não dê conta da minha vida. Então o terapeuta falou: “você sempre deu conta da sua vida porque sempre fez o que tinha que ser feito. Neste momento, você precisa dar conta do seu desejo. Você vai precisar bancar o que você quer fazer”. Eu disse: “pobre pode?” E aí ele ficou bem sério. Porque eu faço umas piadas. Põe o pé que Deus põe o chão, isso eu estou, eu estou nessa fase assim, isso sim, eu estou pondo o pé. Não sei exatamente onde, mas estou pondo o pé, entendeu? E aí, quando você veio, né? Com essa pesquisa, com a entrevista sobre ser lésbica, não sei por que pensei, acho que pode ser uma boa ideia, porque também é. É uma forma de eu me escutar, né? Escutar a minha própria trajetória, né? E isso também pode ser aí uma cura, uma possibilidade, né? E ser lésbica para mim é igual ser negra, tipo assim, eu sou.

Diante do seu terapeuta, Veridiana questiona se “pobre pode” (sic), fazendo referência à realização de seus desejos. Embora tenha adotado um tom jocoso, parece buscar validação. Segundo a estudiosa Juciara Santos (2018), a constante restrição imposta às pessoas negras em relação às oportunidades de consumo, escolha e ocupação de carreiras prestigiadas e cargos valorizados acarreta em consequências negativas. A desqualificação e inferiorização social levam à internalização do julgamento discriminatório, resultando em desistência ou perda de confiança nas próprias habilidades, o que, em seu discurso, representa a pergunta feita ao terapeuta.

No âmbito da religiosidade, conforme a estudiosa Lugones (2014), a imposição do cristianismo como padrão a ser seguido enquanto crença serviu aos propósitos de epistemicídio cultural durante a colonização, ao estabelecer a figura de um deus branco. No discurso de Veridiana, a revelação de um aparente *continuum* de pertencimento, representado pelo candomblé, onde as entidades espirituais convivem harmonicamente sem distinção, é evidenciada.

Por fim, ao aceitar o convite para participar desta pesquisa como uma oportunidade de ser ouvida em sua própria história, Veridiana encontra em hooks (2017) a força para transformar os silenciamentos em conexões com outras mulheres. Nos encontros com a religião, na sala do terapeuta, na entrevista concedida para esta pesquisa, Veridiana, num movimento de tecitura, forma seu território de respiração. Seu discurso parece revelar a urgência de lidar com seus desejos e, num ato de fé, colocar o pé no chão, confiando que Deus lhe dará, desprendendo-se do que não lhe serve mais. Em diálogo com Anzaldúa (2015), Veridiana parece abrir-se para uma nova consciência, *mestiza*, como mulher, lésbica, negra, como ela é.

CAPÍTULO 6

(des)encontros: Vitória, Valentina, Veridiana

Neste capítulo, as histórias das três mulheres entrevistadas se entrelaçam, destacando seus desafios e conquistas, marcados pela vivência compartilhada de gênero e orientação sexual. No entanto, esse encontro se desdobra em uma encruzilhada representada pelos caminhos da religião, situação econômico-social, saúde mental e racismo, cujas trilhas indicaram o caminho de uma análise interseccional.

Como lésbicas, essas mulheres compartilham não apenas o gênero e o desejo, mas também são individualmente atravessadas, cada uma a seu modo, por questões raciais, manifestações de fé e poder aquisitivo. Djamila Ribeiro (2018, p. 45) argumenta que “as mulheres são oprimidas de formas diferentes, tornando necessário discutir gênero com recortes de classe e raça, levando em conta as especificidades de cada uma”. À luz desse pensamento, este capítulo buscou explorar a interseccionalidade na análise das trajetórias dessas mulheres, especialmente considerando uma escuta atenta e respeitosa ao “lugar de fala” (Ribeiro, 2019) de cada uma delas.

De acordo com as narrativas apresentadas, Vitória, de 35 anos, foi a primeira a ser entrevistada nesta pesquisa e desde cedo questionou sua sexualidade. Aos doze anos, perguntou à mãe sobre o risco de ir para o inferno, lembrando com detalhes: “*Foi interessante o jeito que contei pra minha mãe porque ela estava lavando roupa e lembro que cheguei com doze anos, do lado dela, e falei assim: ‘Mãe, eu vou pro inferno?’*”. Valentina, de 39 anos, por outro lado, percebeu diferenças em sua sexualidade ao atingir a maioridade. Devido aos valores religiosos enraizados em sua família, optou pelo casamento: “*Eu me casei, né? Com um homem. Fui ter contato realmente na minha vida adulta, quando percebi que não estava suportando mais estar naquele relacionamento, naquela vida que tinha colocado para mim viver, né?*”. Já Veridiana parece ter consciência de sua sexualidade desde a infância. Com todas estas vivências e descobertas, parece que um elemento aparece fortemente nos relatos das entrevistadas.

Para Veridiana, cuja crença é baseada no Candomblé, a religião não pareceu ter afetado negativamente sua vida, enquanto para Vitória e Valentina, pertencentes a famílias católica e evangélica, respectivamente, as alusões ao inferno são compartilhadas como forma de punição dos pecados, incluindo a homossexualidade. Partindo de suas falas, é interessante notar que a religião, presente na vida das três, parece ter influenciado de maneiras distintas as suas histórias.

Na sua trajetória, antes de encontrar no espiritismo um local de exercício mais livre de sua fé e sexualidade, Vitória visitava templos evangélicos que lhe prometiam a chamada “cura gay”¹¹. A prática de um certo acolhimento com propósitos “curativos” parece ser utilizada sob a roupagem de uma falsa aceitação, isto é, de uma “homofobia cordial”, tal como explicado a seguir:

Estratégias convergentes com a homofobia cordial, mas dotadas de efeitos muito distintos, costumam comparecer em práticas religiosas voltadas para o cuidado pastoral junto a fiéis. Uma forma particularmente insidiosa de homofobia pastoral poderia ser identificada na perspectiva evangélica de “acolhimento” aos homossexuais, sustentada por certas iniciativas religiosas, que incorpora pessoas LGBT aos cultos, visando ao seu engajamento em um projeto de regeneração moral, pela libertação do homossexualismo¹². (Natividade; Oliveira, 2009, p. 129)

Essa abordagem parece envolver as pessoas LGBT em cultos evangélicos com o objetivo de induzi-las a participar de um processo de transformação moral-espiritual, visando à regeneração do que a igreja considera como degenerado, uma espécie de exorcização dos desejos indesejáveis, relacionados à sexualidade ou não. O abandono por um Deus que castiga homossexuais, compartilhado por Vitória, é explicitado em sua fala: *“A religião era muito, muito, muito forte para mim, então era medo mesmo de Deus não me amar depois do momento que eu quebrasse o vínculo.”*

Valentina, por sua vez, também vive o mesmo medo do abandono divino. Começa falando da angústia entre o prazer de tocar um instrumento musical e o desejo de tocá-lo fora dos muros da igreja: *“Sempre gostei da música, dos instrumentos que a igreja tinha, gostava dos momentos, do canto da igreja... eu queria conhecer lugares, sabe? Eu queria dançar, eu queria... eu amo a música.”* Paralelamente, de modo similar, como um comportamento que se repete, ela tenta manter-se em um casamento heterossexual, também por respeito às tradições cristãs.

¹¹ A “cura gay” é um termo controverso que se refere a tentativas de alterar a orientação sexual de uma pessoa de homossexual ou bissexual para heterossexual. A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a orientação sexual uma característica natural da diversidade humana e classifica as tentativas de alterar a orientação sexual como ineficazes e potencialmente prejudiciais. O Conselho Federal de Psicologia no Brasil proíbe que psicólogos pratiquem ou ofereçam terapias de conversão, considerando-as antiéticas e cientificamente infundadas. Conselho Federal de Psicologia. (1999). Resolução CFP nº 001/1999.

¹² O autor utiliza o termo “homossexualismo” que já foi amplamente criticado e caiu em desuso, uma vez que o sufixo “ismo” pode conotar uma patologia. Atualmente, o termo corrente é “homossexualidade”, que se fere ao “modo de ser” (ABGLT, 2015, p. 10).

A igreja evangélica, tal como apontado por Natividade e Oliveira (2009), é colocada na posição daquela que é capaz de restaurar a moral, realizar a salvação e cura espiritual e, assim, manter o amor de Deus pelas pessoas. Por conseguinte, caso não sigam seus preceitos, os seus fiéis, tais como Valentina e Vitória, poderiam enfrentar a rejeição divina. Esse temor aparece em alguns momentos das suas entrevistas.

Nesse movimento em busca da anuência de bênçãos nas igrejas cristãs realizado por Vitória e Valentina, em outra direção, Veridiana luta, não pela aceitação da igreja, mas pela sua sobrevivência econômica e social em uma sociedade racista. Enquanto ela parece estar em estado de paz com sua fé candomblecista¹³ em relação a sua orientação afetivo-sexual, ela ressalta que é “uma lésbica negra”, o que a faz viver outros tipos de discriminação e especificidades de experiências. Ela destaca que era responsável pelos cuidados com a mãe, até seu falecimento, e ainda é pelos cuidados com o filho, em uma situação econômica mais difícil. Evidencia-se, em sua entrevista, um sentimento de lamento por não ter podido concluir o ensino superior. Desse modo, Veridiana enuncia sua condição da seguinte forma: *“Então, pra mim, ser uma mulher lésbica não é pra ser pesado, porque ser lésbica é quem eu sou, do mesmo jeito que eu sou negra. Mas assim, ser negra é pesado, não porque eu sou pesada, mas é porque eu vivo numa sociedade que é racista sim, né?”*

Diante das experiências distintas de cada entrevistada em relação à religião, as palavras de Veridiana reforçam a importância do olhar interseccional, cujas experiências convergem para o pensamento de Anzaldúa (2009, p. 1): “quando uma lésbica me nomeia o mesmo que ela, ela me subsume sob sua categoria. Eu sou de seu grupo, mas não como uma igual, não como uma pessoa inteira – minha cor apagada, minha classe ignorada”. Anzaldúa, enquanto chicana, acrescenta outra dimensão, além da raça, que é a classe social, a situação econômica-social. Essa categoria também impacta as experiências individuais e coletivas, como verificamos nos discursos das entrevistadas.

As vidas de Vitória, Veridiana e Valentina são atravessadas pela questão de classe social e racial, uma estrutura econômico-racial que influencia profundamente os movimentos de

¹³ Milton Silva dos Santos explora as percepções e atitudes do povo-de-santo (praticantes de religiões afro-brasileiras, como o candomblé) em relação à homossexualidade. Em seus estudos, observa que o candomblé, uma religião afro-brasileira, é tradicionalmente inclusiva e respeitosa em relação à diversidade sexual. No entanto, ele também aponta que ainda existem aspectos dentro da religião que refletem influências externas, especialmente da moralidade cristã. Como resultado, há uma pressão contínua para que as categorias de gênero (homem/mulher) e as características associadas (masculino/feminino) se alinhem às expectativas sociais tradicionais (Santos, 2008). Portanto, indica-se a necessidade de explorar em outras pesquisas esta relação entre gênero, homossexualidade e religiões de matriz africana.

liberdade dessas três mulheres de distintas formas. Vitória, que se identifica como de classe social baixa, por exemplo, enfrentou a ameaça de ser expulsa de casa por causa de sua orientação sexual e, aos dezessete anos, mudou-se para a casa da namorada que a acolheu, levando apenas seus pertences em uma Kombi, sendo lançada uma certa vulnerabilidade econômica que a fez seguir para a busca de autonomia financeira. Já Veridiana, por sua vez, enfrentou dificuldades para manter-se nos estudos enquanto precisava sustentar seu filho, impactando, assim, na sua formação profissional e trabalho, o que lamenta e o que a faz retornar para alternativas de subsistência econômica: *“Aí voltei, fazia comida, tudo de novo, entendeu? Então é... então, eu nunca consegui ir na universidade. Na verdade, eu fui várias vezes, mas eu não terminei nenhuma delas, né?”*

Essa análise demonstra como a interseccionalidade entre raça, classe e orientação sexual influencia a vida dessas mulheres, mostrando a importância de se considerar essas múltiplas dimensões ao abordar questões relacionadas à identidade e à vivência de mulheres lésbicas. Valentina, que se identifica como branca, quando comparada a Veridiana e Vitória, apresenta certa estabilidade socioeconômica. Residindo em sua própria casa, tem um trabalho que a remunera satisfatoriamente. Por outro lado, para se manter empregada e minimamente estável financeiramente, relata que era preciso ocultar sua identidade sexual, como enunciou em sua fala: *“Ninguém sabia do meu trabalho, ninguém sabe. Realmente era uma menina solteira que ia lá”*.

No local onde trabalhava, um dos fatores que parece ter oferecido proteção a Valentina era sua forma de se expressar, de se vestir e os seus gestos, que a faziam ser reconhecida socialmente como feminina e heterossexual – possibilitando o controle da epistemologia do armário no ambiente de trabalho. No entanto, Valentina foi forçada a revelar sua identidade lésbica – a sair desse armário – por meio de uma foto divulgada nas redes sociais, quando celebrava seu noivado com sua companheira, que resultou na perda de sua fonte de sustento financeiro, sendo demitida de seu emprego. Segundo ela narrou: *“Olha, você está sendo dispensada exatamente porque viram sua foto com a sua noiva brindando. Eu até ainda brinquei na hora falando não, gente, não é, né não?”*

Conforme o pensamento de Larissa Batista da Silva e Lara Brum de Calais (2019, p. 152), *“as identidades e os atravessamentos culturais sobre o que é ser mulher na sociedade refletem-se nos discursos sobre feminilidade e o que é considerado feminino, circunscrevendo determinados corpos a ocuparem esse lugar”*. Em outras palavras, a feminilidade é heteroimposta como condição para o reconhecimento e validação do gênero. Nesse sentido,

tanto Valentina quanto Veridiana compartilham da mesma condição a qual Vitória rompeu ao atravessar essa fronteira.

A contradição autoimposta por Valentina ao viver sua sexualidade com um homem é compartilhada por Veridiana, que também manteve um relacionamento heterossexual com o homem que se tornaria o pai de seu filho. Vitória se afasta da heterossexualidade compulsória com mais liberdade. Ela não apenas desafia os padrões de feminilidade com suas vestimentas e corte de cabelo, mas também se muda para a casa de sua namorada ainda na adolescência, destacando: “*quase todo mundo era mandado embora de casa quando era gay naquela época, né*”. No entanto, o fato de Vitória viver com a namorada também é uma questão de sobrevivência, pois sua situação financeira não lhe oferecia outras opções de existência.

Enquanto Vitória rompe com os padrões da cultura que define o comportamento feminino, abandonando o artefato que protegia sua identidade, Veridiana não tem sequer esse recurso, pois mesmo tantas vezes se protegendo no armário, ele ainda revela a sua cor. Como hooks (2010, p. 1) observa, “nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, feridos até o coração, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e, conseqüentemente, de amar”. Para Veridiana, o marcador da raça acentua sua vulnerabilidade social em comparação com Vitória e Valentina. Dentro dessa vulnerabilidade demarcada pelo gênero e pela sexualidade, categorias identitárias compartilhadas pelas três mulheres, as convergências são assimétricas devido aos deslocamentos em busca de zonas de respiro, ancoragem e apoio. Por assimetria, refiro-me às condições de classe, raça e religiosidade.

Assim, a branquitude é o privilégio da cor que beneficia uma mulher em detrimento da negritude de outra. Quando me refiro ao privilégio da branquitude, estou falando das vantagens que as pessoas brancas, como eu, recebem simplesmente por causa de sua cor, muitas vezes imperceptíveis para quem as possui, pois estão incorporadas nas estruturas sociais, políticas e econômicas da sociedade, conforme sustenta o seguinte pensamento: “mesmo em situação de pobreza, o branco tem o privilégio simbólico da brancura, o que não é pouca coisa” (Bento, 2002, p. 1). Gonzalez (2018, p. 46) é ainda mais enfática em sua abordagem:

Sem se aperceberem, elas são manipuladas, não só como objetos sexuais, mas como provas concretas da “democracia racial” brasileira; afinal, são tão bonitas e tão admiradas! Não se apercebem que constituem uma nova interpretação do velho ditado racista: preta pra cozinhar/ mulata pra fornicar/ e branca pra casar.

Em consonância com Gonzalez, as vozes de outras duas feministas que discutem a desconstrução da falácia de um Brasil democraticamente racial:

As pressões históricas do movimento negro e movimento de mulheres negras fizeram com que o então presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-1998; 1999-2002) assumisse publicamente que o Brasil é um país racista, rompendo com discursos governamentais que enfatizavam uma democracia racial, como se todas as pessoas convivessem harmoniosamente no país. (Cordeiro; Auad 2021, p. 4)

Reconhecer o Brasil como um país racista, se não repara séculos de injustiças, ao menos desmascara as desigualdades encobertas pela ilusão da harmonia, enquanto a discriminação e o preconceito permeiam a sociedade. O impacto da cor preta no corpo da mulher agrava as práticas discriminatórias, conforme Kilomba (2019). Quando adicionamos a essa realidade a homossexualidade e o elemento socioeconômico, a condição de vulnerabilidade se torna ainda maior. De acordo com Patricia Hill Collins (Nascimento; Collins, 2020), embora o racismo afete todas as pessoas negras, as disparidades econômicas dentro das comunidades negras também são significativas e precisam ser consideradas ao se analisar as diversas realidades.

Peço licença para também trazer, na voz da saudosa cantora brasileira Elza Soares, a denúncia em forma de testemunho de uma realidade compartilhada por mulheres negras. A canção é de autoria de Seu Jorge, Marcelo Yuka e Ulisses Cappelletti:

A carne mais barata do mercado
É a carne negra
(Tá ligado que não é fácil, né, mano?)
Se liga aí

A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra

(Só-só cego não vê)
Que vai de graça pro presídio
E para debaixo do plástico
E vai de graça pro subemprego
E pros hospitais psiquiátricos

A carne mais barata do mercado é a carne negra
(Dizem por aí)
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
Que fez e faz história

Segurando esse país no braço, meu irmão
O cabra que não se sente revoltado
Porque o revólver já está engatilhado
E o vingador eleito

Mas muito bem intencionado

E esse país vai deixando todo mundo preto
 E o cabelo esticado
 Mas mesmo assim ainda guarda o direito

De algum antepassado da cor
 Brigar sutilmente por respeito
 Brigar bravamente por respeito
 Brigar por justiça e por respeito (pode acreditar)

De algum antepassado da cor
 Brigar, brigar, brigar, brigar, brigar
 Se liga aí
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 (Na cara dura, só cego que não vê)

A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 (Na cara dura, só cego que não vê)
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 (Tá, tá ligado que não é fácil, né, né mano?)

Elza Soares
 (Yuka; Jorge; Cappelletti, 2002, faixa 2).

Assim, as narrativas de Vitória, Valentina e Veridiana evidenciam como as vivências de gênero e orientação sexual são indissociáveis dos contextos de raça, classe social e religião. A perspectiva interseccional revelada nas entrevistas destaca que ser mulher lésbica não é uma experiência homogênea, mas sim multifacetada, influenciada por diversas formas de opressão e resistência. As diferentes experiências socioeconômicas também moldam as possibilidades e os desafios enfrentados por cada uma. Valentina, com uma maior estabilidade financeira, encontra-se ainda forçada a ocultar sua identidade para manter seu emprego, enquanto Veridiana, lidando com discriminação racial e uma situação econômica mais precária, expressa um lamento pela interrupção de seus estudos e pelas dificuldades em sustentar sua família.

A análise da interseccionalidade demonstra que as opressões vividas por essas mulheres não podem ser compreendidas isoladamente. Ao contrário, é preciso considerar a complexa teia de relações sociais que influenciam suas vidas. Por fim, reforça-se a necessidade de uma abordagem interseccional para compreender plenamente as experiências de mulheres lésbicas, destacando que suas lutas e resistências são moldadas por múltiplas camadas de opressão e privilégio. A vivência compartilhada de gênero e orientação sexual, apesar de comum, é atravessada por contextos específicos de raça, classe social e religião, que moldam de maneira singular as trajetórias de cada uma das entrevistadas.

6.1 COLCHA DE RETALHOS E A UNIÃO DAS SUAS EMENDAS

Os costumes que carregamos são ancestrais, compondo nosso eu, como uma tapeçaria tecida por histórias e valores transmitidos através das gerações. Vitória, Valentina e Veridiana fazem parte dessa colcha de retalhos, cada uma contribuindo com suas vivências e significados que moldam suas experiências. Essa colcha de retalhos é unida pelos fios da cultura familiar à qual pertencemos. A família não é apenas um elo genético, mas um refúgio onde compartilhamos nossos sonhos, medos, frustrações e conquistas. Ou não.

Vitória, apesar de ter mantido um bom relacionamento com a mãe, foi a que mais enfrentou o preconceito em relação às mulheres da família. Seu direito legítimo de pertencimento era condicionado à adoção de um comportamento que ia contra sua subjetividade, representando uma ameaça à sua existência plena: “*Vitória, pare de sair com mulher, isso é pecado*”, disse minha outra tia. “*Se você vier com sua namorada aqui, eu não quero, entendeu?*”

Segundo Modesto (2010), o contrato fiduciário que rege a sexualidade familiar subentende a heterossexualidade como cláusula irrevogável. Por outro lado, as religiões evangélicas oferecem acolhimento sob a ilusão da cura para o pecado (Natividade, 2006). Assim, Valentina também enfrentou questões familiares, pois, embora a religião tenha sido o fator mais relevante, a própria religiosidade estava a serviço da manutenção da estrutura familiar.

Conforme Sedgwick (2017), as normas sociais presentes em uma família moldam as identidades e experiências das pessoas homossexuais, pressionando-as a se adequarem aos padrões da heterossexualidade. A estudiosa exemplifica com pessoas de origem judaica, que podem ser vítimas de preconceito, mas pertencem a famílias igualmente judaicas, que podem acolhê-las e defendê-las. O mesmo não ocorre com gays ou lésbicas, cuja referência familiar é quase sempre inexistente, o que pode contribuir para a existência da homofobia familiar. (Modesto, 2010).

Veridiana, imersa em uma realidade que exigia atenção à sua sobrevivência e à de seu filho, não deixou de cuidar de sua mãe. Ela viveu seus amores de forma única, sem necessariamente escondê-los ou revelá-los. É como se estivesse em um armário revestido com cortinas de voal, que encobrem parcialmente o ambiente interno.

Passam-se algumas décadas sem que Veridiana mencione sua identidade lésbica. Então ela rompe o véu, revelando à mãe seu amor por mulheres. Esse ato de revelação possui uma qualidade de confissão, uma confissão dos “deveres cumpridos”: “*e eu falei para ela: ‘Olha, já*

casei, já te dei seu neto. Eu já vim embora para cuidar de você. Então, eu já fiz tudo o que precisava quando fiz 40 anos. Já fiz tudo o que precisava. Então, vou namorar a Laura, estou apaixonada e vou ver isso, ok? ”

Algo semelhante ocorre com Valentina, que também parece fazer uma entrega de suas obrigações, como condição para validar um novo caminho: “[...] ‘eu não quero mais estar no casamento’. Ela disse, ‘É, mas tem que ter paciência’. Aquela conversa de sempre. Casamento é assim mesmo e tal, eu falei: ‘Mas não é por isso. Eu não gosto mais do [marido de Valentina], como homem, na verdade, que eu nunca gostei. Eu acho que eu gosto de meninas’ e foi assim mesmo, né? Nesse nível de conversa ela olhou pra mim assim e falou, ‘eu já imaginava mesmo’. Mãe sempre sabe, essa foi a resposta da minha mãe naquele momento.”

A inversão do aprisionamento nas palavras de sua mãe, que colocam Valentina como a detentora das chaves da liberdade, ignora a realidade do armário que também tem trancas do lado de fora. Naquele instante, Valentina era a liberta.

Vitória rompeu com as amarras do armário aos doze anos de idade, enquanto Valentina e Veridiana já haviam percorrido três décadas de existência. A primeira, ao manter-se fiel aos preceitos religiosos e em um casamento heterossexual, cuidou moralmente dos pais. A segunda deu um neto à mãe e lhe prestou cuidados físicos. Essas realidades mostram que mulheres de diversas origens étnico-raciais, de classe e de orientação sexual lançam luz a perspectivas únicas e valiosas, a partir de seus locais, moldando seus saberes sobre o mundo, ao mesmo tempo que a vigilância sobre nossa sexualidade, enquanto mulheres, parece implacável. Desde o silêncio da fala até o silenciamento do sentir, é atribuído às mulheres o papel de servir, como destacado por algumas autoras:

Falar sobre a sexualidade feminina é tornar público uma pauta que até o final do século XX foi ignorada nas reuniões familiares e até mesmo nas conversas particulares entre mães e filhas, dado que às mulheres foi designado a papel de bela, recatada e do lar, a quem não cabia falar, demonstrar ou até mesmo sentir algo relacionado ao sexo, a menos que fosse com alguém do sexo oposto. (Souza; Gonçalves, 2020, p. 29)

Sob a perspectiva do corpo, para as mulheres negras, o impacto da objetificação do corpo é ainda mais drástico, conforme Lorde (1984) e hooks (2019) apontam, uma vez que, privadas das oportunidades de acesso e condições de permanência em universidades, como revela Cordeiro e Auad (2021), às mulheres negras podem acabar restando trabalhos precários (Vergès, 2019).

6.2 PUXANDO O AR: SAÚDE MENTAL DAS MULHERES LÉSBICAS

Quem faz um poema abre uma janela.
Respira, tu que estás numa cela abafada,
esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo
Para que possas profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado.

Mário Quintana (2001, p. 58).

A qualidade da respiração de um indivíduo pode revelar suas condições socioeconômicas. A falta de acesso a ambientes limpos e saudáveis, a poluição atmosférica e o trabalho em condições adversas podem comprometer a capacidade respiratória. Os corpos inseridos nas classes socioeconômicas mais baixas enfrentam maior exposição a esses elementos prejudiciais, resultando em problemas respiratórios crônicos e em uma qualidade de vida reduzida (Górska, 2016). Essa disparidade reflete as desigualdades estruturais que marginalizam certos grupos sociais.

A sensação de perda do próprio ar, mãos trêmulas e geladas, pensamento confuso e sudorese são alguns dos sintomas descritos por pessoas que conhecem de perto a ansiedade, reconhecida pela área da medicina como Transtorno de Ansiedade (Dalgalarrondo, 2019). Amarante (2007) sugere um modelo biomédico predominante, ainda vigente, que se baseia na medicalização e que considera a ansiedade como uma doença natural, desconsiderando a experiência do sujeito com a doença.

Esse transtorno, considerado o mais comum em todo o mundo, chegou a afetar cerca de 301 milhões de pessoas no ano de 2019, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). As mulheres são as mais afetadas em relação aos homens. Chama a atenção o termo “comum” e o cuidado que se deve ter ao usá-lo, uma vez que o comum não necessariamente é normal. Para não correr o risco de normalizar algo, é preciso lançar um olhar com lentes de aumento, para melhor enxergar quais são essas mulheres que superam os homens quando o assunto é o sofrimento mental decorrente da ansiedade¹⁴. A seguir, reproduzo na íntegra o texto extraído do site da OMS, por entender que, dado o reconhecimento da importância deste órgão, pode sustentar algumas das colocações que serão postas.

¹⁴ Baseada na Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2019, os dados foram analisados e apresentados em várias publicações científicas e artigos que tratam da prevalência de depressão no Brasil. Em 2019, os dados indicaram que 14,6% das mulheres relataram ter depressão, em comparação com 7,7% dos homens (Brito et al., 2022).

A saúde mental é um estado de bem-estar mental que permite às pessoas lidar com momentos estressantes da vida, desenvolver todas as suas competências, aprender e trabalhar adequadamente e integrar-se no seu ambiente. A saúde mental tem um valor intrínseco e fundamental e faz parte do nosso bem-estar geral. Existem vários fatores individuais, familiares, ambientais e estruturais que, em conjunto, protegem ou prejudicam a saúde mental. Embora a maioria das pessoas seja resiliente, as que estão expostas a circunstâncias adversas, como a pobreza, a violência, as deficiências e as desigualdades, correm maior risco de problemas de saúde mental. Muitas condições de saúde mental podem ser tratadas de forma eficaz a um custo relativamente baixo, mas os sistemas de saúde continuam a ter poucos recursos e continuam a existir lacunas significativas no acesso ao tratamento em todo o mundo. Acontece também frequentemente que os cuidados de saúde mental não são de qualidade suficiente. Pessoas que têm problemas de saúde mental sofrem estigmatização, discriminação e violações dos direitos humanos. (OMS, 2024, online)

Sem entrar no mérito do que o texto considera como “embora a maioria das pessoas seja resiliente”, o que pode dar a impressão de que pessoas ansiosas carecem de resiliência¹⁵, o que interessa para fins de análise é o contexto geral do que foi escrito. De acordo com a OMS, a saúde mental é parte fundamental do bem-estar do ser humano, sendo a família um dos fatores de preservação ou de seu comprometimento. Em conjunto com outros fatores adversos como desigualdades, discriminações e vulnerabilidade econômica, acrescenta-se a precariedade dos serviços de tratamento que são oferecidos à população, especificamente àquela carente de recursos financeiros.

Expostas a estressores específicos adicionais aos estressores cotidianos, pessoas LGBT vivenciam experiências de vitimização e dificuldades em lidar com a própria orientação sexual. Isso resulta em homofobia internalizada, desenvolvimento de expectativas de rejeição e ocultação da orientação sexual. Esses estressores específicos aumentam a propensão ao comprometimento do bem-estar e ao desenvolvimento de psicopatologias, como depressão e ansiedade (Costa, 2020), tais como relatado pelas entrevistadas. Além disso, a antecipação do preconceito, que envolve a expectativa de enfrentar discriminação e violência, pode levar as pessoas a evitar determinados ambientes, como serviços de saúde, onde já foram vítimas de discriminação.

O conceito de *minority stress* (estresse de minoria), descrito por Meyer (2003), explica que ambientes hostis e estressantes enfrentados pela população LGBT resultam em vários fatores de risco para a saúde mental, incluindo estresse pós-traumático e aumento do risco de

¹⁵ Resiliência é a capacidade de voltar ao estado normal. No campo da psicologia, resiliência significa resistência ao choque, à adversidade. É um termo usado em diversas áreas do conhecimento, tais como a administração, ecologia, física e psicologia. Disponível em: <https://www.significados.com.br/resiliencia/>

suicídio. Pedrosa (2004) destaca que um ambiente social hostil pode levar ao desenvolvimento de sintomas de estresse crônico, uma reação gerada pelo corpo a tensões psicofisiológicas prolongadas (Tagliamento et al., 2021).

A população LGBT no Brasil também enfrenta altos índices de violência e discriminação, frequentemente tratados com descaso e impunidade. Esse cenário gera sofrimento psicossocial intenso, resultando em conflitos internos, angústia e insegurança, aumentando a propensão a sintomas depressivos (Silva; Melo; Mello, 2019). A origem do preconceito contra os LGBT's no Brasil está relacionada a bases morais e religiosas, refletindo-se em opressão, baixa autoestima e vergonha de si mesmo.

Conforme análises de Grazielle Tagliamento, Saymon Souza Correa da Silva, Denise Barcelos da Silva et al. (2020, p. 80), “pessoas homossexuais e bissexuais vivenciam maior vulnerabilidade psicossocial em relação às pessoas heterossexuais no que diz respeito ao sofrimento emocional, levando o sujeito agredido a tentativas de suicídio”. Em outro estudo, Luísa Brandão Costa, Julia Pagano Costa, Edina M. S. Peters Kahhale e Beatriz Borges Branbilla (2023, p. 80) também concluem: “percebe-se assim, que a LGBTQIA+fobia, inerente à cisheteronormatividade, é a produtora de sofrimento e ansiedade”, ou seja, em diálogo com a OMS, a ansiedade não afeta todas as pessoas da mesma maneira.

Desse modo, pessoas LGBT enfrentam uma série de prejuízos sociais, como discriminação e rejeição, que afetam diversas áreas de suas vidas: profissional, familiar, social e saúde. Jovens LGBT, por exemplo, reportam altos índices de problemas escolares e familiares, incluindo bullying e rejeição familiar (Melo; Silva; Mello, 2019). Essas experiências negativas contribuem significativamente para o comprometimento da saúde mental dessas pessoas.

Corroborando com os estudos citados acima, as três participantes da pesquisa relataram sintomas da ansiedade, como se pode ler nas seguintes citações:

São ansiedade e depressão relacionados a preconceitos com família, comunidade, com uma igreja entendeu? Sempre vinculado a questão de aceitação e não aceitação. Recentemente, eu fui fazer terapia porque eu estava tendo crises de ansiedade, falta de ar, taquicardia, tremores e isso foi por relacionamentos. (Vitória, 35 anos)

Eu não vou falar que eu tive crise de ansiedade, nada sobre isso. Mas eu sempre fui uma pessoa muito deprimida. Acho que não... Não cheguei a ter depressão ou crise. Ansiedade é algo desse, nesse sentido, não? Mas eu era deprimida porque eu não era feliz. Eu não era feliz. [...] Mas vendo hoje como antes, eu tinha, eu tive muitos momentos deprimidos do que feliz. Muitos, muitos, muitos, muitos. Então eu me sentia deprimida. (Valentina, 39 anos)

Então é o tomar remédio, e as crises de ansiedade... eu percebo que é quando eu estou vivendo um momento de alta tensão. Quando o negócio está, está muito... aí meu corpo grita sim, porque quando ele grita é porque ele já não... ele já não dá conta mais de desfazer. E aí é quando eu paro é, é o que eu tenho de sensações de ansiedade. São nesses momentos, assim como não está... a pressão está demais [...]. Quando você perguntou essa coisa da ansiedade, é? Nenhum desses episódios... Eles têm relação, [tem] a ver com a minha orientação sexual. Eu acho que aqui, falando com você, a minha orientação sexual é o que menos me traz problemas ou desgostos ou desconfortos. (Veridiana, 48 anos)

Essas falas ilustram claramente como a saúde mental de mulheres lésbicas pode ser profundamente afetada por fatores externos, como preconceito, rejeição e pressão social. O estigma internalizado, a antecipação do preconceito e a discriminação contínua são fatores que contribuem significativamente para a vulnerabilidade psicológica dessa população. As experiências descritas pelas entrevistadas corroboram com o conceito de *minority stress* (estresse de minoria), onde a exposição contínua a ambientes hostis e discriminatórios resulta em altos níveis de ansiedade, depressão e outros problemas de saúde mental (Meyer, 2003). A análise dessas falas sublinha a necessidade urgente de intervenções sociais e políticas públicas que abordem não apenas os sintomas, mas também as causas subjacentes do sofrimento mental entre pessoas LGBT.

De modo específico, o momento de revelação da orientação sexual, ou “saída do armário”, é crucial para a construção da identidade do indivíduo. O apoio familiar é fundamental nesse processo. A ausência desse apoio pode desencadear isolamento social, problemas de autoestima e depressão. Muitas famílias reagem com rejeição, violência verbal e física, ou até mesmo expulsando o indivíduo de casa, criando mais estresse psicológico (Cruz; Oliveira; Araújo, 2019). Todas as situações listadas foram, mais ou menos relatadas, experiências vividas pelas três mulheres entrevistadas, o que reforça os estudos sobre a saúde mental de mulheres lésbicas no Brasil.

De acordo com um relatório publicado pela Folha de S. Paulo em 10 de outubro de 2023 (Pereira, 2023), o Brasil é o segundo país do mundo que mais busca informações sobre ansiedade na internet, ficando atrás apenas da Ucrânia. Além disso, a Revista Exame, também em 2023, divulgou resultados de uma pesquisa conduzida pela Guia da Alma, uma startup de soluções de saúde mental, que indicam que, entre 2020 e 2023, 62,6% das pessoas que participaram de um questionário online relataram sofrer de ansiedade (Serrano, 2023).

Ao considerar esses dados, é crucial observar o contexto em que o Brasil se encontra. Embora uma análise político-econômica profunda esteja além do escopo deste estudo e do

tempo disponível para uma dissertação de mestrado, não se pode ignorar que o Brasil compartilha esse “pódio” com a Ucrânia, um país afetado pelos horrores da guerra.

No Brasil, embora não se estejamos em guerra nos moldes tradicionais, a luta por direitos, especialmente para a população LGBT, ainda enfrenta muitos desafios. Entre 2018 e 2022, o Brasil foi presidido por Jair Messias Bolsonaro, inicialmente do Partido Liberal (PL) e, ao final de seu mandato, sem filiação partidária. O mandato de Bolsonaro foi marcado por uma série de declarações controversas e ofensivas, especialmente contra minorias. Algumas de suas declarações¹⁶ incluem:

- *“Eu jamais ia estuprar você porque você não merece”* (2003).
- *“Para mim é a morte. Digo mais: prefiro que morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo”* (2011).
- *“Não existe homofobia no Brasil. A maioria dos que morrem, 90% dos homossexuais que morrem, morre em locais de consumo de drogas, em local de prostituição, ou executado pelo próprio parceiro”* (2013).
- *“Fui num quilombola [sic] em Eldorado Paulista. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Acho que nem para procriadores servem mais”* (2017).
- *“Quem usa cota, no meu entender, está assinando embaixo que é incompetente. Eu não entraria num avião pilotado por um cotista. Nem aceitaria ser operado por um médico cotista”* (2011).
- *“Isso não pode continuar existindo. Tudo é coitadismo. Coitado do negro, coitado da mulher, coitado do gay, coitado do nordestino, coitado do piauiense. Vamos acabar com isso”* (2018).

Uma declaração final de Bolsonaro, em 31 de julho de 2020, durante a pandemia de COVID-19, quando o Brasil contabilizava 92.568 óbitos e 2.666.298 casos confirmados de coronavírus, foi: “Depois de 20 dias dentro de casa, a gente pega outros problemas. Eu peguei mofo, mofo no pulmão”.

Essas declarações refletem a hostilidade do então presidente em relação às minorias de classe, raça e gênero, e a realidade da pandemia que intensificou a vulnerabilidade dessas

¹⁶ RAZZOUK, Mateus. Bolsonaro em 25 frases polêmicas. CartaCapital, São Paulo, 8 jul. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso em: 10 fevereiro 2024.

populações. A frase “mofar os pulmões” destacou a indiferença em relação às vidas humanas que estavam lutando pela sobrevivência. Para muitas pessoas, como Veridiana, a pandemia trouxe sérias consequências pessoais e acadêmicas: *“Fiz quase 2 anos e meio e aí veio a pandemia. A minha mãe ficou doente, aí fui deixando”*.

Esses fatores evidenciam a complexidade e as múltiplas dimensões da ansiedade no Brasil, um país que, embora não esteja envolvido em uma guerra tradicional, enfrenta batalhas significativas em termos de direitos humanos e condições sociais. Conforme argumenta Mbembe (2020), “o horizonte, visivelmente, está cada vez mais sombrio. Presa em um cerco de injustiça e desigualdade, boa parte da humanidade está ameaçada pela grande asfixia, e a sensação de que nosso mundo está em suspenso não para de se espalhar.” Embora sua perspectiva possa parecer pessimista, Mbembe analisa a realidade tal como se apresenta aos seus sentidos, uma realidade compartilhada por pessoas como Veridiana, que priorizaram o cuidado de outros em detrimento de si mesmas.

Segundo Mbembe, a “asfixia” é tanto metafórica quanto literal. Ele vislumbra possíveis desfechos, mesmo em meio às adversidades:

Se, nessas condições, ainda houver um dia seguinte, ele não poderá ocorrer às custas de alguns, sempre os mesmos, como na Antiga Economia. Ele dependerá, necessariamente, de todos os habitantes da terra, sem distinção de espécie, raça, gênero, cidadania, religião ou qualquer outro marcador de diferenciação. Em outras palavras, ele só poderá ocorrer ao custo de uma ruptura gigantesca, produto de uma imaginação radical (Mbembe, 2020, n. p.).

Quatro anos após a declaração de Mbembe, que sublinhava a urgência de dissipar as desigualdades para preservar a vida humana, o cenário atual contrasta com sua visão de uma “imaginação radical”. Em 2024, 257 pessoas LGBT foram violentamente assassinadas no Brasil, mantendo o país como o mais homofóbico do mundo, segundo dados da ONG Grupo Gay da Bahia (GGB), a maior organização não governamental LGBT da América Latina. O GGB (2024) também sugere que esses números podem ser ainda maiores.

A ONG categorizou as mortes por Estado, identificando a região Sudeste como a mais letal para essa população: São Paulo registrou 34 mortes, Minas Gerais 30, Rio de Janeiro 28, Bahia 22 e Ceará 21, destacando-se como os estados mais violentos. Especificamente em relação às mulheres lésbicas, a falta de indicadores claros é preocupante. Embora o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) tenha incluído a coleta de dados sobre orientação sexual na última Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) (IBGE, 2019) de forma experimental, essa iniciativa ainda é bastante recente. Os dados de autodeclaração indicam que 94,8% da

população se identifica como heterossexual. Entre a população homossexual ou bissexual, as mulheres representam 0,9% e os homens 1,4%.

De acordo com o Dossiê sobre Lesbocídio, elaborado pelo grupo de pesquisa “Lesbocídio – As histórias que ninguém conta” (Peres; Soares; Dias, 2018) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), houve um aumento notável de casos ao longo dos anos. Em 2000, foram registrados 2 casos de assassinatos de lésbicas, enquanto em 2017 esse número saltou para 54. Entre 2014 e 2017, foram contabilizados 126 casos de lesbocídios, com 82 desses casos ocorrendo no interior do país. A maioria dos assassinos (83%) são homens, e 57% das vítimas tinham até 24 anos de idade.

Esses números revelam a persistência de desigualdades e violência contra a população LGBT no Brasil, ressaltando a necessidade urgente de políticas públicas eficazes e de uma mudança radical na sociedade para garantir a proteção e igualdade de todos os cidadãos, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. A inclusão desses dados estatísticos se justifica pela necessidade de melhor compreensão sobre a população LGBT, sobretudo as lésbicas, que permanecem sob o manto da invisibilidade. O invisível não é inexistente, ou seja, para que a invisibilidade seja efetiva, são necessários mecanismos que operem a seu favor, conforme fala das estudiosas a seguir:

A invisibilidade lésbica não é algo natural, mas sim resulta de vários fatores. Dentre estes, estão a misoginia, o machismo, a socialização destinada a esses corpos numa sociedade que funciona a partir de uma moralidade judaico-cristã, que por sua vez sustenta e faz funcionar uma série de binarismos, dentre os quais o masculino-feminino. (Santos; Tagliamento, 2021, p. 9)

Em diálogo com as autoras, Vitória, Valentina e Veridiana foram impactadas por todos esses fatores, sendo Vitória particularmente afetada pela lesbofobia. Ela relata um episódio específico: *“Ponto de ônibus lotado de trabalhadores, de pessoal, estudante e tal, e o cara me viu na rua. E ele começou a falar assim: “ô sapatão, ô sapatão”. Aí eu fingi que não era comigo. Ele falou “é com você mesmo que eu estou falando” e todo mundo do ponto de ônibus olhou pra mim. Eu não vou falar porque é muita besteira as coisas que ele disse. Ele falou “ah, chupadora não sei o quê”. É coisa horrível e não sei o quê, e assim, coisas bem pesadas. Eu era... eu tinha catorze, quinze anos.”* (Vitória, 35 anos).

Ao contrário de Valentina, que adota um estilo de vestimenta reconhecido socialmente como feminilizado, Vitória se expressa através de uma performance reconhecida socialmente como masculina. Isso não apenas não lhe confere invisibilidade lésbica, mas também expõe sua sexualidade, tornando-a vulnerável. A identidade de Vitória, por meio de sua performance, é

marginalizada pela heteronormatividade, que pressupõe e impõe uma conformidade estrita às normas de gênero.

Essas experiências de vida revelam a interseção entre misoginia, lesbofobia e a rigidez das normas de gênero. O caso de Vitória destaca como a não conformidade às expectativas heteronormativas pode resultar em violência verbal e exclusão social. A forma como se veste e se apresenta, desviando-se das normas tradicionais de feminilidade, torna-a alvo de agressões e discriminações, refletindo a intolerância prevalente na sociedade, expresso no relato da violência lesbofóbica no ponto de ônibus.

Todos esses fatores podem ser entendidos como estressores sociais e políticos que afetam a saúde mental de mulheres lésbicas, desenvolvendo sintomas de ansiedade e depressão, afetando, especificamente, a respiração na perspectiva corpomaterial desenvolvida por Gorska (2016).

Em um estudo que investigou a dupla marginalização de gênero e sexualidade das mulheres bissexuais e lésbicas, destacando os desafios específicos enfrentados por elas devido à sua condição de gênero e orientação sexual, Naiara Regner da Silva et al. (2022) solicitaram que 163 mulheres lésbicas acadêmicas, com idade entre 18 e 29 anos, respondessem a um questionário. Os resultados revelaram que 57% das participantes informavam sua orientação sexual nos atendimentos de saúde dependendo do contexto, enquanto 28,83% preferiam não informar.

Além disso, de acordo com Silva et al. (2022), 42,94% das mulheres evitaram frequentar certos locais, como igrejas e clínicas, devido à sua sexualidade. A pesquisa também apontou que a maioria dessas mulheres possuía uma rede de apoio composta por amigos, profissionais e familiares, mas 7,36% relataram não ter nenhum suporte. As participantes indicaram também que a heteronormatividade impactava negativamente sua saúde, com 73,62% afirmando isso explicitamente.

As imposições sociais resultam em danos à saúde mental e física, levando a um aumento do consumo de álcool e tabaco e a uma maior vulnerabilidade a experiências de vitimização. Esses fatores elevam os riscos de ansiedade, depressão e outros transtornos mentais em comparação com mulheres heterossexuais. Além disso, o despreparo dos profissionais de saúde e a ausência de campanhas publicitárias específicas contribuem para a invisibilidade e discriminação dessas mulheres, afetando negativamente seu bem-estar geral. No entanto, a conclusão do estudo aponta para a necessidade de uma investigação que contemple uma análise interseccional, tendo em vista a persistência de violências entrecruzadas por outros marcadores

sociais, tais como gênero, classe e raça, que afetam as vidas de pessoas que não se encaixam na heteronormatividade.

Lorde (2019) também argumenta que mulheres lésbicas enfrentam formas específicas de discriminação, sendo alvo de preconceitos tanto por sua condição de gênero quanto por sua orientação sexual. Segundo Lorde, silenciar-se ou tornar-se invisível pode ser tão arriscado quanto revelar-se. Ela destaca que “em nome do silêncio, cada uma de nós evoca a expressão de seu próprio medo: o medo do desprezo, da censura, de algum julgamento, do reconhecimento. Visibilidade sem a qual não vivemos verdadeiramente” (Lorde, 2019, p. 51).

Dessa forma, a identidade deve ser entendida como um processo dinâmico e multifacetado, especialmente em contextos em que as estruturas sociais são marcadas por exclusões e violência. A experiência de Vitória, com uma performance identificada como “masculina”, ilustra a complexidade dessas dinâmicas, evidenciando como as múltiplas camadas de opressão se entrelaçam para moldar as vivências das mulheres lésbicas. O reconhecimento dessas interseções é crucial para o desenvolvimento de políticas e práticas que promovam a igualdade e a justiça social.

Em diálogo também com o pensamento sobre o medo trazido por Lorde (2019), Veridiana traz o pânico que sufoca o desejo da visibilidade:

[...] A gente começou a falar sobre isso, né [referência à terapia]. E aí o [terapeuta] falou: “Olha para você, olha para essa imagem, essa imagem que você faz nesse lugar e veja se você cabe nesse lugar” [mestrado]. Continuou: “Qual que é o seu problema, entendeu?” Porque eu sempre tive muito medo de fazer errado. [...] eu... eu, eu tenho um esforço pessoal, né, muito grande de fazer as coisas certas. (Veridiana, 48 anos)

O esforço mencionado por Veridiana está enraizado no racismo, que busca restringir os movimentos das pessoas negras. A branquitude, conforme discutido por Lorde (2019), legitima o direito de dominar, seja de forma explícita ou velada. Lorde (2019, p. 89) define racismo como “a crença na superioridade inerente de uma raça sobre todas as outras e, portanto, em seu direito à dominância manifesta e subentendida”.

Veridiana, temendo errar, sufoca a possibilidade de “acertar”, indicando que as aspas aqui são usadas para questionar a própria noção de acerto. Sob a perspectiva de Lorde (2019), Veridiana carrega o peso das consequências do preconceito racial. Ela expressa que, apesar de reconhecer a importância de diversas pautas, a sua identidade racial é primordial: “*Eu sei que tem pautas a serem defendidas, eu sei que tem preconceito, mas assim, antes de ser lésbica... eu sou negra.*” (Veridiana, 48 anos)

Esse relato evidencia como o racismo intersecciona com outras formas de opressão, impactando profundamente a saúde mental das pessoas negras. A experiência de Veridiana ilustra a carga adicional que indivíduos negros e LGBT enfrentam, onde a discriminação racial pode, muitas vezes, sobrepor-se ou intensificar outras formas de preconceito. A análise crítica dessas interseções é fundamental para compreender as múltiplas camadas de opressão e para desenvolver estratégias eficazes de resistência e emancipação.

Em um contexto brasileiro de atmosfera densa e insalubre, o ambiente torna-se ainda mais adverso para Veridiana. Como mulher negra, ela compete em condições desiguais com os brancos na ocupação de espaços sociais, profissionais e educacionais. Ribeiro (2019) destaca o abismo entre negros e brancos como resultado de um racismo estruturado, revelando uma disparidade profunda e persistente.

A situação das mulheres no Brasil é então agravada pela desigualdade racial. Dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2023 (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023) mostram um aumento de 16,9% em tentativas de feminicídio e de 6,1% em feminicídios consumados. Entre as 1.437 mulheres mortas, 61,1% eram negras e 71,9% tinham entre 18 e 44 anos, indicando que a mulher negra enfrenta uma maior probabilidade de não envelhecer. Este cenário revela a interseção entre gênero, raça e orientação sexual, evidenciando como essas múltiplas dimensões de opressão afetam a vida das mulheres no Brasil. Analisar essas interseções é crucial para entender a complexidade das desigualdades e para desenvolver políticas e ações que promovam uma sociedade mais justa e equitativa.

Valentina, Veridiana e Vitória enfrentam discriminação como lésbicas, sentindo na pele os efeitos da intolerância religiosa, do machismo e da rejeição familiar. A heteronormatividade, sob a perspectiva do *continuum* lésbico de Rich (2010), impõe regras às mulheres para lhes conceder o direito de “respirar”. No entanto, para garantir essa respiração, muitas lésbicas recorrem ao “armário”, um espaço paradoxal que, embora ofereça proteção, também restringe. Fazendo um paralelo com a vivência do “armário”, em espaços fechados predomina o dióxido de carbono, evocando a preocupação de Mbembe (2020) sobre um futuro onde pode haver mais dióxido de carbono do que oxigênio para respirar. Sair do armário é respirar, mas também é enfrentar as estatísticas de violência contra a população LGBT no Brasil.

Organizações como ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) e GGB (Grupo Gay da Bahia) desempenham um papel crucial ao resgatar dados estatísticos frequentemente negligenciados pelo Estado, evidenciando a realidade das mortes e violências contra a população LGBT. Esses números, que representam vidas ceifadas, são muitas vezes ignorados, refletindo um profundo desinteresse estatal.

A correlação entre o trabalho de organizações como a ANTRA e o GGB, a saúde mental e a respiração se dá através do impacto das violências e mortes na população LGBT. A exposição contínua à violência e à discriminação agrava problemas de saúde mental, causando estresse, ansiedade e depressão. Mbembe (2020) destaca a importância de um ambiente que permita a todos viver com dignidade e sem opressão, essencial para o bem-estar mental. O resgate de dados estatísticos dessas organizações ajuda a revelar e combater essas desigualdades, promovendo um ambiente mais justo e respirável para todos.

A respiração, enquanto fenômeno corpomaterial, é diretamente afetada por situações geradoras de medo e ansiedade, manifestando-se fisicamente no corpo. Além disso, a respiração pode ser uma estratégia para restabelecer a subjetividade diante do caos externo. Górska (2016, p. 198) argumenta que “a respiração é muitas vezes entendida como uma ferramenta para metabolizar ataques de pânico e ansiedade – um método de assumir o controle e ‘recuperar’ o que é social e culturalmente determinado a ser uma subjetividade humana apropriada”.

A complexidade das opressões interseccionais afetam a vida e a saúde mental das mulheres lésbicas, particularmente aquelas que também enfrentam discriminação racial. Além disso, parece necessário refletir sobre a respiração, tanto literal quanto metaforicamente, como uma ferramenta de resistência e sobrevivência frente ao medo e à ansiedade gerados por uma sociedade lesbofóbica. A contribuição de Górska sobre a respiração como estratégia para recuperar a subjetividade humana apropriada sublinha a importância de tais práticas na luta contra as múltiplas formas de opressão. A luta pela igualdade e justiça para as mulheres lésbicas, especialmente para aquelas que também enfrentam racismo, continua a ser uma jornada sem um fim definido, refletindo a natureza contínua da vida e da resistência.

6.3 ZONAS DE RESPIRO: ANCORAGENS

Mas tinha que respirar

Viviane Melo de Mendonça (2020, p. 35)

A vivência lésbica em uma sociedade permeada pelo preconceito é profundamente desafiadora, afetando não apenas a saúde mental e emocional, mas também a sobrevivência física das mulheres lésbicas. Existe uma linha tênue que separa viver de sobreviver, e é nessa fronteira que se desenrola a travessia de Vitória, Valentina e Veridiana rumo a zonas de respiro — espaços físicos, comunidades e redes de apoio que promovem bem-estar, acolhimento e respeito.

À luz da epígrafe de Mendonça (2020), “Mas tinha que respirar”, destaca-se a necessidade vital de respirar, o que simboliza o direito inalienável de existir plenamente neste mundo. A circularidade do ciclo respiratório, assim como a de uma mandala, expressa equilíbrio e ordem, mas também pode abrigar elementos de desordem. Essa complexidade refletida na respiração e nas mandalas representa a diversidade e a intrincada natureza das mulheres, que são, em essência, um mosaico de experiências e identidades.

As falas das participantes do estudo, pronunciadas na cadência da respiração, destacam a importância das zonas de respiro em suas vidas:

Vitória: E, por outro lado, eu fui muito acolhida e muito respeitada no CRAS. Tanto é que o meu primeiro estágio foi nesse CRAS. E nesse CRAS que eu fiquei dos meus nove anos aos meus dezesseis mais ou menos, quinze e dezesseis, é porque ia até dezoito também né...

Valentina: Foi eu que me libertei sim, porque minha mãe, querendo ou não, é a pessoa que mais... né? Era, para quem eu mais respeitava, que eu queria falar, né? Se ela disser sim, tudo certo, né? Agora, se ela disser assim não, pra... ia ser muito mais difícil, né? Então, naquele momento, eu me senti realmente liberta.

Veridiana: E havia também essa relação do espiritismo com o candomblé, e eu sempre convivi muito bem com isso, nunca me importei. Porque eu sempre penso, sabe, Simone, lá em cima, todo mundo se dá bem. Jesus, Exu, Pombagira, Santo Antônio, eles... todos se dão bem, todos se conhecem, todos trabalham juntos. Quem faz confusão somos nós, que estamos aqui embaixo.

Essas três mulheres, em suas respectivas diásporas, articulam seus corpos em direção aos seus contextos: Vitória renova seu ar no Centro de Referência de Assistência Social, Veridiana respira sob as bênçãos da espiritualidade, e Valentina integra-se ao seu contexto ao se revelar para a mãe e receber dela as chaves do seu armário. Dito de outro modo, as falas de Vitória, Valentina e Veridiana destacam, de maneira particular, seus deslocamentos para zonas de respiro. Vitória encontra acolhimento e respeito no CRAS, um espaço que lhe proporciona segurança e desenvolvimento pessoal. Valentina parece se libertar ao ganhar a aprovação materna, demonstrando a importância do apoio familiar para o bem-estar. Veridiana revela a harmonia encontrada no espiritismo e no candomblé, enfatizando a paz e o entendimento nos espaços espirituais. Em conjunto, essas falas ilustram como diferentes contextos oferecem pontos de ancoragem, essenciais para a saúde mental e espiritual.

Utilizando o conceito de subjetividade nômade de Rosi Braidotti (2002), que aborda a simultaneidade de identidades complexas e multidimensionais, reconhece-se que essas mulheres, enquanto lésbicas, são nômades que transgridem as normas heteronormativas, deslocando-se para dentro e fora dos armários com suas subjetividades. A autora se conecta a

essas experiências e se coloca também como nômade em busca do seu bioma, desconstruindo identidades fixas para tecer uma conexão profunda entre sua respiração e a das participantes.

O Dia do Orgulho Lésbico, inspirado por eventos de 19 de agosto de 1983, quando lésbicas foram impedidas de comercializar um periódico feminista e lésbico no “Ferro's Bar”, simboliza a importância de tais movimentos sociais. Essas manifestações representaram a primeira grande mobilização de mulheres lésbicas no Brasil, conferindo visibilidade às suas questões. Os afetos que permeiam as relações dessas mulheres reforçam a coletividade e a resistência: Veridiana se casa com Laura, Valentina encontra um ambiente de trabalho inclusivo, e Vitória continua seus estudos para fortalecer a autoestima.

Por fim, celebra-se aqui as subjetividades femininas, nômades e em diáspora, que resistem e sobrevivem às adversidades, reafirmando seu direito de existir e ocupar seus espaços de fala. Essas mulheres, atravessadas pelo afeto, mantêm a vida e resistem aos contragolpes, seja qual for sua cor, orientação sexual ou ocupação. Em outras palavras, essa análise revela que, entre o berço e o túmulo, respirar é uma luta constante e necessária, simbolizando a resistência e a resiliência das mulheres lésbicas na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi compreender as experiências de saída e entrada do armário de lésbicas, suas relações com as mulheres da família e como essas dinâmicas poderiam afetar a saúde mental. A conclusão é que nada pode ser completamente conclusivo quando se trata da condição humana. A perspectiva acadêmica exige um recorte, mas é igualmente necessário estar atenta e acolher o inesperado.

As três participantes da pesquisa revelaram, cada uma a seu modo, um universo rico em subjetividades, moldado por suas vivências influenciadas pela herança cultural da família, além de categorias como raça, classe, gênero e religiosidade. Uma criança, ao nascer, é inserida no *continuum* da cultura familiar, que também foi influenciada por essas mesmas categorias.

A religião não estava inicialmente prevista como uma categoria de análise, mas, ao explorar a experiência de Vitória, tornou-se evidente o impacto das crenças religiosas na construção e condução de cada vida. Com Valentina, descobriu-se que certas práticas religiosas podem alienar a mulher lésbica de sua essência, enquanto com Veridiana, entendeu-se que algumas religiões não apenas amparam, mas revigoram o ser.

Em relação às mulheres da família, todas enfrentaram o preconceito e o medo de rejeição, mesmo que de forma velada. A maneira como uma lésbica se apresenta – suas roupas, corte de cabelo e postura – influencia a recepção pela sociedade heteronormativa, ressaltando a persistência do binarismo de gênero.

Quanto aos movimentos de entrada e saída do armário, exceto por Vitória, as outras participantes mantiveram-se resguardadas, similar a carregar um guarda-chuva sem saber quando irá chover. Performar o gênero feminino muitas vezes implica em reproduzir a heterossexualidade.

A pesquisa também revelou que a precariedade financeira reforça a vulnerabilidade da condição lésbica. Vitória, por exemplo, dependeu da namorada para ter um teto. Para a lésbica autodeclarada negra, a prioridade da sobrevivência é ainda maior, como Veridiana testemunhou, onde ser negra pesa mais do que ser lésbica. O armário é translúcido à cor da pele.

Em relação à saúde mental, todas as participantes foram afetadas por sintomas de ansiedade. O preconceito e o medo da rejeição trazem consigo o terror da sensação de não pertencimento. Como seres sociais, somos arquipélagos.

Esta pesquisa deixou algumas pegadas na areia, marcadas pelos passos de Vitória, Valentina, Veridiana e os meus próprios. As pegadas representam o amor à vida, manifestado também pela escrita. Muitas pesquisadoras já passaram por aqui. Para aqueles que continuam,

desejo perseverança. Nenhuma pesquisa pode ser considerada concluída enquanto houver uma única mulher LBT ameaçada. É necessário continuar discutindo os mecanismos de opressão, sem medo da redundância. É urgente expandir esse tema, de modo a provocar perguntas de pesquisas que aprofundem o que até aqui foi possível trazer, tais como examinar o impacto do suporte social na saúde mental ou compreender como a espiritualidade e religião podem atuar como fontes de apoio; bem como a vivência do racismo na experiência de ser mulher negra ou indígena.

Diante do exposto, de modo geral, os resultados revelaram que as mulheres lésbicas enfrentam níveis elevados de ansiedade devido ao preconceito heteronormativo ainda prevalente na sociedade. Outro aspecto identificado foi o impacto da classe social e raça nas experiências dessas mulheres, constatado na análise da interseccionalidade de orientação sexual, classe e raça, que agrava ainda mais o preconceito e a discriminação vivenciados.

Assim, a análise das entrevistas identificou que as interações com familiares, sobretudo com as mulheres da família, podem ser tanto fontes de apoio quanto de estresse, influenciando significativamente a saúde mental das entrevistadas, revelando que a aceitação ou rejeição familiar afeta os níveis de ansiedade das mulheres lésbicas.

A pesquisa também revelou o papel da religião na vida das entrevistadas e o quanto as formações religiosas podem contribuir para o aumento dos níveis de ansiedade, como também podem se estabelecer como fonte de bem-estar e pertencimento. O estudo indicou que mulheres lésbicas podem enfrentar grande dificuldade de respirar quando saem do armário, pois os olhares das pessoas da família, que poderiam acolhê-las, frequentemente deixam de reconhecê-las em sua identidade.

Encerro com um pensamento próprio que ressoa com as zonas de respiro encontradas pelas três participantes, após terem atravessado a ponte:

O medo gritou para o desejo:
Ei, posso me encontrar com você?
O desejo respondeu alegremente:
Mas é claro, estou do outro lado da ponte!
Desde então, medo e desejo passaram a caminhar juntos.

Simone

REFERÊNCIAS

ABGLT. Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. **Manual de Comunicação LGBT**. [S.l.]: ABGLT, 2015.

AMARANTE, Paulo. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

AMBROSIO, Leticia; SILVA, Carla Regina. Racismo é um trauma colonial: diálogos entre Frantz Fanon, Neusa Souza e Grada Kilomba sobre o adoecimento negro no Brasil. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 16, n. Edição Especial, 2023. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1549>. Acesso em: 10 nov. 2023.

ANZALDÚA, Gloria. CASTILLO, Ana; ALARCÓN, Norma. La prieta. **Debate Feminista**, [S. l.], n. 24, p. 127-141, 1 out. 2001. Disponível em: https://debatefeminista.cieg.unam.mx/index.php/debate_feminista/article/view/662/580. Acesso em: 15 mar. 2023.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 01, p. 229-236, 2000.

ANZALDÚA, Glória. La conciencia de la mestiza: rumbo a una nova consciência. **Estudos Feministas**, Seção Debate, Florianópolis, n. 13, v. 3, p. 704-719, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/FL7SmwjzjDJQ5WQZbvYzcb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 jun. 2024.

AUAD, Daniela; LAHNI, Cláudia; ROSENO, Camila. (Orgs.). **Saberes docentes fora do armário: Educação como território de resistência**. Rio de Janeiro: Nau, 2022.

AUAD, Daniela; LOPES, Sabrina Fernandes Pereira; LAHNI, Cláudia Regina. Lésbicas e Bissexuais em Narrativas Adolescentes: Um olhar feminista sobre produções seriadas para TV e Internet. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 37, n. 2, p. 230-252, jun. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/50861?mode=full>. Acesso em: 14 jun. 2024.

AVENA, Daniella Tebar. A violência doméstica nas relações lésbicas: realidades e mitos. **Aurora**, [S. l.], n. 7, p. 99-99, 2010. Disponível em: https://www.pucsp.br/revistaaurora/ed7_v_janeiro_2010/artigos/download/ed7/5_artigo.pdf. Acesso em: 13 jun. 2024.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, maio 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/DMNhmpzNbKWgH8zbgQhLQks/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 jun. 2024.

BETHÂNIA, Maria. Fera Ferida. In: VÁRIOS artistas. **Fera Ferida**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1993. 1 disco sonoro. Faixa A7.

BÍBLIA. Gênesis 2:24. In: **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 6. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, diversidade e subjetividade nômade. **Labrys: Estudos Feministas**. Brasília, n. 1-2, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem>. Acesso em: 16 jun. 2024.

BRITO, Valéria Cristina de Albuquerque et al. Prevalência de depressão autorreferida no Brasil: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 e 2013. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, [S. l.], v. 31, p. 1-12, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SS2237-9622202200006.especial>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BROW, Brené. **A Coragem de ser Imperfeito**: Como aceitar a própria vulnerabilidade, vencer a vergonha e ousar ser quem você é. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

BRUM, Joice; BARROS, Nivea. Silenciamentos: A violência contra crianças e adolescentes, a violência de gênero contra meninas e o contexto brasileiro. In: MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza. **Relações de Gênero e a Subjetividade em Contextos Culturais**. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/ebook/relacoes-de-genero-e-as-subjetividades-em-contextos-culturais>. Acesso em: 13 jun. 2024.

BUTLER, Judith. Corpos que importam/Bodies that matter. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 12-16, 2015. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/9979>. Acesso em: 13 jun. 2024.

BUTLER, Judith. Vida Precária. **Contemporânea**: Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 1 n. 1, p.13-33, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/18>. Acesso em: 14 jun. 2024.

CARVALHO, Sônia Marise; INOCÊNCIO, Nelson; EUZÉBIO, Umberto; ZUCHIWSCHI, José. A Diretoria da Diversidade na Universidade de Brasília (UnB) e sua importância para o campo dos estudos feministas e gênero. In: STEVENS, Cristina Maria Teixeira; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska. **Estudos feministas e de gênero**: articulações e perspectivas, 2014, p. 522-533.

CASTILLO, Ana Regina Geciauskas Lage et al. Transtornos de ansiedade. **Brazilian Journal of Psychiatry**, Porto Alegre, v. 22, p. 20-23, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/dz9nS7gtB9pZFY6rkh48CLt/#>. Acesso em: 13 jun. 2024.

CASTILLO, Ana Regina GL; RECONDO, Rogéria; ASBAHR, Fernando R.; MANFRO, Gisele G. Transtornos de ansiedade. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, [S. l.], v. 22, p. 20-23, dez. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/dz9nS7gtB9pZFY6rkh48CLt/?lang=pt&format=html#>. Acesso em: 15 jun. 2024.

CAZUZA. Malandragem. Intérprete: Cássia Eller. In: ELLER, Cássia. **Cássia Eller**. [S. l.]: PolyGram, 1994. 1 CD. Faixa 2.

CORDEIRO, Ana Luisa Alves; AUAD, Daniela. Estratégias de Resistência de Negras Cotistas Lésbicas e Bissexuais. **Estudos Feministas**, [S. l.], v. 29, n. 3, p. 1-13, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/Q4nLGF5Q5nRDkzrpP6Vg8RH/#>. Acesso em: 14 jun. 2024.

CORDEIRO, Ana Luisa Alves; COSTA, Candida Soares da; SANTOS, Sérgio Pereira dos. “Não ando só”: afirmação na pós-graduação, negritudes e os potenciais intelectuais que o racismo desperdiça. **Revista UFG**, Goiânia, v. 21, n. 27, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/69197>. Acesso em: 14 jun. 2024.

COSTA, Claudia de Lima; ÁVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, A consciência mestiça e o "feminismo da diferença". **Estudos Feministas**, v. 13, n. 3, p. 691–703, set. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/R4rf3YG4z6ZMhTkLcVQQkPG/#>. Acesso em: 13 jun. 2024.

COSTA, Gal. Divino, maravilhoso. In: COSTA, Gal. **Gal Costa**. [S. l.]: Philips, 1969. 1 disco sonoro. Faixa B2.

COSTA, Luisa Brandão; COSTA, Julia Pagano; KAHHALE, Edna Maria S Peters; BRAMBILLA, Beatriz Borges. Ansiedade Ou Cisheteronormatividade? Um Estudo De Caso Na clínica Em Psicologia sócio-histórica: Ansiedade Ou Cisheteronormatividade?. **Mosaico: Estudos em Psicologia**, v. 11, n. 1, p. 65-82, abr. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/37547>Acesso: 15 jun. 2024.

COSTA, Priscila. Um contrato de heterossexualidade: a quem serve? **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 9, p. 500-511, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/8918>. Acesso em: 13 jun. 2024.

CRUZ, Hizabella de Andrade Barros; OLIVEIRA, Laize Cedraz de; ARAÚJO, Roberta Lima Machado de Souza. Homossexuais e sofrimento psíquico - homofobia em contexto intrafamiliar. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, Brasil, v. 8, n. 3, p. 377–387, 2019. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/2538..> Acesso em: 20 jun. 2024.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

DAVIS, Angela. As mulheres negras na construção de uma nova utopia. In: JORNADA CULTURAL LÉLIA GONZALES, 1., 13 dez. 1997, São Luís (MA). **Conferência...** São Luís (MA): Centro de Cultura Negra do Maranhão; Grupo de Mulheres Negras Mãe Andreza, 1997. Transcrição: Portal Geledés, 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

DE LAURETIS, Tereza. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org). **Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 121-155.

DIAS, Diego Madi. Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 43, p. 475–497, jul. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/vYNRnLTFHvh6fhCRw5H86tB/#>. Acesso em: 13 jun. 2024.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/QPr8CLHy4XhdJsChj7YW7jh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2024.

DUNCAN, Zélia. Cathedral (Cathedral Song). In: DUNCAN, Zélia. **Zélia Duncan**. [S. l.]: Warner Brasil, 1994. 1 CD. Faixa 5.

FONSECA, Rafaela Aparecida Gonçalves da; RIBEIRO, Débora Inácia. Início do movimento político LGBT no Brasil, cultura e visibilidade de identidades sexuais femininas. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 94739-94749, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/21070>. Acesso em: 13 jun. 2024.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 14. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977.

FRANCISCO, Leilane Camila Ferreira de Lima et al. Ansiedade em minorias sexuais e de gênero: uma revisão integrativa. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 69, n. 1, p. 48–56, jan. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/gwKpPNSBpdzvNbR6fCY5V7S/?lang=pt#>. Acesso em: 14 jun. 2024.

FREITAS, Lorena Rodrigues Tavares de. A importância do reconhecimento social na construção da identidade sexual de mulheres não heterossexuais no sul da Bahia. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 64, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/vM4Xvwpgq9w5Y4ht9sXbBNG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 jun. 2024.

FROST, David M.; LEHAVOT, Keren; MEYER, Ilan H. Minority stress and physical health among sexual minority individuals. **Journal of Behavioral Medicine**, [S. l.], v. 38, p. 1-8, 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3895416/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

GONZAGA, Paula Rita Bacellar. "A gente é muito maior, a gente é um corpo coletivo": produções de si e de mundo a partir da ancestralidade, afetividade e intelectualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais. 2019. 347 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Disponível em: 2019. <http://hdl.handle.net/1843/32730>. Acesso em: 15 jun. 2024.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7395422/mod_resource/content/1/GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso em: 14 jun. 2024.

GÓRSKA, Magdalena. **Breathing Matters: Feminist Intersectional Politics of Vulnerability**. Linköping: LiU – Tryck, 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2002.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 13 jun. 2024.

hooks, bell **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9160-pesquisa-nacional-de-saude.html>. Acesso em: 15 jun. 2024.

JESUS, Carolina Maria de. O drama da favela escrito por uma favelada. **Folha da Noite**, p. 9, 9 maio 1958.

KILOMBA, Grada. A Máscara. **Cadernos de Literatura em Tradução**, [S. l.], n. 16, p. 171–180, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115286>. Acesso em: 14 jun. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação: memórias do racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEITE, Kelen Christina. A (in) esperada pandemia e suas implicações para o mundo do trabalho. **Psicologia & Sociedade**, [S. l.], v. 32, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/5kJx53cdZNMrdWfrnNW76cD/#>. Acesso em: 14 jun. 2024.

LESSA, Patrícia. O que é lesbianismo. **Em Tempo de Histórias**, [S. l.], n. 09, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/20111>. Acesso em: 14 jun. 2024.

LONGHINI, Geni Daniela Núñez. **Mãe (nem) sempre sabe: existências e saberes de mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais**. 2018. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/189944/PPSI0782-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 jun. 2024.

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e ação. In: LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução de Stephanie Bordes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 51-55.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Tradução de Stephani Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LORDE, Audre. Mulher. In: LORDE, Audre. **The Black Unicorn**: Poems. Tradução de Thamires Zabotto. 2. ed. Nova York: W. W. Norton & Company, 1995, p. 52.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 235-236.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, [S. l.], n. 3, v. 22, p. 935-952, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em: 13 jun. 2024.

MAGNO, Patrícia Carlos; PASSOS, Rachel Gouveia. (Orgs.). **Direitos humanos, saúde mental e racismo**: diálogos à luz do pensamento de Frantz Fanon. Rio de Janeiro: Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://defensoria.rj.def.br/uploads/arquivos/dc324a5ca46949149aa02ba14bcb7fb7.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2024.

MATOSO, Leonardo Magela Lopes; OLIVEIRA, Agostina Mafalda Barra de. O efeito da música na saúde humana: base e evidências científicas. **Revista Ciência e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 10, n. 2, jan. 2017.

MBEMBE, Achille. O direito universal à respiração. **N-1 Edições**, v. 20, p. 1-13, 2020. Disponível em: https://pospsi.com.br/wp-content/uploads/2020/09/TEXTOS_20-achille-mbembe.pdf. Acesso em: 14 jun. 2024.

MELO, Dayana Souza de; SILVA, Bianca Luna da; MELLO, Rosâne. A sintomatologia depressiva entre lésbicas, gays, bissexuais e transexuais: um olhar para a saúde mental. **Revista Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 27, p. 1-8, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerj/article/download/41942/30990/0>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MENDONÇA, Viviane Melo de. **Um dia você vai sentir na própria carne**: afetos, memória, gênero e sexualidade. Paco: Jundiaí, 2020.

MENDONÇA, Viviane Melo de; LEITE, Kelen Christina. (Orgs.). **Estudos de Gênero, Diferenças e Sexualidades**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020.

MENDONÇA, Viviane Melo de; LEITE, Kelen Christina. O ritmo e a poesia de uma rapper lésbica nas lutas sociais. **Estudos Feministas**, [S. l.], v. 29, n. 3, p. 1-13, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/nTPBJmwB98ZmTDQFprMP7vP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 jun. 2024.

MESQUITA, Daniele Trindade; PERUCCHI, Juliana. Não apenas em nome de Deus: discursos religiosos sobre homossexualidade. **Psicologia & Sociedade**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 105–114, jan. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/kkcQJggKT3GTTWpLggHDXSb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 jun. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, p. 150-182, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/BkRJyv9GszMddwqpncrJvdn/?format=html#>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MODESTO, Edith. **Homossexualidade, preconceito e intolerância: Análise semiótica de depoimentos**. 2010. 296 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-09022011-103046/publico/2010_EdithLopesModestodosSantos.pdf. Acesso em: 14 jun. 2024.

MODESTO, Edith. Os LGBT's e as relações familiares. **Cadernos de Estudos EDESP: Assistência Social em Debate - Série Dialogando** 2016, São Paulo, n. 3, p. 68-71, 2017. Disponível em: <https://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/1967.pdf#page=68>. Acesso em: 14 jun. 2024.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MYERS, David G. **Psicología**. Buenos Aires: Ed. Médica Panamericana, 2006.

NASCIMENTO, Rosânia do. COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Pós - Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 7, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/29460>. Acesso em: 20 jun. 2024.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 21, p. 115-132, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/LQHjv7CsL3dNGrXzDmMBFzv/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

NATIVIDADE, Marcelo. Uma homossexualidade santificada?: Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. **Religião & Sociedade**, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 90–121, 2010. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/JwDwM3nzMBmY6js57YBmn7P/#>. Acesso em: 15 jun. 2024.

NATIVIDADE, Marcelo; DE OLIVEIRA, Leandro. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia (s) em discursos evangélicos conservadores. **Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana**, [S. l.], n. 2, p. 121-161, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/SexualidadSaludySociedad/article/view/32>. Acesso em: 15 jun. 2024.

NUNES, Sued. Povoada. In: NUNES, Sued. **Travessia**. Muritiba (BA): Mugunzá Records, 2021, faixa 12.

OMS. Organização Mundial da Saúde [World Health Organization]. Mental health: a state of well-being. **WHO**, ago. 2014. Disponível em: http://www.who.int/features/factfiles/mental_health/en/. Acesso em: 15 jun. 2024.

PAVELTCHUK, Fernanda de Oliveira; BORSA, Juliane Callegaro; DAMÁSIO, Bruno Figueiredo. Apoio Social, Resiliência, Estresse de Minorias e Saúde Mental de Mulheres Lésbicas e Bissexuais. **Psico-USF**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 403–414, jul. 2020.

PEREIRA, Vitoria. Brasil é o 2º país que mais busca por ansiedade na internet, atrás apenas da Ucrânia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10. out. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2023/10/brasil-e-o-2o-pais-que-mais-procura-sobre-ansiedade-atras-apenas-da-ucrania.shtml>. Acesso em: 15 jun. 2024.

PERES, Milena Cristina Carneiro; SOARES, Suane Felipe; DIAS, Maria Claro Marques. **Dossiê sobre Lesbocídio no Brasil**: de 2014 até 2017. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018.

POJAR, Giovanna Bucioi; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Um corpo que arde: corporeidade e produção de subjetividade em Clarice Lispector. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 20, n. 1, p. 1-12, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692020000100001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 jun. 2024.

PORTINARI, Denise Berruezo. **O discurso da homossexualidade feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PRADO, Adélia Prado. Com Licença Poética. In: PRADO, Adélia. Adélia Prado: **Poesia reunida**. 6. ed. São Paulo: Siciliano, 1996. p. 11.

PRADO, Adelia. Com Licença Literária (1976). Cultura Genial. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/poemas-adelia-prado/>. Acesso em: 16 mar. 2023.

QUINTANA, Mário. Quem faz um poema. In: QUINTANA, Mário. **Poesia completa de Mário Quintana**. Porto Alegre: Editora Globo, 2001, p. 58.

RAZZOUK, Mateus. Bolsonaro em 25 frases polêmicas. **CartaCapital**, São Paulo, 8 jul. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso em: 10 fevereiro 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen Livros, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Karoline de Souza; OLIVEIRA, Eliane Basilio de. A representação lésbica na publicidade. **Dito Efeito**: Revista de Comunicação da UTFPR, Curitiba, v. 9, n. 14, p. 87-101, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/de/article/view/9024>. Acesso em: 14 jun. 2024.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 14 jun. 2024.

SALGADO, Ana Paula Alves. **A religiosidade no cuidar de enfermagem**. Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006

SANTOS, Juciara Alves dos. Sofrimento psíquico gerado pelas atrocidades do racismo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 10, n. 24, p. 148–165, 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/578>. Acesso em: 14 jun. 2024.

SANTOS, Milton Silva dos. Sexo, gênero e homossexualidade: o que diz o povo-de-santo paulista? **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 145-156, jun. 2008. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/444>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SANTOS, Nathaliê Cristo Ribeiro. Lesbofobia intrafamiliar e proteção social. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 12., 2021, Florianópolis. **Anais Eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2021. Disponível em: https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1630073387_ARQUIVO_56275e80d09307679f7e9e7749361740.pdf. Acesso em: 02 mar. 2023.

SCHULMAN, Sarah. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2312>. Acesso em: 14 jun. 2024.

SCHWADE, Elisete. Heterossexualidade compulsória e continuum lesbiano: diálogos. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2311>. Acesso em: 14 jun. 2024.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19–54, jan. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 14 jun. 2024.

SERRANO, Layane. Mais de 60% dos brasileiros têm nível alto de ansiedade. Veja em qual nível você pode estar. **Revista Exame**, São Paulo, 10 set. 2023. Disponível em: <https://exame.com/carreira/mais-de-60-dos-brasileiros-tem-nivel-alto-de-ansiedade-veja-em-qual-nivel-voce-pode-estar/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SHOTTER, John. **Becoming someone**: Identity and belonging. Newbury Park, CA: Sage, 1993.

SILVA, Larissa Batista da; CALAIS Lara Brum de. A performance da feminilidade e passabilidade em mulheres LBTs. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 146-167, ago./dez. 2019.

SILVA, Naiara Regner da et al. A heteronormatividade e a saúde de mulheres bissexuais e lésbicas universitárias. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 501–514, 2022. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/5962>. Acesso em: 16 jun. 2024.

SILVA, Paulo César Pinheiro da; ALMEIDA, Sueli Costa. Cartas de Amor. Intérprete: Maria Bethânia. In: BETHÂNIA, Maria. **Carta de Amor**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2012. 1 CD. Faixa 26.

SILVA, Zuleide Paiva; ARAUJO, Rosangela Janja Costa. Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra-hegemônica. **Estudos Feministas**, [S. l.], v. 29, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/c85GVd3fx8rVtJ5WfxyBnsy/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SOARES, Gilberta Santos; COSTA, Jussara Carneiro. Feminismo e lesbianismo: quais os desafios. **Labrys: Estudos Feministas**, Campinas, v. 1, n. 2, 2002.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SOUZA, Tânia Lara Marcelino; GONÇALVES, Aline Najara da Silva. “**Lésbica futurista, sapatona convicta**”: da abjeção ao ser político. *Discentis: Revista Científica da Universidade do Estado da Bahia-Campus XVI, Irecê*, v. 8, n. 1, p. 27-36, jun./dez. 2020. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/discentis/article/view/7247/pdf_1. Acesso em: 14 jun. 2024.

SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. v. 2. São Paulo: Cortez, 1999.

SPINK, Mary Jane; GIMENES, Maria da Gloria G. Práticas discursivas e produção de sentido: apontamentos metodológicos para a análise de discursos sobre a saúde e a doença. **Saúde e Sociedade**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 149–171, 1994. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/wNf4HcfnwDqnyCwxYrMwk5P/#>. Acesso em: 14 jun. 2024.

STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska. **Estudos feministas e de gênero**: articulações e perspectivas. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2014.

SWAIN, Tania Navarro. Corpos construídos, superfícies de significação, processos de subjetivação. **Intervenções Feministas**, [S. l.], p. 1-23, 2009. Disponível em: https://intervencoesfeministas.mpbnet.com.br/textos/tania-corpos_construidos.pdf. Acesso em: 14 jun. 2024.

TAGLIAMENTO, Grazielle; SILVA, Saymon Souza Correa da; SILVA, Denise Barcelos da; MARQUES, Giovanna de Souza; HASSON, Rebeca; SANTOS, Gabrielli Eduarda dos. Minha dor vem de você: uma análise das consequências da LGBTfobia na saúde mental de pessoas LGBTs. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 77–112, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/34558>. Acesso em: 15 jun. 2024.

TOLEDO, Livia Gonsalves; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 3, p. 376-391, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000300005&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 14 jun. 2024.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Palo: Ubu, 2019.

VOLCAN, Sandra Maria Alexandre et al. Relação entre bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores: estudo transversal. **Revista de Saúde Pública**, [S. l.], v. 37, p. 440-445, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/rsp/2003.v37n4/440-445/pt>. Acesso em: 15 jun. 2024.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

YUKA, Marcelo; JORGE, Seu; CAPPELLETTI, Ulisses. A Carne. In: SOARES, Elza. **Do Cóccix Até o Pescoço**. Rio de Janeiro: Maianga Discos, 2002. 1 CD. Faixa 2.

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE PÓS GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Resolução CNS 510/2016)
RESPIRAR COMO DIREITO DE EXISTIR:
EPISTEMOLOGIA DO ARMÁRIO E TRAJETÓRIAS DE VIDA DE MULHERES
LÉSBICAS

Eu, Simone Silveira Moraes, estudante do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar convido a Sra. xxx a participar da pesquisa “Respirar como Direito de Existir: Epistemologia do Armário e Trajetórias de Vida de Mulheres Lésbicas.” orientada pela Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça.

Os objetivos desta pesquisa são: analisar a relação entre saúde mental e a experiência vivida de saída do armário nas trajetórias de vidas narradas por mulheres lésbicas; identificar nas práticas discursivas produzidas por mulheres lésbicas como são narradas as experiências de refúgios e saídas do armário no contexto das suas relações com outras mulheres da família e se e como as experiências familiares podem afetar a saúde mental das mulheres lésbicas.

Você foi selecionada por ser uma mulher que se autodefine lésbica, residente na região de Sorocaba. A entrevista será individual e realizada no local a ser definido por você, existindo a possibilidade de outras entrevistas serem realizadas, conforme necessidade. As perguntas não serão invasivas à intimidade da participante, entretanto, esclareço que a participação na pesquisa pode gerar estresse e desconforto como resultado de memórias desencadeadas durante o processo de respostas. Diante dessas situações, as participantes terão garantidas pausas nas entrevistas, a liberdade de não responder as perguntas quando a considerarem constrangedoras, podendo interromper a entrevista a qualquer momento.

Sua participação nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões em benefício da saúde emocional de mulheres lésbicas. Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro pela sua participação. A qualquer momento a senhora poderá desistir

de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo profissional, seja em sua relação ao pesquisador ou à Universidade Federal de São Carlos.

Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. Caso haja menção a nomes, a eles serão atribuídas letras ou outros nomes, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFSCar, que, vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem a responsabilidade de garantir e fiscalizar que todas as pesquisas científicas com seres humanos obedeçam às normas éticas do País, e que os participantes de pesquisa tenham todos os seus direitos respeitados. O CEP-UFSCar funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís, km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP. E-mail: cephumanos@ufscar.br. Telefone (16) 3351-9685. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30

Solicito sua autorização para gravação em áudio da entrevista, sendo a mesma transcrita posteriormente pela própria pesquisadora. Uma cópia do áudio de gravação poderá ser encaminhada para a participante, se assim desejar. O áudio da gravação será apenas acessado pela pesquisadora, ou seja, ninguém (além da participante se assim desejar) terá permissão para sua audição.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento.

Dados para contato

Pesquisador Responsável: Simone Silveira Moraes

Endereço: Dr. Moreira Salles, 270 Vila Assis / Sorocaba - SP

Contato telefônico: (15) 98181-2228. E-mail: ssm.moraes09@gmail.com

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Sorocaba) / Telefone: (15) 991428450

Centro de Ciências Humanas e Biológicas.

Pós-graduação em Estudos da Condição Humana.

Orientadora: Professora Dra. Viviane Melo de Mendonça

E-mail: viviane@ufscar.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data:

Nome do Pesquisador Nome do Participante

APÊNDICE 3 - FICHA DE ADOTAÇÃO: Resultado da Pesquisa Bibliográfica sobre Dissertações e Teses.

Autor/a e Título	Ano	Área da Pós-graduação	Tema	Modalidade
AIRES, L. M. A. Gestando afetos, concebendo famílias: reflexões sobre maternidade lésbica e reprodução assistida em Aracaju-SE. https://ri.ufs.br/handle/riufs/3166	2012	UFS Antropologia Social	Maternidade lésbica	Dissertação
ALENCAR, J. G. Acordos e colisões: família, sexualidade e lesbianidade. https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/27451	2019	UFRN Antropologia Social	Armário Família	Dissertação
ALMEIDA, R. M. Identidades e Economia : valorizando o papel de subjetividades não-hegemônicas na pesquisa acadêmica e nas vivências cotidianas de trabalhadoras lésbicas e bissexuais. https://repositorio.unb.br/handle/10482/39943	2020	UNB Economia	Trabalho	Dissertação
AMORIM, A. C. H. Nós já somos uma família, só faltam os filhos: maternidade lésbica e novas tecnolguas reprodutivas no Brasil. https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106913	2013	UFSC Antropologia Social	Maternidade lésbica	Dissertação
AMORIM, A. C. H. Novas tecnologias reproduzidas e maternidades lésbicas no Brasil e na França: conexões entre parentesco, tecnologia e política. https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/193207	2019	UFSC Antropologia Social	Maternidade lésbica	Tese
AULER, L. B. Histórias de resistência e (in)visibilidades : a artista lésbica como protagonista na construção de imagens de mulheres que amam mulheres. https://lume.ufrgs.br/handle/10183/216392	2019	UFRGS Artes Visuais	Trajetória de vida Arte	Dissertação
BEZERRA, A. P. Eu, você, elas, nós: performando narrativas de amor entre mulheres. https://www.btd.uerj.br:8443/handle/1/7425	2018	UERJ Artes	Relações amorosas	Dissertação
BEZERRA, D. M. Prostitutas entendidas: o que entender? https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/13556	2009	UFRN Ciências Sociais	Prostituição	Dissertação
BRAGA, K. D. D. S. Lesbianidades, performatizações de gênero e trajetória educacional. https://repositorio.unesp.br/handle/11449/182069	2019	UNESP Educação	Trajetória educacional	Tese
CAMILO, A. A. Um estudo dialógico sobre narrativas identitárias de mulheres jovens no contexto de coletivos lésbicos-bissexuais feministas. https://repositorio.unb.br/handle/10482/8534	2010	UNB Processo de Desenvolvimento Humano e Saúde	Narrativas identitárias Jovens Coletivos	Dissertação
CANCISSU, C. R. P. Lésbicas, família de origem e família escolhida: um estudo de caso. https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15593	2007	PUCSP Psicologia	Família	Dissertação
CAROLINA DE, S. Câncer de mama em mulheres lésbicas: significados atribuídos por pacientes e suas parceiras ao adoecimento e ao tratamento oncológico. https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-12122019-104447/pt-br.php	2019	USP Psicologia em Saúde e Desenvolvimento	Câncer de Mama	Dissertação

COSTA, J. M. B. Do lilás ao roxo: violências nos vínculos afetivo-sexuais entre mulheres. https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10131	2013	UFPE Psicologia	Violência Relações afetivas-amorosas	Dissertação
DANTAS, A. J. L. Narrativas de histórias de vida de idosas lésbicas: interseccionalidade entre velhice, gênero e sexualidade. https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/57519?locale=en	2021	UFC Psicologia	Trajetórias de vida Velhice	Dissertação
FABIANA MARA, E. Impactos da heteronormatividade sobre a conjugalidade lésbica: uma análise psicanalítica a partir do relato de mulheres separadas. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-16082016-104310/pt-br.php	2016	USP Psicologia	Conjugalidade	Tese
FERREIRA, C. C. M. Memórias Afetográficas: autonarrativas de um corpo- sapatão. http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/xmlui/handle/123456789/16349	2021	PUCAMP Linguagem, Mídia e Arte	Memórias Fotografia	Dissertação
FREITAS, A. P. F. D. Necessidades de saúde de mulheres que fazem sexo com mulheres e acesso a serviços de saúde. https://repositorio.unesp.br/handle/11449/150404	2017	UNESP Enfermagem	Saúde	Dissertação
GABRIELLE MANSUR, A maternidades lésbicas e subversividades: identidades de gêneros em contextos adversos. https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/5104	2021	UFMS Educação	Maternidade lésbica	Dissertação
GARCIA, N. D. P. R. "Não vai adiantar a sua cara de sapatão": estudo sobre o acesso de mulheres lésbicas a atenção primária à saúde no Distrito Federal. https://repositorio.unb.br/handle/10482/43572	2021	UNB Serviço Social	Saúde	Dissertação
GODOY, R. M. D. Encontros prazerosos: modos e estilos de vida de mulheres lésbicas em Florianópolis. https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/81624	2001	UFSC Psicologia	Trajetórias de vida	Dissertação
GOMES, M. C. D. A. Tambores e corpos sáficos: uma etnografia sobre corporalidades de mulheres com experiências afetivo-sexuais com mulheres da cidade de Fortaleza. https://www.bdt.uerj.br:8443/handle/1/4147	2013	UERJ Saúde Coletiva	Relações afetivo-sexuais	Dissertação
GUIMARÃES, A. F. P. Uma lésbica é uma mulher? vozes e silêncios. https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/14306/1/Anderson.pdf	2023	UFBA Interdisciplinar Mulheres, Gênero e Feminismo	Identidade	Dissertação
INACIO, C. L. S. Guerreiras afro-atlânticas: mulheres refugiadas em busca de sua outra no Brasil. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11280	2019	UFSCar Educação	Refúgio	Dissertação
JOSEFINA RAQUEL, C. Banheiros públicos como demarcação de fronteiras identitárias: experiências de mulheres lésbicas em São Paulo. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-13062019-192150/pt-br.php	2019	USP Estudos Culturais	Identidade	Dissertação
JULIANA LUIZ, R. Estereótipos de gênero e cuidado em saúde sexual de mulheres lésbicas e bissexuais. https://teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-30102013-161035/pt-br.php	2011	USP Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade	Saúde	Dissertação
LIEBGOTT, C. B. Posso te contar histórias de mulheres como eu? os ativismos on-line de jovens lésbicas e a construção de suas identizações. https://lume.ufrgs.br/handle/10183/254850	2022	UFRGS Educação	Identidade	Dissertação
LIMA, M. A. S. D. Vulnerabilidade e prevenção às DST's nas práticas afetivo-sexuais de lésbicas.	2016	UFPB Saúde	Saúde	Dissertação

https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8184		Psicologia		
LIMA, M. M. Entre elas: cartografias dos devires amorosos. https://repositorio.unesp.br/handle/11449/97609	2009	UNESP Psicologia	Relações afetivas-sexuais	Dissertação
LIMA, V. B. C. D. Mentir pra si mesmo é sempre a pior mentira : a heteronormatividade na narrativa da trajetória escolar de mulheres lésbicas e bissexuais. https://www.btd.uerj.br:8443/handle/1/10704	2006	UERJ Educação	Trajetória de Vida	Dissertação
LIRA, A. N. D. A vivência do projeto parental das famílias homeoeróticas femininas: uma investigação fenomenológica sartreana. https://uol.unifor.br/ou/conteudosite/F1066341657/Dissertacao.pdf	2012	UNIFOR Psicologia	Maternidade lésbica	Dissertação
LIVALTER, A. L. A. A Percepção das mulheres lésbicas sobre o cuidado na estratégia saúde da família.	2019	UFC Saúde da Família	Saúde	Dissertação
LONGHINI, G. D. N. Mãe (nem) sempre sabe: existências e saberes de mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais. https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/189944	2018	UFSC Psicologia	Armário	Dissertação
LOPES, S. F. P. Educação, comunicação e extensão: cine sapatão e roda LesBiTrans como estratégias de socialização e transgressão de mulheres lésbicas. https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/14497	2022	UFJF Educação	Extensão	Tese
LÚCIO, F. P. D. S. Representações sociais sobre a maternidade no contexto social heteronormativo construídas por mães lésbicas.	2016	UFPE Enfermagem	Maternidade lésbica	Dissertação
MACEDO, A. C. B. Colonialidade da sexualidade : uma análise comparada e colaborativa sobre violência em relações lésbicas em Bogotá, Brasília e Cidade do México. https://repositorio.unb.br/handle/10482/39418	2020	UNB	Violência Relações afetiva-sexuais	Tese
MACIEL, P. D. Lésbicas e professoras: modos de viver o gênero na docência.	2014	UFPEl Educação	Docência	Tese
MARIA EDUARDA CAVADINHA, C. Duas mães? Mulheres lésbicas e maternidade. https://teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-29042012-124625/pt-br.php	2012	USP Saúde Pública	Maternidade lésbica	Tese
MARQUES, L. H. D. O. Mulheres que amam mulheres: direitos humanos, territórios e visibilidade. https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22710	2021	UFPB Direitos Humanos	Direitos Humanos	Dissertação
MEDEIROS, T. G. O que eu sei, o que eu acho e o que me disseram: diálogos com jovens sobre lesbianidades. https://repositorio.furg.br/handle/1/6404	2015	UFRN História	Juventude Visibilidade armário	Dissertação
MEINERZ, N. E. Mulheres e masculinidades: etnografia sobre afinidades de gênero no contexto de parcerias homoeróticas entre mulheres de grupos populares em Porto Alegre. https://lume.ufrgs.br/handle/10183/54072	2011	UFRGS Antropologia Social	Relações afetivo-sexuais	Tese
MEIRELES, A. C. Políticas públicas sobre diversidade sexual na educação e vivências pedagógicas de professoras lésbicas na escola: notas sobre a cidade de Vitória. http://repositorio.ufes.br/handle/10/6535	2012	UFES Política Social	Políticas públicas Docência	Dissertação

MELO, M. S. P. Formas de violência contra mulheres lésbicas: um estudo sobre percepções, discursos e práticas. https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12833	2015	UFPB Sociologia	Lesbofobia	Dissertação
MELONI, L. M. Conjugalidade lésbica na terceira idade: perspectivas apresentadas sob o olhar da literatura e das narrativas pessoais. https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/36317	2022	UFU Psicologia	Conjugalidade Velhice Relações afetivo-sexuais	Dissertação
MEZZARI, D. C. D. Amar é ter uma ética afetiva, é ter esse cuidado com o outro: narrativas sobre amores e lesbianidades. https://repositorio.unesp.br/handle/11449/150335	2017	UNESP Psicologia	Relações amorosas Relações Afetivo-sexuais	Dissertação
MOCHI, L. C. C. Maternidades lésbicas e educação: “rabiscar” como produção de sentidos. https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/12917	2021	UFJF Educação	Maternidade Lésbica	Dissertação
MONTEIRO, L. F. Rompendo o silêncio : homofobia e heterossexismo nas trajetórias de vida de mulheres. https://lume.ufrgs.br/handle/10183/17831	2009	UFRGS Psicologia	Lesbofobia Trajetórias de vida	Dissertação
MORA CÁRDENAS, C. M. Vulnerabilidad al VIH/Sida: sociabilidad y trayectorias de mujeres jóvenes con prácticas homoeróticas en Rio de Janeiro. https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/2376	2009	Fiocruz Saúde Pública	Trajetórias de vida Relações afetivo-sexuais	Dissertação
MOTTER, J. P. J. Falar do ódio fora do ódio: testemunho de ativistas lésbicas sobre o discurso de ódio nas redes sociais. http://repositorio.unb.br/handle/10482/34284	2018	UNB Direitos Humanos	Lesbofobia Ativismo	Dissertação
MÔNICA SALDANHA, C. Processos de identificação lesbiana no espaço universitário: pertencimentos, acolhimentos, reelaboração, disputas e politizações. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48137/tde-18022022-102648/pt-br.php	2021	USP Educação	Identidade Universidade	Dissertação
NASCIMENTO, T. M. D. Trajetórias de professoras negras lésbicas no ensino público: rompendo o ciclo de silêncios. http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/9254	2020	UNISINOS Educação	Trajetórias de vida Lésbicas negras Docência	Dissertação
NÓBREGA, F. S. D. Significados de consumo de lazer e o bem-estar subjetivo de mulheres lésbicas. https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21934	2021	UFPB Administração	Lazer Bem-estar	Dissertação
OLIVEIRA, J. G. D. Regimes de visibilidade e reconhecimento dos modos de vida de mulheres maduras que se relacionam afetiva e/ou sexualmente com mulheres em João Pessoa, PB. https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229048	2020	UFSC Antropologia Social	Visibilidade Identidade	Tese
OLIVEIRA, L. F. D. Imposição hétero, interdição lésbica: a heterossexualização de mulheres. https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33796	2020	UFBA Estudos Interdisciplinares Gênero, Mulher e Feminismos	Identidade Lesbofobia	Dissertação
OLIVEIRA, R. C. R. J. D. O direito à cidade para o exercício da sexualidade de mulheres lésbicas : uma questão de direitos humanos. https://repositorio.unb.br/handle/10482/39230	2020	UNB Sociologia	Direito à Cidade Direitos Humanos	Dissertação
OLIVEIRA, S. V. D. Diário de Lesboafetos: uma escrita fotográfica de si.	2018	UFRJ	Escrita de si	Dissertação

https://www.btd.uerj.br:8443/handle/1/7419		Artes	Identidade Fotografia/Arte	
PARENTI, A. B. H. Conhecimentos e práticas de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e aids de mulheres que fazem sexo com mulheres. https://repositorio.unesp.br/handle/11449/204491	2021	UNESP Saúde Coletiva	Saúde sexual	Dissertação
PAULA GALDINO CARDIN DE, C. Homoparentalidade feminina: nuances da assistência à saúde durante concepção, gravidez, parto e pós-parto. https://teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-12042018-143259/pt-br.php	2018	USP Saúde Pública	Maternidade Lésbica	Tese
PAULA RITA BACELLAR, G. "A gente é muito maior, a gente é um corpo coletivo": produções de si e de mundo a partir da ancestralidade, afetividade e intelectualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais. https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/32730	2019	UFMG Psicologia	Identidade Lésbicas Negras Bissexuais Negras	Tese
PEREIRA, A. G. Sapato é só para os íntimos: a construção do vínculo no cuidado à saúde de mulheres lésbicas e bissexuais. https://repositorio.unifesp.br/xmlui/handle/11600/62099	2021	UNIFESP Saúde Coletiva	Saúde	Dissertação
PEREIRA, A. M. Lesbianidade: um assunto muito familiar! http://repositorio.ufal.br/handle/riufal/976	2008	UFAL Sociologia	Família	Dissertação
PIASON, A. D. S. Mulheres que amam mulheres : trajetórias de vida, reconhecimento e visibilidade social? https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/4879	2008	PUCRS Psicologia	Trajetórias de vida Visibilidade Identidade	Dissertação
PONTES, C. D. M. C. De luz e de sombra: as múltiplas tessituras do devir lésbico. http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/10238	2019	UFCG Ciências Sociais	Visibilidade/Armário	Tese
PONTES, M. F. Filhas e filhos de mães lésbicas: caminhos e margens no Brasil e na França. https://www.btd.uerj.br:8443/handle/1/15044	2019	UERJ Psicologia	Maternidade Lésbica	Tese
PORFÍRIO, R. D. S. Caledoscópicas subversões e resistências lesbianas em Campina Grande-PB. http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/1257	2018	UFCG Ciências Sociais	Ativismo Identidade	Dissertação
RABELO, J. O. C. C. Teias e tramas: performances, melancolia e violências em relacionamentos conjugais entre lésbicas. http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/870	2015	UNICAP Psicologia Clínica	Relações afetivo-sexuais	Tese
RIBEIRO, D. M. Direitos humanos e lesbianidade em Goiás: um estudo sobre discursos e mulheres "candidatas a cidadãs". https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3935	2014	UFG Direitos Humanos	Direitos Humanos	Dissertação
RIL, S. Y. Experiências de gestação e parto de mulheres lésbicas e bissexuais. https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/230878	2020	UFSC Saúde Coletiva	Maternidade lésbica	Dissertação
ROBINSON, A. K. Aspectos psicossociais relacionados à satisfação corporal de lésbicas e mulheres bissexuais brasileiras. https://lume.ufrgs.br/handle/10183/239088	2021	UFRGS Psicologia	Identidade Corpo	Dissertação

RODRIGUES, M. A. L. Narrativas insurgentes de mulheres negras lésbicas acerca dos efeitos das discriminações em seu bem-estar subjetivo. https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36625	2022	UFBA Psicologia	Lesbofobia Racismo Lésbicas negras Trajetórias de vida	Dissertação
ROSENO, C. D. P. Trajetórias de professoras lésbicas na educação básica: saberes docentes como resistência. https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/14203	2022	UFJF Educação	Docência	Tese
SOUZA, M. Mulher negra lésbica: a fala rompeu o seu contrato e não cabe mais espaço para o silêncio. https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=18428@1	2011	PUC-Rio Serviço Social	Lésbica negra Racismo Trajetórias de vida	Dissertação
SANTOS, A. C. D. "Tudo aquilo que sou perpassa a minha existência enquanto mulher e lésbica": narrativas de professoras lésbicas das Instituições de Ensino Superior do Amapá. http://repositorio.unifap.br/jspui/handle/123456789/862	2022	UNIFAP Educação	Docência	Dissertação
SELEM, M. C. O. A Liga Brasileira de Lésbicas : produção de sentidos na construção do sujeito político lésbica. http://repositorio.unb.br/handle/10482/2397	2007	UNB História	Ativismo	Dissertação
SILVA, A. F. D. Mulheres em movimento (s): estudo etnográfico sobre a inserção de feministas e lésbicas em movimentos sociais intitucionalizados e autônomos na cidade de Porto Alegre/RS. https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93516	2012	UFSC Antropologia Social	Ativismo	Dissertação
SILVA, A. G. M. D. Cuidado com mulheres lésbicas: a clínica como invenção narrativa. https://www.btd.uerj.br:8443/handle/1/17072	2021	UERJ Psicologia	Saúde Mental	Dissertação
SILVA, D. A. D. Enfim mães!: da experiência da reprodução assistida à experiência da maternidade lésbica. https://www.btd.uerj.br:8443/handle/1/15343	2013	UERJ Psicologia	Maternidade lésbica	Dissertação
SILVA, D. M. E. Mulheres lésbicas e bissexuais: experiências em serviço de atenção primária relacionadas à prevenção de infecção sexualmente transmissível. https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/57476	2018	Fiocruz Saúde Pública	Saúde sexual	Dissertação
SILVA, J. R. P. D. Parentalidade e conjugabilidades em uniões homoafetivas femininas. http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/100	2008	UNICAP Psicologia	Relações afetivo-sexuais Maternidade lésbica	Dissertação
SILVA, M. M. T. D. A identidade e a vivência da maternidade lésbica negra em Recife-PE. https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29479	2017	UFPE Direitos Humanos	Maternidade lésbica	Dissertação
SILVA, P. C. D. A. "Mas, entre mulheres? Como assim!": uma análise antropológica sobre conflitos e violências em narrativas sobre conjugalidades lésbicas em Goiânia. https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11352	2020	UFG Antropologia Social	Relações afetivo-sexuais	Dissertação
SILVA, S. C. C. D. A saúde das mulheres lésbicas e bissexuais: ausências e direitos humanos no município de Belford Roxo/RJ. https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/57845	2022	Fiocruz Saúde Pública	Saúde	Dissertação

SILVA, T. D. M. G. "Você tem que ficar manobrando as coisas": lesbianidades, violências cotidianas e possibilidades de resistência. https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4591	2015	UFG Ciências Sociais	Lesbofobia Visibilidade Armário	Dissertação
SILVA, Y. A. C. D. Vozes do silêncio: lesbofobias e a processualidade suicida. https://repositorio.unesp.br/handle/11449/190750	2019	UNESP Psicologia	Saúde mental Juventude	Dissertação
SILVA, Z. P. D. "Sapatão não é bagunça": estudo das organizações lésbicas da Bahia. https://repositorio.ufba.br/handle/ri/24026	2016	UFBA Multidisciplinar Difusão do Conhecimento	Ativismo	Tese
SIMÃO, L. C. A importância do sexo seguro na saúde da mulher lésbica: uma análise sobre a perspectiva das mulheres no atendimento dos(as) profissionais ginecologistas. https://repositorio.unesp.br/handle/11449/213586	2021	UNESP Educação Sexual	Saúde sexual	Dissertação
SOUZA, J. C. D. Mulheres negras que amam mulheres: travessias e deslocamentos na produção de subjetividades. https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/24907	2021	PUC-SP Psicologia	Lésbicas negras Racismo	Dissertação
SOUZA, M. C. G. Identidade, sexualidade e gênero: uma análise de narrativas de mulheres lésbicas mães. https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10650	2020	UFG Psicologia	Maternidade lésbica	Dissertação
SOUZA, S. B. Lésbicas, entendidas, mulheres viados, ladies: as várias identidades sexuais e de gênero que reiteram e subvertem a heteronorma em uma unidade prisional feminina da Bahia. https://repositorio.ufba.br/handle/ri/29951	2018	UFBA Cultura e Sociedade	Identidade Racismo Prisioneiras	Tese
TATIANA CARVALHO DE, F. Professoras lésbicas na educação básica de São Paulo: rupturas e construção de visibilidades. https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-06072018-093210/pt-br.php	2018	USP Educação	Docência	Tese
TOLEDO, L. G. Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista. https://repositorio.unesp.br/handle/11449/97601	2018	UNESP Psicologia	Trajetórias de vida Lesbofobia	Dissertação
TOLEDO, L. G. "Será que eu tô gostando de mulher?": tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista. https://repositorio.unesp.br/handle/11449/105610	2013	UNESP Psicologia	Lesbofobia Identidade	Tese
TORRES, T. P. D. S. "Em papel carbono e barbante": currículo, normatividade e agência a partir de experiências escolares de jovens lésbicas. https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/33612	2018	UFPE Educação	Trajetórias escolares Educação	Dissertação
VIEIRA, R. C. A lesbofobia no processo de saúde e adoecimento de mulheres lésbicas no Complexo da Maré-RJ. https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/56655	2022	Fiocruz Saúde Pública	Lesbofobia Saúde Racismo	Dissertação